



André Luis Demichei

**A TRAJETÓRIA DO DESENVOLVIMENTO NO MUNICÍPIO DE
NÃO-ME-TOQUE/RS:
DA AGRICULTURA CONVENCIONAL À INDUSTRIALIZAÇÃO
METALMECÂNICA E AGRICULTURA DE PRECISÃO**

Dissertação de Mestrado

Cruz Alta – RS, 2015

André Luis Demichei

**A TRAJETÓRIA DO DESENVOLVIMENTO NO MUNICÍPIO DE
NÃO-ME-TOQUE/RS:
DA AGRICULTURA CONVENCIONAL À INDUSTRIALIZAÇÃO
METALMECÂNICA E AGRICULTURA DE PRECISÃO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Desenvolvimento Rural da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Maria Prudêncio de Mera

Cruz Alta – RS, 2015

Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ
Programa de Pós-Graduação em Mestrado
Profissional em Desenvolvimento Rural

**A TRAJETÓRIA DO DESENVOLVIMENTO NO MUNICÍPIO DE
NÃO-ME-TOQUE/RS:
DA AGRICULTURA CONVENCIONAL À INDUSTRIALIZAÇÃO
METALMECÂNICA E AGRICULTURA DE PRECISÃO**

Elaborado por
André Luis Demichei

Como requisito parcial para obtenção do Título de
Mestre em Desenvolvimento Rural

Banca Examinadora

Profa. Dra. Cláudia Maria Prudêncio de Mera _____ UNICRUZ

Profa. Dra. Tamara Silvana Menuzzi Diverio _____ UNICRUZ

Profa. Dra. Suzimary Specht _____ UFSM

Cruz Alta - RS, 19 de junho de 2015.

Dedico esta dissertação a meus pais, que me deram a vida, a meus irmãos que me apoiaram e em especial a minha esposa e minhas filhas que sempre me deram tranquilidade e força para concluir esta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Neste momento único e tão esperado quero agradecer a todos que de alguma forma colaboraram para que esta dissertação ficasse pronta e pudesse ser defendida.

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me concedido forças para seguir na luta a cada queda, a meus pais que me deram a vida e me ensinaram a ética, o respeito e a humildade, e a ser um cidadão de bem.

Agradeço, principalmente, a minha esposa Izabel, que sempre me apoiou e através de quem acabei ingressando no programa de mestrado, mesmo sem saber se teria condições de concluí-lo, graças a seu esforço em me apoiar sempre que precisei, em educar nossas filhas sempre que estive ausente e a me fazer feliz sempre que encontrava alguma adversidade, o meu muito obrigado.

Agradeço a minhas filhas, Eduarda e Victória, que são a minha razão de viver, minha inspiração e fonte de dedicação, todo o meu esforço é para que sejam felizes.

Agradeço, em especial, a minha orientadora Profa. Cláudia, sempre pronta a dar aquela ajuda com sua dedicação extrema e que muito colaborou para a construção da dissertação final.

Agradeço à professora Tamara, pelos conselhos e pela organização sequencial proporcionada para que a dissertação pudesse atingir os objetivos propostos do estudo delimitado.

Agradeço a todos os professores que colaboraram de alguma forma para enriquecer minha pesquisa, deixando meu trabalho mais rico e elaborado.

Agradeço aos colegas que tive ao longo do curso que me ajudaram e também mudaram algumas formas de visão do mundo, compartilharam comigo alegrias, angústias e incertezas quanto ao projeto de dissertação.

Agradeço, em especial, aos proprietários das empresas do setor metalmeccânico e aos agentes do município de Não-Me-Toque, que tão bem me acolheram e colaboraram para a

pesquisa. Agradeço às empresas STARA e JAN, que foram acessíveis e disponibilizaram espaço para que fosse realizada a pesquisa com seus colaboradores.

Agradeço, também, a minha instituição de ensino, IFRS-Campus Ibirubá, pela flexibilização de horários para que eu pudesse, com mais tranquilidade, desenvolver a pesquisa e realizar o esperado mestrado.

RESUMO

O meio rural sofreu grandes mudanças com a modernização agrícola, principalmente após os anos 1960, quando em nosso país, começou a ganhar maior impulso a indústria voltada a fabricação de equipamentos agrícolas. Com isto objetivou-se nesta pesquisa identificar a contribuição do setor metalmeccânico para o desenvolvimento do município de Não-Me-Toque-RS, para isso, buscou-se ainda identificar o processo histórico de desenvolvimento do setor metalmeccânico no município; verificar se o processo de industrialização colaborou para a diminuição da população rural no município. Metodologicamente o estudo é caracterizado como descritivo, através de pesquisa de campo com agentes de desenvolvimento do município e proprietários/gerentes das empresas através de entrevistas. De outro lado, foram aplicados 416 questionários com os colaboradores das duas maiores indústrias do setor metalmeccânico do município, estes dados foram tratados de forma quantitativa com a ajuda da ferramenta Excel. Os dados qualitativos foram analisados pelo método de análise de conteúdo. Os resultados da pesquisa demonstram que o desenvolvimento da indústria tem colaborado para o desenvolvimento do município. Observa-se ainda, que a diminuição da população no meio rural, nas últimas décadas, não está relacionada diretamente a industrialização do município, e sim, a falta de melhores condições perante o meio urbano especialmente para o agricultor mais jovem que vê na cidade a oportunidade de melhor qualidade de vida e o meio rural apenas se tornou atraente e vantajoso para quem é médio ou grande produtor. Os dados que melhor comprovam as melhorias sociais e econômicas no município estão relacionadas aos avanços da renda, aumento da escolaridade, melhorias no saneamento. Por outro lado, há áreas em que estes avanços não acompanharam a evolução do setor metalmeccânico como é o caso do comércio e serviços que ficam aquém do esperado pela população pesquisada.

Palavras-chave: Desenvolvimento, setor metalmeccânico, modernização agrícola, industrialização.

ABSTRACT

The rural environment has undergone great changes in the agricultural modernization, especially after the 1960s, when in our country began to gain greater momentum driven industry the manufacture of agricultural equipment. With this the aim of this research was to identify the contribution of the metalworking sector to the development of Não-Me-Toque-RS municipality. In order to do that, the historical process of the development of such sector was identified; it was also verified if the process of industrialization took part in the decreasing of the rural population of the municipality. In terms of methodology, this study is characterized as descriptive, through field research with the agents of development from the city as well as the owners/agents of enterprises through interviews. Also, 416 questionnaires were applied to collaborators of the two biggest metalworking industries of the city. Such data were analysed in a quantitative perspective with the help of Excel tool. The qualitative data were analysed through the method of content analysis. The results of the research demonstrated that the development of industry has contributed to the development of the city. It is also noted that the decreasing of the rural population in the last decades is not directly related to the process of industrialization of the city, but to the lack of better conditions of such area in relation to the urban one, especially to the young agriculturist who sees better life opportunities in the city. The rural areas are advantageous only for the medium- or big-sized producers. The data which better prove the social and economic enhancement in the city are related to the advances in salary, increasing in schooling, and the improvement of sanitation. On the other hand, there are areas in which such advances have not followed the evolution of the metalworking sector such as the case of commerce and services which is below that expected by the group interviewed.

Key-words: development, metalworking sector, agricultural modernization, industrialization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1- Mapa de localização do COREDE Alto Jacuí	23
Gráfico 1 – Faixa etária dos colaboradores nas empresas pesquisadas.....	58
Gráfico 2 – Nível de escolaridade dos colaboradores nas empresas pesquisadas.....	59
Gráfico 3 – Tempo de serviço dos colaboradores nas empresas pesquisadas.....	59
Gráfico 4 – Setor de trabalho dos colaboradores das empresas pesquisadas.....	60
Gráfico 5 – Função na empresa dos colaboradores das empresas pesquisadas.....	60
Gráfico 6 – Local de residência do colaborador.....	61
Gráfico 7 – Motivo de escolha da empresa para trabalhar.....	62
Gráfico 8 – Empresa trabalhada antes da atual que pertença ao setor metalmeccânico.....	63
Gráfico 9 – Aspectos sobre em quais itens a melhoria econômica é mais pronunciada.....	63
Gráfico 10 – Aspectos sobre melhoria social provocada pela indústria.....	64
Gráfico 11 – – Local de trabalho caso não estivessem na empresa atual.....	64
Gráfico 12 – Aspectos do município que apresentaram melhoria com a participação das empresas.....	66

Gráfico 13 – Local onde o colaborador gasta sua renda no município.....	67
Gráfico 14 – Opções de lazer, cultura e esporte frequentados pelos colaboradores.....	68
Gráfico 15 – Fatores representam valorização da empresa para o colaborador.....	68
Gráfico 16 – Motivos para à saída do colaborador do meio rural.....	71
Gráfico 17 – Tamanho da propriedade rural do colaborador.....	71
Gráfico 18 – Mudança do colaborador do meio rural para o meio urbano em relação a família.....	72
Gráfico 19 – Mudança observada com saída do meio rural.....	73
Gráfico 20 – Relação de carga horária entre o meio urbano e meio rural.....	74
Fluxograma 1 – Fluxograma metalmecânico	89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Evolução demográfica, por gênero, área de ocupação e taxa de urbanização (%) do município de Não-Me-Toque – 1960-2010	19
Tabela 2 – Estrutura fundiária brasileira.....	33
Tabela 3 - Informações sobre as empresas nos municípios do APL Pré-Colheita-COREDE Alto Jacuí	50
Tabela 4 – Razão de dependência no município de Não-Me-Toque entre 1991-2010	53
Tabela 5 - Município de Não-Me-Toque quanto a longevidade, mortalidade infantil e fecundidade entre 1991-2010	53
Tabela 6 - Renda, pobreza e desigualdade no município de Não-Me-Toque entre 1991-2010	54
Tabela 7 - Município de Não-Me-Toque sobre trabalho, ocupação e nível educacional entre 2000-2010	55
Tabela 8 - Vulnerabilidade social do município de Não-Me-Toque entre 1991-2010	55
Tabela 9 – Estrutura familiar do município de Não-Me-Toque entre 1991-2010	56
Tabela 10 – Trabalho, renda e condição de moradia do município de Não-Me-Toque entre 1991-2010	56

LISTA DE ABREVIATURAS

ACINT	Associação Comercial, Industrial, Agropecuária e Serviços de Não-Me-Toque
APL	Arranjo Produtivo Local
BRICS	Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
CAI	Complexo Agroindustrial
CCC	Causação Circular Cumulativa
COREDE	Conselho Regional de Desenvolvimento
COTRIJAL	Cooperativa Tritícola Mista Alto Jacuí
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EXPODIRETO	Feira Internacional do Agronegócio de Não-Me-Toque
FEE	Fundação de Economia e Estatística
FEPAM	Fundação Estadual de Proteção Ambiental
FIERGS	Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul
FJP	Fundação João Pinheiro

GIS	Sistemas de Informações Georreferenciadas
GPS	Global Positioning System
HA	Hectare
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
IF	Instituto Federal
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPTU	Imposto Predial Territorial Urbano
MIA	Máquinas e Implementos Agrícolas
NMT	Não-Me-Toque
PIB	Produto Interno Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
RH	Recursos Humanos
RS	Rio Grande do Sul
SAE	Serviço de Assuntos Estratégicos
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas empresas
SEDAI	Secretaria do Desenvolvimento e dos Assuntos Internacionais

SENAI Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SESI Serviço Social da Indústria

SUPRA Superintendência da Política de Reforma Agrária

UNICRUZ Universidade de Cruz Alta

UPF Universidade de Passo Fundo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	Problema de pesquisa	18
1.2	Objetivos	20
1.2.1	Objetivo Geral	20
1.2.2	Objetivos específicos	20
1.3	Justificativa.....	21
2	ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	22
2.1	Definição da área ou população-alvo do estudo.....	23
2.2	Plano de amostragem.....	24
2.3	Plano de análise dos dados	25
3	REFERENCIAL TEÓRICO	27
3.1	As transformações no meio rural no Brasil.....	27
3.1.1	O Brasil agrário de 1850 a 1930.....	28
3.1.2	O Brasil agrário no período da modernização agrícola	29
3.2	Industrialização e o desenvolvimento	35
3.2.1	Desenvolvimento: multiplicidade de conceitos	35
3.2.2	Desenvolvimento regional e local	37
3.2.3	Desenvolvimento agrícola, agrário e rural	38
3.2.4	O desenvolvimento e as interfaces com a industrialização	39
3.3	A industrialização no Brasil.....	43
4	CARACTERIZAÇÃO E TRAJETÓRIAS TECNOLÓGICAS PERCORRIDAS PELA INDÚSTRIA METAL-MECÂNICA NA REGIÃO DO ALTO JACUÍ E NO MUNICÍPIO DE NÃO-ME-TOQUE-RS.	46
4.1	Caracterização do município de Não-Me-Toque/RS.....	52
4.2	Contextualização social do município de Não-Me-Toque	52

5	CONTRIBUIÇÃO DO SETOR METALMECÂNICO PARA O DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE NÃO-ME-TOQUE: PERSPECTIVA DOS COLABORADORES DAS EMPRESAS ESTUDADAS E DAS INSTITUIÇÕES	58
5.1	Caracterização dos colaboradores das indústrias pesquisadas	58
5.2	Mudanças na renda e emprego dos colaboradores a partir do emprego na indústria.....	61
5.3	O desenvolvimento do setor metalmeccânico no município de Não-Me-Toque-RS e a sucessão no meio rural.....	70
5.4	Análise do setor metalmeccânico para o desenvolvimento do município de Não-Me-Toque-RS: percepção das instituições.....	75
5.4.1	Percepção de desenvolvimento do setor metalmeccânico a partir de proprietários/gerentes	75
5.4.2	Percepção dos agentes públicos do desenvolvimento do município de Não-Me-Toque e a contribuição do setor metalmeccânico	82
6	DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE NÃO-ME-TOQUE A PARTIR DA INDUSTRIALIZAÇÃO	88
6.1	As principais empresas empregadoras de mão de obra no município de Não-Me-Toque.....	88
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
8	REFERÊNCIAS	97
	APÊNDICE A - Roteiro semiestruturado de entrevistas para gerentes/prorietários das indústrias do setor metalmeccânico de Não-Me-Toque.....	101
	APÊNDICE B - Roteiro semiestruturado de entrevistas para agentes do município de Não-Me-Toque	103
	APÊNDICE C - Roteiro semiestruturado de entrevistas para funcionários das indústrias.....	105

1 INTRODUÇÃO

Antes da primeira Revolução Industrial, no século XVIII, as sociedades eram essencialmente rurais e não muito diferentes umas das outras quanto a sua evolução. A diferenciação começou a se acentuar com a ascensão do capitalismo e com a predominância do setor industrial em alguns países.

A partir deste contexto, o meio rural sempre foi palco de muitas transformações, tanto no aspecto cultural, quanto na área social, econômica e produtiva. Às vezes mais rápidas, às vezes mais lentas, e em grande parte influenciadas por agentes que estavam inseridos no espaço rural e com a industrialização, por agentes do espaço urbano. Este processo é dinâmico e provoca mudanças profundas no contexto social dos protagonistas desse arranjo. Essas transformações também ocorreram no Brasil.

O Brasil manteve-se predominantemente rural desde o início de sua colonização até o início dos anos 1930, quando começou o advento da industrialização, com a crescente urbanização, esta alicerçada pelo incentivo estatal. Até esse período a base econômica no Brasil era agrário-exportadora. A crise mundial de 1929, que derrubou os preços agrícolas, principalmente o café, contribuiu para uma mudança espacial e econômica no país, que deixa de ser agrário-exportador para ser urbano-industrial.

De acordo com Guedes (2007), até 1930 a industrialização no Brasil ocorre nas “franjas da economia cafeeira” e nos momentos de exportação da economia para atender às necessidades da economia cafeeira.

De acordo com Furtado (1967), o início desse período marca uma nova fase na economia agrária brasileira, pois a política baseada no modelo da oligarquia rural exportadora perde força e dá lugar a um novo poder político e econômico nascente, o modelo da industrialização, baseado em uma substituição de importações em que o poder político fica com a crescente burguesia industrial, porém dependente ainda da oligarquia rural.

Com estas mudanças estruturais alicerçadas na crescente importância da indústria, segundo Stédile (2005), a atividade agrícola teve algumas funções importantes, como:

- Fornecer a mão de obra para indústria, mantendo os salários da indústria pressionados para baixo devido ao crescente contingente populacional das cidades.
- Ser consumidora de matérias-primas.
- Fornecer alimentos para as cidades a um preço baixo.
- Fornecer divisas através da exportação.

- Fornecer matéria-prima para a indústria.

De acordo com Graziano da Silva (1980), o meio rural brasileiro intensifica o processo de modernização a partir dos anos 1960, com o que ficou conhecido como Revolução Verde. Tanto a agricultura como a pecuária passam por aumentos substanciais de produção e de produtividade com a inclusão tecnológica e consequente modernização.

Segundo Sorj (2008), o período após 1960 cria condições favoráveis para a ampliação do modo capitalista monopolista, colaborando para a modernização do setor agrícola, mas sem mudanças na estrutura fundiária vigente. Se, de um lado, o regime militar não iria apoiar uma reforma agrária radical que significasse uma transformação global do padrão de propriedade da terra, especialmente dos setores mais capitalizados da agricultura, de outro lado sua ênfase na modernização das forças produtivas e na obtenção de níveis mais altos de eficiência implicava, de alguma forma, mudanças na política para o setor agrícola.

A relação entre a agricultura e a indústria intensificou-se principalmente a partir da década de 1970, sendo que um setor passou a depender cada vez mais do outro. As agroindústrias cresceram como processadoras de produtos provenientes da agropecuária e se modernizaram, tornando-se mais exigentes. Consequentemente, a formação do complexo agroindustrial se dá a partir dessa maior relação entre a indústria e a agricultura no país.

Segundo Ricardo (1996), além dos progressos introduzidos nas técnicas e na maquinaria, várias outras causas operam constantemente no desenvolvimento natural do comércio e interferem no equilíbrio e no valor relativo do dinheiro. A invenção de máquinas que beneficiam os produtos nacionais tende sempre a aumentar o valor relativo do dinheiro e, portanto, a encorajar as importações. Todos os impostos, todos os obstáculos crescentes, tanto para o fabricante como para o agricultor, tendem, ao contrário, a reduzir o valor relativo do dinheiro e, portanto, a estimular sua exportação.

Apesar da modernização, ou por causa dela, ocorreram mudanças sociais profundas no meio rural, provocando êxodo rural, concentração fundiária e de renda, problemas ambientais, exploração e desocupação da mão de obra. Para Balsan (2006), estas alterações no modo de produzir proporcionaram uma reorganização no espaço geográfico, adequando-o às novas condições de produção determinadas pelos interesses do Estado e dos grupos econômicos capitalistas.

Segundo Teixeira (2005), a modernização da agricultura segue os moldes capitalistas e tende a beneficiar apenas determinados produtos e produtores, tendendo a fortalecer a monocultura. Com a modernização, ocorre a “industrialização da agricultura”, tornando-a

uma atividade nitidamente empresarial, abrindo um mercado de consumo para as indústrias de máquinas e insumos modernos.

Essas mudanças do contexto agrário no Brasil estão presentes em várias regiões, algumas de forma mais significativa, como a região Sul e Sudeste, e também em culturas específicas, como as direcionadas ao mercado externo.

Na região do Alto Jacuí – RS, onde está localizado o município de Não-Me-Toque, foco empírico deste estudo, as transformações com a implantação de indústrias do setor metalmeccânico, uma das primeiras na região, voltadas principalmente à fabricação de implementos agrícolas, ocorreram de forma mais intensa a partir de 1950, ocasionando urbanização crescente, atrelada à um projeto de desenvolvimento agrícola regional e nacional.

1.1 Problema de pesquisa

O município de Não-Me-Toque localiza-se no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, na região do Planalto Médio, inserido no Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDE) Alto Jacuí. É um município que tem na tradição a vocação agrícola, a qual estimulou a crescente e importante indústria metalmeccânica com suas atividades ligadas diretamente ao meio rural.

A área onde se encontra o município de Não-Me-Toque inicia sua formação com a chegada de portugueses à região, na segunda metade do século XIX. Ao final desse período, as terras da região ainda estavam quase inexploradas, o que levou à chegada dos alemães e italianos, produzindo agricultura de subsistência.

A partir de 1930, a atividade agrícola nas terras de Não-Me-Toque passou a exigir novas formas de adubação nas lavouras e o uso de máquinas agrícolas. Esse progresso na agricultura torna imprescindível a implantação da lavoura mecanizada. Em 1949, chegaram as primeiras famílias de imigrantes holandeses ao estado e se dirigiram para a região onde atualmente está situado o município, sendo este considerado o berço da imigração holandesa no Rio Grande do Sul.

A chegada dos imigrantes holandeses, experientes na mecanização das lavouras, propiciou um avanço com a fabricação de máquinas agrícolas. Todos esses aspectos justificam a “fama” do município na área da mecanização, além de ser pioneiro no uso de tratores, plantadeiras e colheitadeiras. Surgem também empresas que passam a trabalhar com sementes selecionadas.

Segundo Lima e Simões (2010), a zona de influência econômica de uma empresa é determinada por uma capacidade de atrair elementos econômicos. Esta capacidade fez com que o município crescesse economicamente centrado na indústria. Assim, para analisar essa modalidade de crescimento torna-se necessário considerar o papel desempenhado pela indústria motriz, pelo complexo de indústrias e pelo crescimento dos polos de desenvolvimento a partir das motrizes.

Assim, o município de Não-Me-Toque é conhecido nacionalmente como a “Capital Nacional da Agricultura de Precisão”, o que muito se deve à contribuição de imigrantes, especialmente os que se dedicam à atividade agrícola, e à necessidade de produzir ferramentas, apesar da grande vocação agrícola e o setor ter um papel de extrema importância para a economia do município.

Cabe ressaltar que juntamente com a modernização agrícola ocorre o aumento da produção, da produtividade e, por outro lado, a diminuição da população rural, conforme mostra a Tabela a seguir.

Tabela 1 – Evolução demográfica, por gênero, área de ocupação e taxa de urbanização (%) do município de Não-Me-Toque – 1960-2010

População	1960	1970	1980	1991	2000	2010
População total	14.163	10.968	12.771	14.028	14.413	15.936
População residente masculina	7.013	5.447	6.333	6.459	7.072	7.855
População residente feminina	7.150	5.521	6.438	6.750	7.341	8.081
População urbana	3.153	4.040	8.211	10.093	11.794	13.966
População rural	11.010	6.928	4.560	3.935	2.619	1.970
Taxa de Urbanização	22,26	36,76	64,29	72,75	81,83	87,64

Fonte: IBGE (censo demográfico 1960-2010).

Uma das causas da diminuição da população rural no município é apontada por Mera (2011):

Sendo evidente que a distribuição espacial da população tem uma associação direta com a distribuição das oportunidades econômicas na região, a saída do jovem do meio rural deixa transparecer, pelos relatos das entrevistas, a importância do setor industrial como proporcionador destas oportunidades nos municípios de Não-Me-Toque, Tapera, Ibirubá e Lagoa dos Três Cantos. Este último, por estar localizado próximo aos outros municípios nos quais o setor industrial representa uma importante atividade econômica através do setor metalmeccânico, como um importante polo, voltado principalmente à produção de máquinas e implementos agrícolas. (p. 213).

De acordo com Myrdal (1957 apud LIMA e SIMÕES, 2010), a dinâmica econômica regional está baseada em um processo no qual se não ocorrerem mudanças exógenas em uma localidade esta se tornará pouco atrativa e, no caso da indústria, acarretará a sua perda e, conseqüentemente, um ponto negativo do processo, que são o desemprego e a perda de renda para esta sociedade. Ainda, segundo o autor, esses fatores exógenos podem ser a diminuição de impostos ou a implantação de uma nova indústria, aumentando a atratividade local.

Essas mudanças fizeram com que o município de Não-Me-Toque obtivesse mais empresas ligadas ao setor metalmeccânico, provocando um aumento de emprego e renda e elevando a atratividade exercida na região.

Segundo Lima e Simões (2010), a questão-chave para o desenvolvimento é dada pela capacidade de investir, que depende de setores modernos da economia e do empreendedorismo local. Através destes efeitos a indústria (mestre) pode induzir o surgimento de várias outras, chamadas de indústrias satélites.

De acordo com Marshall (1996), a difusão dos meios de transporte e comunicação tende a concentrar determinadas indústrias em determinadas localidades, assim como condições físicas como clima e solo e concentração de trabalhadores especializados. Ou seja, concentração de indústrias de um mesmo ramo de atividade em uma dada região propicia uma especialização produtiva e gera ganhos de escala comuns ao conjunto das empresas. Assim, diante desse contexto, esta pesquisa se propõe a estudar: **Qual a contribuição do setor metalmeccânico para o desenvolvimento do município de Não-Me-Toque/RS?**

A partir dessa questão principal, podem-se formular algumas indagações específicas: Quais as mudanças que as empresas do setor metalmeccânico provocam na geração de emprego e renda para a população do município de Não-Me-Toque? Existe relação entre as alterações populacionais e de sucessão na área rural com o desenvolvimento do setor metalmeccânico no município?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

- Analisar o desenvolvimento no município de Não-Me-Toque/RS através da mudança da agricultura convencional para a agricultura de precisão resultante da criação de uma indústria voltada ao setor metalmeccânico.

1.2.2 Objetivos específicos

- ✓ Caracterizar as trajetórias tecnológicas percorridas pela indústria metalmeccânica na região e no município de Não-Me-Toque-RS;

- ✓ Verificar a percepção das instituições e colaboradores das empresas estudadas a respeito da contribuição do setor metalmeccânico para o desenvolvimento do município de Não-Me-Toque;
- ✓ Verificar o desenvolvimento do setor metalmeccânico no município de Não-Me-Toque-RS e a relação com a sucessão no meio rural;
- ✓ Investigar o desenvolvimento do município de Não-Me-Toque a partir da industrialização.

1.3 Justificativa

O processo de industrialização no Brasil foi do tipo tardio, pois só ocorreu de fato a partir dos anos 1930 do século XX. A indústria foi substituída de importações, não representando grandes inovações em seu processo produtivo. No município de Não-Me-Toque o processo de industrialização teve seu início nos anos 1950, com a chegada das primeiras famílias de holandeses e também com a necessidade de se desenvolver e adaptar implementos para a lavoura.

Essa necessidade de aumentar a produtividade e diminuir o tempo para as tarefas no campo transformou o município em um polo de atração para indústrias do setor metalmeccânico, que através da melhora nos preços das commodities no mercado internacional ampliaram seus parques fabris e favoreceram a instalação de novas indústrias, as quais resultaram em um grande aporte de empregos que possuem reflexo direto com o desenvolvimento do município e também com o processo de urbanização fortemente acentuado.

O presente estudo justifica-se pelo grande aporte de empregos que as empresas do setor metalmeccânico fornecem ao município de Não-Me-Toque e através deles investigar se esta disponibilidade de emprego tem refletido em desenvolvimento para o município, e também observar se o setor tem colaborado com a mudança populacional do meio rural com a retirada principalmente do jovem para trabalhar na indústria.

Ele também pode colaborar para que de posse de dados preliminares sobre a evolução social e econômica da população do município de Não-Me-Toque, juntamente com a criação e evolução de empresas ligadas ao setor metal-mecânico, o poder público possa fazer a adoção de políticas públicas nas diferentes áreas sociais de menor evolução e desenvolvimento para poder elaborar estratégias que possam melhorar a qualidade de vida da população.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste item são apresentadas as formas de elaboração da pesquisa, além das etapas que foram seguidas para alcançar os objetivos propostos no estudo.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa é considerada como descritiva. De acordo com Gil (1994, p. 44), este tipo de pesquisa “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Quanto à forma de abordagem do problema, é uma pesquisa qualitativa e quantitativa. Com relação aos procedimentos técnicos, realizou-se a pesquisa bibliográfica e com dados secundários foram identificados e analisados os trabalhos e autores que subsidiam a interpretação e a análise dos dados da pesquisa.

Além disso, para um maior aprofundamento da realidade empírica, realizou-se pesquisa de campo. Nesse momento, foram elaborados três modelos diferentes de questionários: um para os agentes públicos, um para os proprietários/gerentes das empresas do setor metalmeccânico e outro modelo para colaboradores das duas maiores e primeiras empresas do setor metalmeccânico estabelecidas no município de Não-Me-Toque.

A forma como foi desenvolvida a pesquisa de campo e aplicados os questionários teve a seguinte estrutura:

- a) Identificação das Instituições representativas do setor metalmeccânico fornecida pela Secretaria de Desenvolvimento com seus respectivos endereços e contatos telefônicos e eletrônicos.
- b) Identificação de agentes públicos relevantes para a pesquisa.
- c) Inclusão de entrevistados para a pesquisa através do aceite e o respectivo agendamento para a consulta.
- d) Entrevista com agentes e proprietários/gerentes realizada pelo autor da pesquisa e envio de questionários para os colaboradores das duas maiores empresas do setor metalmeccânico. Os questionários foram repassados aos colaboradores por responsáveis das empresas e depois de respondidos foram entregues ao pesquisador.

A pesquisa com os agentes e proprietários/gerentes teve um caráter qualitativo através de análise de conteúdo e interpretação de dados coletados; a pesquisa com os agentes públicos foi realizada entre maio/2014 e janeiro/2015; já a pesquisa com proprietários/gerentes das empresas envolvidas foi desenvolvida de maio/2014 a setembro/2014; a pesquisa com os colaboradores das duas maiores empresas do setor

desenvolveu-se de setembro/2014 a dezembro/2014. Esta pesquisa teve a participação de um acadêmico do curso de Medicina Veterinária, que colaborou coletando dados na pesquisa de campo.

2.1 Definição da área ou população-alvo do estudo

Utilizou-se como universo de estudo o município de Não-Me-Toque, sendo o recorte espacial utilizado pelo COREDE– Alto Jacuí, demonstrado conforme a Ilustração a seguir. A região está situada no noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Segundo os dados da Fundação de Economia e Estatística – FEE (2010), com uma área de 6.906,5 km², a população total é de 155.278 habitantes (84 % Urbana e 16% Rural) e é composta de quatorze municípios (Boa Vista do Cadeado, Boa Vista do Incra, Colorado, Cruz Alta, Fortaleza dos Valos, Ibirubá, Lagoa dos Três Cantos, Não-Me-Toque, Quinze de Novembro, Saldanha Marinho, Salto do Jacuí, Selbach, Santa Bárbara do Sul e Tapera). Os municípios que têm o maior número de habitantes são: Cruz Alta (65.819), Ibirubá (18.937), Não-Me-Toque (15.560), Salto do Jacuí (12.437), Tapera (10.530) e Santa Bárbara do Sul (8.731), os demais municípios têm menos de 5.000 habitantes conforme ilustração abaixo.



*Ilustração 1: Mapa de localização do COREDE Alto Jacuí
Fonte: Fundação de Economia e Estatística – RS (FEE)*

O foco empírico deste estudo é o município de Não-Me-Toque, o qual está situado a nordeste do COREDE Alto Jacuí, fazendo limite com os municípios de Colorado e Lagoa dos Três Cantos, integrantes da referida região.

O município possui uma área territorial de 361,7 km² com uma população de 15.938 (IBGE, 2010), sendo 13.966 urbana e 1.972 rural. De acordo com o site oficial¹ do município, este possui 84 indústrias e 36 estabelecimentos comerciais. As matrizes tributárias do município provêm da indústria 69,93%, agropecuária 14,39%, comércio 11,05% e serviços 4,50%.

2.2 Plano de amostragem

Quanto aos agentes, buscou-se aqueles que pudessem colaborar para que a pesquisa fosse significativa. Os agentes que foram convidados a participar da pesquisa foram: a Prefeita do município de Não-Me-Toque, o Secretário da Agricultura, a Secretária do Desenvolvimento, o Superintendente da EMATER, além da Associação Comercial, Industrial, Agropecuária e Serviços de Não-Me-Toque (ACINT) (a qual não participou).

Foram convidadas 15 empresas para participarem da pesquisa, sendo que destas 11 (onze) proprietários/gerentes aceitaram participar, numeradas de 1 a 11 para manter o sigilo de pesquisa.

Durante a entrevista, elencou-se questões abertas para que cada agente pudesse dar a resposta que melhor condissesse com a sua realidade. As questões possuíam um caráter qualitativo para a pesquisa, levando em conta a diversidade de atuação no setor. (Apêndice A)

As questões para os gerentes/prorietários eram divididas em 3 (três) blocos, o primeiro bloco composto por 6 (seis) questões ligadas a um perfil histórico, o segundo bloco composto também por 6 (seis) questões que se referiam ao quesito desenvolvimento do município e o terceiro bloco composto por outras 6 (seis) questões que se referiam aos funcionários das empresas. (Apêndice B)

Quanto aos colaboradores, foram realizadas entrevistas em duas empresas do setor metalmeccânico do município de Não-Me-Toque. Foram escolhidas as duas maiores empresas do município e também as precursoras do setor, e que coincidentemente têm a sua fundação no mesmo dia (29 de agosto de 1960), através de dissolução da sociedade que havia entre ambas. As empresas entrevistadas foram a STARA e a JAN, com 2.300 e 1.450 colaboradores, respectivamente. Na descrição e análise dos dados, as empresas participantes foram nomeadas de Empresa A e Empresa B.

Foram distribuídos 753 questionários entre as duas empresas pesquisadas, o que representa 20% dos colaboradores. O número de questionários que retornaram respondidos

¹ www.naometoquers.com.br

representam 11% dos colaboradores das duas empresas, e 9% dos questionários não retornaram ou estavam em branco.

Foram entregues 400 questionários na STARA e 353 na JAN. O número de questionários que retornaram da STARA foi de 270, e destes 217 estavam respondidos e 43 estavam em branco. No caso da JAN, retornaram 219 questionários e destes, 199 estavam respondidos e 20 estavam em branco. Assim, tem-se um total de 416 questionários respondidos pelos colaboradores das duas maiores indústrias do município de Não-Me-Toque. Dos questionários aplicados, 99 responderam ser de mão de obra oriunda do meio rural.

Os questionários foram entregues no dia 19 de setembro de 2014 na STARA, retornando no dia 07 de outubro de 2014; na JAN os questionários foram entregues no dia 30 de outubro de 2014, retornando no dia 04 de dezembro de 2014. (Apêndice C). Os questionários foram aplicados pelo autor aos proprietários/gerentes e também aos agentes do município com agendamento através de telefone, e-mail ou pessoalmente, além do auxílio de um estudante de graduação do curso de Medicina Veterinária da UNICRUZ.

O questionário para os colaboradores teve agendada data para ser entregue nas empresas e estas através de seus responsáveis distribuiu aos demais colaboradores sem que neste sentido houvesse participação do autor da pesquisa. Após um período estipulado pelo responsável da empresa, os questionários retornaram e o autor foi informado que estavam prontos e poderia retirá-los.

Portanto, os indivíduos entrevistados foram aqueles que se dispuseram a participar da pesquisa, por isso a amostra não atinge os requisitos de amostra probabilística. Assim, a sua representatividade em relação à população não pode ser verificada por completo e as suposições estatísticas sobre erros de amostragem e estimativas dos parâmetros da população não se aplicam. Gil (1994, p.97) define este tipo de amostra como amostragem por acessibilidade. Segundo ele, “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma, representar o universo”. Assim, a pesquisa foi realizada a partir da aproximação progressiva, por amostragem intencional e por acessibilidade.

2.3 Plano de análise dos dados

A análise de conteúdo para os dados qualitativos ocorreu através de classificação de palavras, frases, comparando-se respostas e interpretando o conteúdo para chegar a alguma

conclusão. Para os dados quantitativos utilizou-se o Excel, com comparações de diferentes variáveis, criando-se gráficos de pizza para exemplificar e melhor ilustrar estas variáveis.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo abordar-se-á a evolução do meio rural no Brasil, no Estado do Rio Grande do sul e no município de Não-Me-Toque, através da modernização agrícola e a industrialização do campo como fatores de desenvolvimento rural e de urbanização, assim como o papel da indústria para o desenvolvimento, principalmente através da geração de emprego e renda para a população.

3.1 As transformações no meio rural no Brasil

Desde o surgimento das cidades nas sociedades antigas a população, em sua grande maioria, continuava vivendo nas áreas rurais, pois estas constituíam as zonas de produção, as cidades tinham a finalidade de circulação e de comercialização das mercadorias. Este processo de relevante importância do meio rural ante o meio urbano prevaleceu até a Idade Média, período de domínio dos senhores feudais. Nestas sociedades pré-industriais, a área rural abrigava a maior parcela da população e também era desta área que provinha a maior parte da riqueza.

A predominância da área rural sobre a área urbana diminui a partir da Revolução Industrial, a qual mudou radicalmente as relações entre o campo e a cidade. Somente as cidades tinham condições de abrigar a indústria nascente, pois possuíam mão de obra suficiente e também um mercado consumidor, além de uma infraestrutura necessária para que a indústria desenvolvesse.

Nesse mesmo compasso da industrialização veio a urbanização. Grande parte da mão de obra para a indústria veio do meio rural, aumentando a população urbana. O meio rural deveria continuar respondendo pela produção de alimentos, e para que se pudesse alimentar uma população urbana crescente, técnicas de cultivo surgem e graças a elas foi possível aumentar a produtividade agrícola. Este incremento da técnica no campo ficou conhecido como Revolução Agrícola.

Atualmente, é o mercado urbano que determina a produção agrícola, o que e quanto produzir. Deste modo, a produção agrícola passa a atender a demanda da cidade e ao mesmo tempo ser dependente desta no que compete ao abastecimento de maquinários, insumos e defensivos. As cidades, antes apenas espaço de consumo e circulação de excedentes agrícolas, passam agora a centralizar através da indústria e da redistribuição da produção.

O Brasil passou por mudanças na forma de organização da produção e da apropriação dos bens da natureza com a chegada dos portugueses, apoiados pelo nascente

capitalismo comercial europeu. Os colonizadores organizaram o território para produzir produtos tropicais demandados pela Europa. Implantaram a exploração comercial da cana-de-açúcar, algodão, do gado bovino, do café, da pimenta-do-reino, além de aproveitar algumas plantas nativas para a produção em escala, como o cacau e o tabaco. A amplitude dessa produção era tanta que segundo as primeiras estatísticas organizadas pelo Banco do Brasil, em meados do século XIX, o Brasil colônia exportava mais de 80% de tudo o que era produzido aqui, configurando o modelo econômico do país, em agroexportador. (STÉDILE, 2005)

O sistema utilizado, apesar de não ser um consenso, foi denominado de *plantation*, termo inglês que denominava “plantagem” - sistema que consistia em uma organização agrícola baseada em grandes fazendas de práticas de monocultura, prática que consiste no cultivo de apenas um produto voltado à exportação, utilizando mão de obra escrava. (FURTADO, 1967)

Em relação à propriedade da terra, a forma adotada pelos europeus foi a do monopólio do território pela monarquia portuguesa. Assim, o fato de a propriedade da terra ter sido exclusiva da Coroa, não havendo propriedade privada, determina que a propriedade da terra não era capitalista. Segundo Graziano da Silva (1981), o desenvolvimento da agricultura capitalista dá-se num momento em que nem toda terra se encontrava apropriada, isto é, existia uma fronteira em movimento, através da criação da Lei de Terras, em 1850. Este acontecimento leva a uma concentração de terras que perpassa até os dias atuais.

3.1.1 O Brasil agrário de 1850 a 1930

Segundo Moraes (2014), diante da necessidade de comercializar seus produtos e defronte a países que não remuneravam a maioria de seus trabalhadores, a Inglaterra passou a pressioná-los para que abolissem a escravidão, a fim de que essa mão de obra fosse minimamente remunerada e com condições financeiras de adquirir produtos ingleses.

Em 1850, a coroa portuguesa, sofrendo pressões inglesas para substituir a mão de obra escrava pelo trabalho assalariado, e para impedir que futuros ex-escravos se apoderassem de terras, promulga a primeira Lei de Terras, a qual institui pela primeira vez no país a propriedade privada das terras. Esta lei também estabelece que qualquer cidadão brasileiro pode ser proprietário de terras, com direito à venda e à compra.

Essa lei visa, sobretudo, a impedir que futuros ex-escravos venham a se transformar em camponeses e serem pequenos proprietários de terras, pois como não teriam como comprá-las continuariam à mercê dos fazendeiros, agora como assalariados. A partir da Lei de

Terras, se consolida o latifúndio no Brasil e a grande concentração de terras na mão de poucos proprietários, persistindo até os dias atuais a injusta estrutura de propriedade de terras no Brasil (FURTADO, 2005).

Para Stedile (2005), esse período combina com o crescente movimento social no campo e na cidade em busca de melhorias de trabalho e o fim da escravidão. Com a abolição em 1888, em torno de 2 (dois) milhões de ex-escravos se viram livres e rumaram em direção às cidades em busca da sua sobrevivência. Como terrenos urbanos também estavam nas mãos dos capitalistas e os ex-escravos apenas encontravam trabalho na zona portuária, carregando e descarregando navios, a solução foi a busca das piores áreas para morarem, aquelas que não interessavam ao capitalista. Esses trabalhadores negros passaram a habitar as encostas, os manguezais, os morros. Portanto, a Lei de Terras de 1850 também dá origem às favelas nas cidades brasileiras. Ainda de acordo com o autor, com o fim do escravismo a saída encontrada para manter o modelo agroexportador foi a busca pela mão de obra imigrante europeia, em especial da Itália, Alemanha e Espanha, principalmente camponeses pobres excluídos do avanço do capitalismo industrial do século XIX, entre 1875 e o início da primeira guerra mundial em 1914. Este período do início do século XX vai dar origem a um movimento no campo intitulado campesinato, movimento este que passa a ter a participação tanto de imigrantes pobres europeus sem acesso à terra quanto de miscigenados entre brancos, negros e índios. O movimento ocorre principalmente no interior do continente, pois as melhores terras litorâneas já estavam ocupadas pelos capitalistas.

3.1.2 O Brasil agrário no período da modernização agrícola

O processo de modernização da agricultura no Brasil tem origem na década de 1950 com as importações de meios de produção mais avançados. No entanto, é só na década de 1960 que esse processo vai acontecer concretamente, com a implantação no país de um setor industrial voltado para a produção de equipamentos e insumos para a agricultura. (TEIXEIRA, 2005).

Segundo Sorj (1986 apud TEIXEIRA, 2005), com a implantação do regime militar em 1964 foram criadas as condições favoráveis para a afirmação do modelo capitalista monopolista, centrado nas grandes empresas de capital estrangeiro, estatal e nacional. Houve uma expansão do mercado interno e uma maior exigência em relação à modernização agrícola. No entanto, não se observa nenhuma proposta de transformação básica na estrutura fundiária durante o regime militar.

Esta união entre burguesia industrial e oligarquia rural era evidente, pois a primeira tem sua origem na oligarquia rural e também porque o modelo industrial era dependente, isto é, precisava importar máquinas, e só era possível com a continuidade das exportações agrícolas (STEDILE, 2012).

Com todo esse envolvimento, imaginava-se que surgisse uma indústria voltada ao setor agrícola, uma indústria de insumos como máquinas, fertilizantes, agrotóxicos voltados, principalmente, ao cultivo do trigo, cana, café, algodão vinculados a uma economia de mercado.

Com esta lógica capitalista, aumentou a concentração de terras no meio rural em regiões onde a lógica latifundiária permanecia intacta desde a sua origem. Chega-se ao final desse período com uma agricultura moderna, capitalista e um camponês cada vez mais dependente do capital industrial.

O meio rural brasileiro intensifica o processo de modernização a partir dos anos 1960, ficando conhecido como Revolução Verde. Tanto a agricultura como a pecuária passam por aumentos substanciais com a inclusão tecnológica.

A partir de 1960, a Igreja Católica, as Ligas Camponesas e os políticos populistas entram na concorrência para serem identificados como representantes dos trabalhadores rurais. Em 1963, o governo cria a Superintendência da Política de Reforma Agrária - SUPRA, incumbida de ajudar os trabalhadores rurais e seus representantes a formarem centenas de sindicatos espalhados pelo país. A partir de 1964, com a ascensão dos militares ao poder e com o objetivo de acalmar os ânimos no meio rural é elaborado o Estatuto da Terra, o qual vai instituir que a terra tem um valor social, e aquela que não estiver sendo aproveitada será passível de reforma agrária. O estatuto também vai classificar os imóveis rurais e definir quais serão passíveis de serem desapropriados e demarcados para a reforma agrária e, ao mesmo tempo, vai servir para os militares caçarem quase 80% destes sindicatos criados recentemente, preservando apenas os sindicatos que estavam vinculados com anticomunistas assumidos, geralmente padres e seus aliados católicos. (WELCH, 2006).

De acordo com Moraes (2014), a criação do Estatuto da Terra está intimamente ligada ao clima de insatisfação reinante no meio rural brasileiro e ao temor do governo e da elite conservadora pela eclosão de uma revolução camponesa. Afinal, os espectros da Revolução Cubana (1959) e da implantação de reformas agrárias em vários países da América Latina (México, Bolívia, etc.) estavam presentes e bem vivos na memória dos governantes e das elites.

Durante o período militar, que durou até 1985, a reforma agrária de fato não ocorreu, além do que os líderes dos movimentos dos trabalhadores rurais foram perseguidos, presos e muitas vezes mortos pelos militares.

Com a Constituição de 1988, novamente o poder dos grandes proprietários prevaleceu para que a reforma agrária fosse dificultada, pois no artigo 184 um dispositivo conservador vai dificultar a sua implantação. De acordo com o artigo, compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social, mediante prévia e justa indenização em títulos da dívida agrária, com cláusula de preservação do valor real, resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão, e cuja utilização será definida em lei.

Esta função social atribuída no artigo 184 vai ser definida no artigo 186, que diz que a função social é cumprida quando a propriedade rural atende, simultaneamente, segundo critérios e graus de exigência estabelecidos em lei, aos seguintes requisitos:

I - aproveitamento racional e adequado;

II - utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente;

III - observância das disposições que regulam as relações de trabalho;

IV - exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores. (BRASIL, 1988)

Segundo Sorj (2008), o governo militar também criou condições favoráveis para a ampliação do modo capitalista monopolista, colaborando para a modernização do setor agrícola, mas sem mudança na estrutura fundiária vigente. Se, de um lado, o regime não iria apoiar uma reforma agrária radical que significasse uma transformação global do padrão de propriedade da terra, especialmente dos setores mais capitalizados da agricultura, por outro lado sua ênfase na modernização das forças produtivas e na obtenção de níveis mais altos de eficiência implicava, de alguma forma, mudanças na política para o setor agrícola.

Segundo Graziano da Silva (2000), a estrutura fundiária evolui em um sentido concentrador e excludente, dificultando qualquer tipo de acesso à terra aos trabalhadores rurais brasileiros. Isto revela no Brasil a concentração de terras na mão de poucos proprietários. A concentração de terras se dá muitas vezes não como meio de produção, mas para fins de especulação imobiliária ou de reserva de valor, levando o sistema capitalista ao comando do processo de modernização do campo.

Aliada às políticas do governo de crédito facilitado no campo e pelo desenvolvimento do país urbano-industrial, a agricultura não apenas correspondeu às demandas do mercado como alterou profundamente a sua forma de reprodução. A nova forma

de produzir no campo possui um caráter excludente, pois a sobrevivência do agricultor se dá através da modernização. À medida que adere a este novo modelo de produção capitalista, o agricultor se vê pressionado a comprar insumos em um mercado oligopolizado e na sua maioria de capital externo e, quando vende, também encontra um mercado pequeno que vai estabelecer o preço de compra.

Segundo um estudo de caso no Rio de Janeiro, realizado por Ribeiro, Neil e Galvão (2000, p. 288 apud BALSAN, 2006 p. 18), identifica-se que:

[...] as áreas nas quais são detectados índices mais elevados de modernização na agricultura encontram-se organizadas importantes atividades agropecuárias, aquelas voltadas para produtos valorizados em escala de mercado, enquanto nas áreas de agricultura tradicional, os índices de modernização são baixos.

Seguindo essa lógica da agricultura modernizada, o país apresentou dois lados opostos: o do aumento de produção e de produtividade, e o de destruição de florestas e perda de biodiversidade, erosão dos solos e contaminação dos recursos naturais.

Graziano Neto (1982, p. 26) complementa:

“Normalmente quando se fala em modernização da agricultura pensa-se apenas nas modificações ocorridas na base técnica de produção, na substituição das técnicas agrícolas substituídas por técnicas ‘modernas’ [...] Modernização, porém, significa mais que isso. Ao mesmo tempo que vai ocorrendo aquele processo técnico da agricultura, vai-se modificando também a organização da produção, que diz respeito às relações sociais (e não técnicas) de produção”.

Pode-se dizer que a expansão da agricultura brasileira se dá com a consolidação dos Complexos Agroindustriais (CAIs). Este processo se configura com a indústria a montante e a jusante dando o suporte necessário para a modernização do campo. Com essa ligação a cidade e o campo deixam de ser separados passando a serem dependentes um do outro através da indústria.

Para Graziano Neto (1985) a chamada modernização da agricultura não é outra coisa, para ser mais correto, que o processo de transformação capitalista da agricultura, que ocorre vinculado às transformações gerais da economia brasileira recente. De acordo com o autor, a desigualdade da modernização se dá em três níveis distintos: entre as regiões do país, entre as atividades agropecuárias e entre os produtores rurais. E acrescenta: “É fácil mostrar que, em termos regionais, é o Sudeste e o Sul do país que mais se têm modernizado, particularmente os Estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul”.

Segundo Müller (1989, p. 45):

O complexo agroindustrial, CAI, pode ser definido, em termos formais, como um conjunto formado pela sucessão de atividades vinculadas à produção e transformação de produtos agropecuários e florestais. Atividades tais como: a ração destes produtos, seu beneficiamento/transformação e a produção de bens de capital e de insumos industriais para as atividades agrícolas; ainda: a coleta, a armazenagem,

o transporte, a distribuição dos produtos industriais e agrícolas; e ainda mais: o financiamento, a pesquisa e a tecnologia e a assistência técnica.

Ainda de acordo com Graziano Neto (1985) sobre a questão da modernização parcial da agricultura brasileira, em 1975, 85,8% dos tratores encontravam-se nas regiões Sudeste e Sul. Quanto ao uso de fertilizantes químicos e agrotóxicos a situação não é diferente, concentrando-se nessas regiões. Enquanto, por exemplo, o consumo de fertilizantes era em média de 73,6 kg por hectare de cultura no Brasil, em 1978, no Estado de São Paulo o valor chegou a 180 kg por hectare. Salienta-se, também, que do total do crédito agrícola, 78% foram destinados às regiões Sudeste e Sul.

A agricultura enfrentou o processo de inovação através da modernização e industrialização quando inseriu a mecanização, o uso de defensivos, fertilizantes e melhoramento genético para obter ganhos de produtividade e, conseqüentemente, aumentar os lucros do produtor rural.

Segundo Adam Smith (1776 apud RICARDO, 1996 p. 235)

Na medida que uma maior parte do capital de um país for empregada na agricultura”, diz ele, “maior será a quantidade de trabalho produtivo que ele acionará dentro do país, assim como maior será o valor que seu emprego agregará ao produto anual da terra e do trabalho da comunidade. Depois da agricultura, o capital empregado nas manufaturas é o que aciona a maior quantidade de trabalho produtivo e agrega o maior valor ao produto anual. O capital empregado no comércio de exportação é o menos produtivo dos três.

Um ponto importante para o desenvolvimento tecnológico tem a ver com as capacitações humanas, pois serão elas que irão resultar em diferentes formas de aprendizado e estes em conhecimentos variáveis, os quais influenciarão em significativo desenvolvimento local.

De acordo com Paiva (1979 apud GONÇALVES NETO, 1997 p. 81-82)

A teoria da modernização agrícola apoia-se na difusão da nova tecnologia [...] na criação de novos conhecimentos e de novos insumos que trazem aumento de produtividade dos fatores empregados nas atividades agrícolas [...] desse modo pode se ter aumentos de produção e de produtividade, assim como a geração adicional de renda que impulse o crescimento econômico.

As políticas de reforma agrária do passado demonstraram ser pouco efetivas, a concentração de terras no Brasil continua alta, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 2 – Estrutura fundiária brasileira

Tamanho estabelecimentos	% dos estabelecimentos	% área ocupada
<10 há	50,34	2,36
>10 ha e <100 há	40,07	19,06
>100 ha e <1000 há	8,64	34,16
>1000 há	0,95	44,42
Total	100	100

Fonte: IBGE, Censo agropecuário, 2006

De acordo com Balsan (2006), o processo de modernização agrícola se por um lado aumentou a produtividade das lavouras, por outro levou a impactos ambientais indesejáveis. Os problemas ambientais mais frequentes, provocados pelo padrão produtivo monocultor foram a destruição das florestas e da biodiversidade genética, a erosão dos solos e a contaminação dos recursos naturais e dos alimentos.

Com relação à qualidade de vida, pode-se considerar, também, a introdução de espécies vegetais ‘melhoradas’, cujo sentido é apenas aumentar a produtividade. Entretanto, essas sementes são mais do que simplesmente uma forma de aprimorar a produtividade, expressam o poder das estruturas funcionais de grupos de empresários do Brasil e do estrangeiro, evidenciado no impacto da modernização e da globalização da atividade agrícola. (BALSAN, 2006)

Conforme Marangoni e Plá (2002), no que diz respeito à tecnologia (difundida e acessível), as grandes empresas produtoras de máquinas agrícolas têm apostado na chamada agricultura de precisão, considerada a nova fronteira tecnológica na mecanização agrícola. Trata-se de novos produtos lançados pelas indústrias de máquinas agrícolas que incorporam equipamentos computadorizados e tecnologia de satélites que permitem precisar a quantidade e a localização de insumos como fertilizantes, sementes e pesticidas, reduzindo o desperdício e os poluentes, através do geoprocessamento, técnica que permite analisar imagens de satélites e dados captados pelo GPS (sistema de localização global) e gerar mapas digitais, monitorando as máquinas e implementos agrícolas. Uma nova geração de tratores e colheitadeiras tem surgido, procurando incorporar inovações que apresentem ao mesmo tempo soluções mais adequadas do ponto de vista ecológico e preservacionista. Nessa linha, as empresas têm procurado lançar novos produtos que impliquem em menor erosão do solo, mais leves e menos compactadores do solo, máquinas com menor emissão de poluentes e mais econômicas e o uso crescente de inovações no campo da informática que permitam otimizar a utilização de insumos agrícolas.

3.2 Industrialização e o desenvolvimento

Desde que a sociedade entrou na era industrial, as transformações da natureza com o consumo de matéria-prima e as mudanças sociais e econômicas foram intensas. Em contrapartida, estas transformações e mudanças nem sempre foram homogêneas. Um grande fator para a evolução das civilizações do período pós-navegações foi o crescimento econômico proporcionado pela expansão industrial, mas este crescimento nem sempre resultou em desenvolvimento.

Este subitem objetiva discutir o papel da industrialização na economia e no seu desenvolvimento, a industrialização no Brasil e, por fim, a contribuição da industrialização para o desenvolvimento agrícola e para o meio rural. Antes do debate sobre a industrialização, inicia-se a discussão sobre a multiplicidade de conceitos sobre desenvolvimento.

3.2.1 Desenvolvimento: multiplicidade de conceitos

No campo da economia, destaca-se a contribuição de Lewis (1960 apud SILVA, 2012), que considera importante o crescimento econômico para alcançar o desenvolvimento, pois permite maior liberdade de escolha de como melhor aproveitar o tempo. Para o autor, graças ao crescimento é possível escolher entre ter mais tempo para o lazer ou mais bens e serviços.

De acordo com Souza (2005), o termo desenvolvimento econômico não possui uma definição universalmente aceita, tendo uma primeira corrente de economistas, de inspiração mais teórica, que considera crescimento como sinônimo de desenvolvimento; outra segunda corrente, voltada para a realidade empírica, entende que o crescimento é condição indispensável para o desenvolvimento, mas não é condição suficiente.

Segundo Furtado (1967), o desenvolvimento econômico não era uma simples etapa histórica que todos os países deveriam passar, mas nas relações de trocas iniciadas na Revolução Industrial, que resultou em uma periferia subdesenvolvida e dependente. Segundo ele, o processo de desenvolvimento econômico é condicionado ao aumento da produção e da produtividade acompanhado pela melhora na distribuição de renda.

Conforme Souza (2005), o desenvolvimento econômico ocorre pela existência de crescimento econômico contínuo, superior ao crescimento demográfico, envolvendo melhorias nas estruturas e nos indicadores econômicos, sociais e ambientais além de implicar no fortalecimento da economia nacional, ampliação da economia de mercado, elevação da

produtividade e do nível de bem estar da população, juntamente com a preservação do meio ambiente.

Deleuze e Guattari (1997 apud ESPÍRITO SANTO, 2008) afirmam que a produção atual é de uma subjetividade capitalística, presa aos modos de produção e que decorrem em uma determinada relação consigo mesmo, um modo de compreender e viver no mundo como um autômato. A possibilidade de subjetivação, ou abertura para o contato de si com forças cósmicas, moleculares, indefiníveis, seria a possibilidade de uma libertação e criação de novas subjetividades, diferentes daquele de um indivíduo-para-o-consumo, controlado por estímulos e necessidades criadas por dispositivos sociais e midiáticos.

Ianni (2001) faz interessante consideração a respeito disso ao afirmar que “As mais diversas manifestações da questão social, nos mais diferentes países e continentes, adquirem outros significados, podendo alimentar novos movimentos sociais e suscitar interpretações desconhecidas”.

O outro aspecto é que, conforme observou Milton Santos (1997), a partir da diminuição da soberania e da ação do Estado, as empresas tornam-se um dos principais agentes do poder, em todos os níveis, do global ao local. Em consequência, surge e cresce aceleradamente uma expectativa no sentido de que as empresas venham a incorporar funções ditas de responsabilidade social. Tem-se realmente observado, mais e mais, reclamos sociais demandando das empresas ações e preocupações que antes eram reclamadas quase que exclusivamente do Estado. Essa responsabilidade social que se espera, cada vez mais, por parte da empresa, tem sido entendida como comprometimento com o desenvolvimento social. Ainda que a expressão responsabilidade social não encontre entendimento unânime, dada à dificuldade de uma definição operacional, pode-se acatar a concepção formulada em documento do Instituto Ethos: “Responsabilidade social é uma forma de conduzir os negócios da empresa de tal maneira que a torna parceira e corresponsável pelo desenvolvimento social.” (2008, p. 12)

Segundo Righi, Pasche e Akerman (2006 apud ESPÍRITO SANTO 2008 p. 11)

Promover o desenvolvimento social é refutar a idéia de que somente o crescimento econômico possa gerar melhorias nas condições de vida através da teoria do “gotejamento”, ou que, “só com o crescimento do bolo” é que se pode levar benefícios aos mais pobres. Com isso entende-se o desenvolvimento não só como melhoria do capital econômico (fundamentos da economia, infra-estrutura, , capital comercial, capital financeiro, etc) e do capital social (valores partilhados, cultura, capacidades para agir sinergicamente e produzir redes e acordos voltados para o interior da sociedade).

Dessa forma, temos o desenvolvimento social como um conceito em que os indicadores econômicos e sociais serviriam para compreender a realidade, mas não o único elemento quando analisamos uma situação social.

3.2.2 Desenvolvimento regional e local

As novas formas de abordagens na economia regional estão na recuperação vigorosa das noções de intertemporalidade e de irreversibilidade na trajetória do desenvolvimento econômico. O que significa dizer que o passado influencia o presente e que este influencia o futuro e que as propriedades do tempo zero não coincidem com as propriedades do tempo um e assim sucessivamente (irreversibilidade), de tal forma que a situação de equilíbrio no tempo zero dificilmente será recuperada no tempo um, como preconizava Schumpeter (1982).

Este processo tem como característica marcante a ampliação da base de decisões autônomas por parte dos atores locais, que coloca nas mãos destes o destino da economia local ou regional.

O modelo alternativo de desenvolvimento sugerido pelas correntes examinadas pode ser definido como um modelo endógeno construído de baixo para cima, ou seja, partindo das potencialidades socioeconômicas originais do local no lugar de um modelo de desenvolvimento de cima para baixo, isto é, partindo do planejamento e intervenção conduzidos pelo Estado nacional.

Por outro lado, o novo papel do Estado no desenvolvimento local/regional tem se balizado em um modo de intervenção pragmático, o qual não valoriza em absoluto o princípio neoliberal nem o princípio do dirigismo estatal.

A política de investimento em capital físico, ou mais precisamente em infraestrutura, é importante para uma região ou economia, dado que ela cria condições favoráveis para a formação de aglomerações de atividades mercantis e além de externalidades para o capital privado (redução dos custos de transação, de produção e de transporte; acesso a mercados, etc.). Mas ela em si não é suficiente para criar um processo dinâmico de endogeneização do excedente econômico local e atrair excedentes de outras regiões, provocando assim ampliação das atividades econômicas, do emprego, renda, etc.

É certo que a noção de “economias de aglomeração” também faz parte dos modelos tradicionais de desenvolvimento regional, no entanto o aspecto que vai contribuir para a diferenciação entre esses modelos e os novos é o fato de que, nestes últimos, as “economias

externas” não só são dinâmicas como também são provocadas conscientemente por uma ação conjunta da coletividade local (SCHMITZ, 1997 apud FILHO, 2001).

3.2.3 Desenvolvimento agrícola, agrário e rural

Na discussão sobre o meio rural e as interfaces do desenvolvimento, parece transparecer de maneira mais precisa que uma das funções mais importantes da agricultura no território é a de manter ou proporcionar qualidade de vida à população rural. Também a produção agrícola pode ter um efeito sobre o desenvolvimento do território, por seu impacto econômico e também pelos reflexos que recaem sobre os outros setores da economia, dinamizando-os ou retraindo-os.

De acordo com Schneider (2010), baseado em Graziano da Silva (2001), o novo rural brasileiro surge do próprio processo de modernização conservadora da base tecnológica da agropecuária. No final da década de 1980, especialmente nas regiões Centro e Sul, diminuem as diferenças entre o urbano e o rural. O rural deixa de ser “sinônimo de atraso” e se desconecta da agricultura, que passa a ser apenas uma de suas atividades.

Durante muito tempo, o desenvolvimento rural foi associado ao conjunto de ações do Estado e dos organismos internacionais destinadas a intervenções nas regiões rurais pobres que não conseguiam se integrar ao processo de modernização agrícola via substituição de fatores de produção considerados atrasados (NAVARRO, 2001).

Esta concepção de desenvolvimento rural levou, durante muito tempo, a uma interpretação de que para o rural se desenvolver era necessário investir em intensificação tecnológica e absorção de insumos modernos por parte dos produtores com o objetivo claro de elevar a renda dos produtores.

Ainda segundo Navarro (2001), não se pode restringir o desenvolvimento rural apenas às famílias rurais e à produção agrícola, necessariamente elas abarcam mudanças em diversas esferas da vida social que como limite imediato se tem o espaço geográfico do município, mas que provavelmente podem se estender a horizontes territoriais mais extensos.

A manutenção da qualidade de vida nem sempre é possível no meio rural ou na atividade agrícola, o que faz com que muitos agricultores abandonem suas atividades ou o meio rural, na expectativa de melhores condições de vida, provocando mobilidade, migração e até mesmo êxodo. No próximo item, discute-se o processo migratório ou a mobilidade rural.

3.2.4 O desenvolvimento e as interfaces com a industrialização

Este subitem procura fazer uma discussão sobre o desenvolvimento, buscando compreender que o tema da industrialização está envolvido, de todas as formas, neste debate, não tendo como objetivo discutir as várias teorias sobre desenvolvimento. O desenvolvimento que será percebido aqui, e por grande parte da literatura sobre o tema, é o que proporciona melhoria nas condições de vida da população rural e urbana, condições que incluem, entre outros aspectos, os econômicos e, sobretudo, os aspectos sociais.

No campo da economia, destaca-se a contribuição de Lewis (1960 apud SILVA, 2012), que considera importante o crescimento econômico para se alcançar o desenvolvimento, pois permite maior liberdade de escolha de como melhor aproveitar o tempo. Para o autor, graças ao crescimento é possível escolher entre ter mais tempo para o lazer ou mais bens e serviços.

Segundo Furtado (1967), o desenvolvimento econômico não era uma simples etapa histórica que todos os países deveriam passar, mas nas relações de trocas iniciadas na Revolução Industrial, que resultou em uma periferia subdesenvolvida e dependente. Segundo ele, o processo de desenvolvimento econômico é condicionado ao aumento da produção e da produtividade acompanhado pela melhora na distribuição de renda.

A indústria tem um papel importante na forma em que a sociedade humana passou a se reproduzir e se desenvolver. Muitos povos apresentaram formas diferentes de desenvolvimento a partir da indústria, portanto independe o desenvolvimento apenas com a instauração desta, mas muito mais pela forma com que foi introduzida e assimilada pela sociedade local.

Pode-se dizer que o debate sobre a função da industrialização para o desenvolvimento econômico é uma das mais antigas e controversas discussões. Do mesmo modo, a discussão mais recente sobre a desindustrialização da economia e o impacto dos indicadores econômicos, sociais, etc.

A economia cresce a partir da acumulação de metais preciosos, é o que preconizava a Escola Mercantilista. Refutando esta ideia, os fisiocratas defendiam que o excedente a partir da atividade agrícola era o motor do crescimento econômico. É a partir da Escola Clássica que a discussão da indústria como fator que pode interferir na riqueza das nações toma corpo científico, sendo influenciado pelo contexto da Revolução Industrial vigente.

Adam Smith, em seu livro “A Riqueza das Nações”, publicado em 1776, comenta que a riqueza de uma nação constitui-se a partir do trabalho produtivo, com aumento dos investimentos em capitais produtivos, a especialização da mão de obra e a divisão do trabalho.

O interesse coletivo é resultado das ações individuais privadas, e os indivíduos buscam atender ao seu interesse próprio e, ao fazerem isso de forma indireta, acabam por atender aos interesses da coletividade (mão invisível do mercado). (VIEIRA; SANTOS, 2012).

Dentro da Escola Clássica, David Ricardo também considerou a existência de renda em função de vantagens locacionais, as quais se podia ter a formação de terras de mesma fertilidade natural e idêntica distância ao mercado, mas com uso intensivo de capital, como mecanização, benfeitorias, fertilizantes, irrigação, promovendo diferente forma de crescimento econômico (SOUZA, 2005).

Segundo Ricardo (1996), o capitalista seria beneficiado quando da utilização da maquinaria em primeiro lugar, realizando grandes lucros durante algum tempo, mas na medida em que a utilização da máquina fosse se generalizando, o preço da mercadoria produzida baixaria até ao seu custo de produção devido à concorrência. Ainda de acordo com Ricardo (1996), a utilização de maquinaria num país nunca deveria deixar de ser incentivada, pois se não for permitido ao capital obter o maior rendimento líquido que o emprego de máquinas possibilita, ele será transferido para o exterior e isto representa um desestímulo muito maior à demanda de trabalho do que a generalização mais completa do uso de máquinas. Além do que se rejeitássemos o uso de maquinaria enquanto os demais países o encorajassem, seríamos obrigados a exportar dinheiro em troca de produtos estrangeiros.

Os processos locais de geração de conhecimento e inovação são mais efetivos quando há uma interação entre agentes localizados, pois a troca de experiências favorece a inovação. Esta interação entre agentes localizados para a geração de tecnologia e inovação é o que pode ser denominado de arranjos locais.

A Escola Marxista (Karl Marx e Engels) veio debater a exploração do trabalho e a concentração de renda, frutos da Revolução Industrial. Segundo Souza (2005), o processo de crescimento capitalista ocorre com desemprego crescente de trabalhadores e concentração de renda e riqueza. Para Marx, o sistema capitalista é explorador de mão de obra e o capitalismo seria o penúltimo estágio do desenvolvimento até chegarmos ao socialismo, quando os proletários tornam-se donos dos meios de produção.

Alfred Marshall, um dos grandes fundadores da Escola Neoclássica no séc. XIX, procurou apoiar-se em dois paradigmas de ciência que não se combinam confortavelmente: o mecânico e o evolucionário. No primeiro, a economia é entendida como um sistema de elementos que permanecem idênticos a si mesmos e que estabelecem relações de troca orientadas unicamente pelos preços. O segundo tem a função de equilibrar as ofertas e

demandas que constituem o mercado, se transformando no tempo, influenciando-se uns aos outros (BERNARDES, 2013).

Marshall ainda ficou conhecido, no campo social, como precursor da Economia do Bem-Estar, pois seu objetivo na análise econômica era encontrar soluções para os problemas sociais, para ele o processo econômico visava atender às aspirações humanas e à satisfação das suas necessidades materiais.

De acordo com Marshall (1996 p. 321), em todos os estágios do desenvolvimento econômico, exceto nos mais primitivos, uma indústria localizada obtém grande vantagem pelo fato de oferecer um mercado constante para mão de obra especializada. O proprietário de uma fábrica isolada, embora possa conseguir um grande número de operários não especializados, geralmente tem grande dificuldade em obter operários de uma determinada especialização. Por outro lado, um operário especializado, uma vez desempregado, tem dificuldade em encontrar outro emprego.

Segundo Marshall (1996), as novas máquinas, logo que inventadas, requerem geralmente muito cuidado e atenção. Mas o trabalho dos seus operadores vai, pouco a pouco, sendo simplificado, já que o que se tornava uniforme e monótono passa gradualmente a ser executado pela máquina, que assim se torna mais e mais automática e com ação própria, até que afinal nada mais fica para as mãos, senão suprir matéria-prima a certos intervalos e receber a obra quando concluída.

Ainda segundo Marshall (1996), com o aumento da produção de manufaturados para suprir as necessidades básicas da população, essas transformações levaram também à especialização e localização das indústrias. As forças modernas levam à concentração de um grande número de pequenas empresas da mesma espécie na mesma localidade. Um trabalhador isolado, por vezes desperdiça certa quantidade de pequenas coisas que teriam sido coletadas e aproveitadas numa fábrica, mas semelhante desperdício é raro numa manufatura localizada. Ainda de acordo com Marshall (1996, p. 322), “uma região que possua exclusivamente uma única indústria, caso diminua a procura dos produtos dessa indústria, ou caso haja uma interrupção no fornecimento da matéria-prima, fica exposta a uma grave crise”.

Segundo Schumpeter (1982, p. 67), o desenvolvimento econômico é definido como “uma mudança espontânea e descontinuada dos canais de fluxo, que altera e desloca para sempre o estado de equilíbrio previamente existente”. O desenvolvimento não deriva de variações, mas de alterações revolucionárias, que alteram de uma vez por toda a situação anterior. Já na visão de Polése (1998), o desenvolvimento econômico se dá quando há uma descentralização de políticas, deixando os espaços livres. Assim, é necessário observar a base

econômica, deixando que o trabalho e as tendências econômicas fluam como um suporte da região, seja a mesma agrícola, industrial ou comercial. Salienta, ainda, que as riquezas naturais que existem em cada região, aliadas ao fator humano (cultura, costumes, práticas de trabalho) devem ser adaptadas à economia aos moldes de desenvolvimento econômico nacional e mundial.

De acordo com Schumpeter (1982 p.61), é mais difícil fazer algo novo do que já é conhecido; [...] é necessário uma força de vontade nova para olhar a oportunidade como uma possibilidade real e não um sonho. Ainda segundo o autor, deve-se distinguir invenção de inovação, pois esta é economicamente irrelevante enquanto não for levada à prática. A variável inovação tecnológica passou a ser o elemento central na dinâmica econômica e no crescimento.

Neste sentido, Perroux (1967 apud DINIZ 2001) desenvolveu, ao longo das décadas de 1940 e 1950, a noção de polo de crescimento ou desenvolvimento, explicando as razões do processo de concentração e o papel das empresas líderes, indústrias motrizes e chaves no processo de crescimento regional ou local.

De acordo com Perroux (1967 apud LIMA; SIMÕES, 2009), a produção do polo é tecnicamente necessária ao desenvolvimento nacional; do seu desempenho depende a vida da região, pois através de seus efeitos de complementaridade e concentração são estimuladas zonas de desenvolvimento. A análise de Perroux não leva a uma conclusão imediata e simples de política econômica, mas orienta algumas decisões práticas e evidencia a importância não apenas dos grandes empresários privados neste processo, mas também dos poderes públicos e suas iniciativas, bem como das pequenas inovações.

O capital não é nada mais do que a alavanca com a qual o empresário subjuga ao seu controle os bens concretos de que necessita, nada mais do que um meio de desviar os fatores de produção para novos usos, ou de ditar uma nova direção para a produção. Essa é a única função do capital e por ela se caracteriza inteiramente o lugar do capital no organismo econômico (SCHUMPETER, 1982 p. 80). De acordo com Schumpeter (1982), as necessidades da sociedade é que moldam os desejos particulares e que não haveria nenhuma ação econômica se não houvesse nenhuma necessidade.

Segundo Schumpeter (1982), entende-se por desenvolvimento econômico não as mudanças da vida econômica que lhe forem impostas de fora, mas que surjam de dentro, por sua própria iniciativa. Ainda segundo Schumpeter (1982 p. 49), o fenômeno de desenvolvimento não surge necessariamente pelas mesmas pessoas que controlam o processo produtivo ou comercial, [...] as empresas novas geralmente não surgem das antigas, mas

começam a produzir ao seu lado. Baseado nisso, tem-se a ideia de que para que um setor ou que empresas de determinada área tenham sucesso, a localização próxima lhes dá uma garantia maior de continuidade e também de vantagens perante outras que surgem isoladas ou sem nenhuma outra empresa similar a ela.

Após a Primeira Guerra Mundial, transformações foram implantadas, como um maior protecionismo e menor margem para demanda de produtos primários, estas colocavam em xeque a doutrina do livre comércio, baseada nas vantagens comparativas pensadas por Ricardo. Com os ideais do “Keynesianismo”, após a crise de 1929, formava-se nos países latino-americanos uma forte oposição ao liberalismo, o qual havia gerado espontaneamente o processo de industrialização.

De acordo com Pereira (2011), nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, as economias latino-americanas passavam por transformações importantes provocadas pela industrialização e urbanização crescentes, potencializadas por uma taxa de crescimento de 5,8% entre 1945 e 1954. Na medida em que as exportações latino-americanas voltavam aos níveis normais, recuperava-se também a ideologia liberal, de defesa da divisão internacional do trabalho com base na teoria das vantagens comparativas ricardiana.

De acordo com Diniz (2001), o sucesso econômico de uma localidade passa a depender da capacidade de se especializar naquilo que consiga estabelecer vantagens comparativas efetivas e dinâmicas, decorrentes do seu estoque de atributos e da capacidade local de promoção continuada de sua inovação.

Na atualidade, identificada como era do conhecimento e da crescente integração em redes, a região ressurge como *locus* da organização produtiva e da inovação, onde o esforço e o sucesso da pesquisa, da ação institucional, do aprendizado se dão de forma coletiva (KEABLE et al. 1998 apud DINIZ, 2001), através da interação, cooperação e complementaridade, imersos no ambiente cultural local, o qual é também o resultado do processo histórico-cultural.

3.3 A industrialização no Brasil

Durante o período colonial, o Brasil passou a ser meramente fornecedor de matéria-prima e área de colonização por exploração. Basicamente eram produzidos produtos coloniais tropicais voltados à exportação, baseados no trabalho escravo e em grandes propriedades rurais.

O início da era industrial na Europa, mais precisamente na Inglaterra, em meados do século XVIII e a passagem do capitalismo comercial, reinante no período das grandes navegações, pouco ou nada interferiram na forma de produzir no Brasil. Neste período, qualquer tentativa de se implantar a indústria no país, por mais rudimentar que fosse, era combatida pela coroa portuguesa.

A chegada da família real portuguesa ao país, em 1808, pouco ajuda a embalar de vez o processo industrial, pois produtos britânicos eram favorecidos perante aos produtos portugueses devido às suas taxas reduzidas.

Outro empecilho estava baseado na mão de obra, que era na maioria escrava, o que dificultava desenvolver novas técnicas, além do que os escravos não eram assalariados, portanto não eram consumidores.

Efetivamente o país passa a se industrializar a partir da crise de 1929², a qual repercutiu negativamente no cenário agrícola, pois o país dependia quase que exclusivamente da exportação do café e este tem uma queda muito grande no seu valor, e com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder os investimentos passam a ser direcionados à formação da indústria baseada no capital acumulado pelo setor cafeeiro, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro.

Segundo Pereira (2011), a partir deste contexto, formou-se uma visão econômica politicamente engajada na defesa da industrialização para o Brasil, o chamado desenvolvimentismo. As ideias-força do desenvolvimentismo eram: 1) a industrialização é a via da superação da pobreza e do subdesenvolvimento; 2) um país não consegue industrializar-se só através dos impulsos do mercado, sendo necessária a intervenção do Estado (intervencionismo); 3) o planejamento estatal é que deve definir a expansão desejada dos setores econômicos e os instrumentos necessários; 4) a participação do Estado na economia é benéfica, captando recursos e investindo onde o investimento privado for insuficiente.

O país apresentou ao longo do século XX várias fases da indústria, dentre elas pode-se citar as principais que foram com Getúlio Vargas, entre 1930-1945 e 1951-1954, com o avanço de incentivo à indústria em um modelo de substituição de importações centrado em um forte protecionismo para que esta indústria nascente pudesse evoluir, após a crise do setor agrário-exportador; com Juscelino Kubitschek entre 1956-1961, que marcou a entrada para a internacionalização da indústria e a instalação de transnacionais em território brasileiro através do Plano de Metas; o período conhecido como “milagre econômico” entre 1968-1973,

² Quebra da Bolsa de Valores de Nova York

durante o período militar, no qual a indústria apresentou grandes índices de crescimento; a década de 1980 que ficou conhecida como “década perdida”, quando a indústria apresentou-se estagnada (VERSIANI; SUZIGAN, 1990). Além da década de 1990, em que o país entra na fase da globalização, abre a economia para a entrada de produtos importados e a indústria entra em uma fase de reestruturação.

Segundo Castilhos, Calandro e Campos (2010), no período entre 1985-2008 a ordem econômica de escala mundial foi marcada por crises frequentes. Essas crises foram favoráveis à afirmação do paradigma tecnológico, com a ascensão de novos países no cenário mundial, dentre eles os Tigres Asiáticos³ nas décadas de 1970 e 1980 e os BRICs⁴ na década seguinte. Ainda segundo os autores, o Brasil foi marcado por mudanças profundas que incluíam uma série de medidas econômicas, além da abertura comercial, planos de estabilização e controle inflacionário, bem como privatizações das estatais, nos Governos Collor e FHC.

Assim, a indústria brasileira iniciou o novo século com deficiências competitivas em diversos setores produtivos e com atrasos acumulados nas áreas de infraestrutura e energia, além de manter seus limites clássicos, decorrentes da má distribuição da riqueza, do desemprego crônico e da baixa qualificação da mão de obra.

³ Coreia do Sul, Cingapura, Taiwan e Hong Kong

⁴ Brasil, Rússia, Índia e China

4 CARACTERIZAÇÃO E TRAJETÓRIAS TECNOLÓGICAS PERCORRIDAS PELA INDÚSTRIA METALMECÂNICA NA REGIÃO DO ALTO JACUÍ E NO MUNICÍPIO DE NÃO-ME-TOQUE-RS.

O processo de modernização da agricultura no Brasil tem origem na década de 1950, com as importações de meios de produção mais avançados. No entanto, é só na década de 1960 que esse processo vai ocorrer concretamente, com a implantação no país de um setor industrial voltado para a produção de equipamentos e insumos para a agricultura (TEIXEIRA, 2005).

De acordo com Tatsch (2006), com o aumento das restrições às importações, as antigas oficinas de conserto e manutenção iniciaram a produção de tratores e máquinas agrícolas. No Rio Grande do Sul, essas empresas eram a Schneider Logemann (SLC), fundada em 1945 no município de Horizontina, Stara, fundada em 1960 no município de Não-Me-Toque, Fuch, fundada em 1957 no município de Ijuí, Semeato, fundada em 1965 no município de Passo Fundo, Jan, fundada em 1960 no município de Não-Me-Toque e Fankhauser, fundada em 1956 no município de Tuparendi.

Conforme Castilhos et al. (2008 apud SPAT, 2013 p. 45), entre os anos de 1950 e 1970 pode-se verificar um número expressivo de novas empresas implantadas no Rio Grande do Sul, tanto de capital gaúcho quanto de capital estrangeiro, destacando-se a participação de empresas de capital nacional. Sobressaem os investimentos aplicados na região noroeste do estado, que em pouco tempo passou a ser o principal centro produtor de MIA⁵ no Rio Grande do Sul devido à existência de um ambiente econômico favorável a esse tipo de atividade. Dentre as empresas nacionais criadas no estado no período citado, e de capital gaúcho, estão a SFIL em 1962, Máquinas Ideal em 1953, Francisco Stédile (Fras-Le) em 1954, Indústria Gaúcha de Implementos Agrícolas (Agrisa) em 1962, Lavrale em 1969, Metalúrgica Arcovila em 1975, Fankhauser em 1956, Jan em 1960, Semeato em 1965 e Stara em 1960. E dentre as empresas de capital internacional, a principal foi a Massey Ferguson, criada em 1961.

Resgatando ideias Schumpeterianas em que a competição é dinâmica e tem evolução, o caráter essencial para a manutenção e evolução é a inovação e a sua vantagem competitiva é desenvolvida e perpetuada através de um processo localizado. Ainda nesse sentido, Oderich Sobrinho (1997 apud TATSCH, 2006) acrescentou outras razões para grande parte da indústria nacional de máquinas e implementos agrícolas ter vindo instalar-se no Rio Grande

⁵ Máquinas e Implementos Agrícolas

do Sul: a presença de empreendedores com capacidade de aceitar riscos, a existência de mão de obra com habilidades artesanais e a proximidade da fronteira agrícola.

Segundo as definições de Schumpeter (1982), a inovação consiste nas novas formas de combinar fatores de produção e a essência está na novidade, sendo que ao empresário não inovador resta a imitação. A inovação recém-criada e difundida gera lucro extraordinário, que vai diminuindo à medida que vai sendo imitada, posteriormente.

De acordo com Marshall (1996), a grande vantagem que a indústria localizada obtém em relação a outras indústrias que não concentram suas firmas geograficamente é de que a localização elementar da indústria preparou, gradualmente, o caminho para muitos dos modernos avanços na divisão do trabalho, em que se destacam as artes mecânicas e a tarefa de administração das firmas. A especialização da divisão do trabalho reflete-se na criação de um mercado de mão de obra local mais dinâmico. Contudo, observa-se ainda um maior dinamismo em outros mercados, como na produção de maquinário, insumos, consumidor etc.

A década de 1960 marcou a mudança da substituição de importações para uma modernização agrícola e formação do Complexo Agroindustrial (CAI). Nesta mesma década, no município de Não-Me-Toque irão surgir empresas do setor metalmeccânico que mudarão a vocação do município, até então exclusivamente agrícola, para uma crescente importância industrial.

Para a indústria gaúcha do final dos anos 80, o desafio da reestruturação internacional apresentou diferenças em relação à indústria brasileira. O Estado possuía uma matriz industrial em que predominavam atividades intensivas em mão de obra, baseada no uso de tecnologias já banalizadas, sendo que uma parcela significativa dessa indústria estava intimamente ligada ao setor agrícola. Nesse período, já se haviam configurado importantes complexos industriais, alguns com nítidas bases regionais, que apresentavam traços de Arranjos Produtivos Locais (APLs) (CASTILHOS, 2007).

Embora o CAI não tenha se constituído em toda a atividade agrícola e em todo território brasileiro, não se pode analisar a agricultura brasileira sem levá-lo em conta. Para explicar o processo produtivo deve-se analisar os três segmentos que o compõem: indústria a montante, agricultura e indústria a jusante. A indústria a montante é a fornecedora de bens de capital e insumos para a agricultura, e a indústria a jusante é a processadora de matéria-prima agrícola, denominada de agroindústria. A partir desse processo é que se deu a “industrialização da agricultura”.

O Rio Grande do Sul é responsável pela produção de 53,6% do total de máquinas agrícolas produzidas no Brasil. Porém, esta participação vem crescendo nos últimos anos,

caracterizando o estado como o mais importante complexo produtivo deste segmento no país. Além de ser o maior produtor de máquinas agrícolas, o Rio Grande do Sul é também o maior exportador de máquinas agrícolas, com 68,3% do volume físico exportado pelo Brasil, denotando o grau de competitividade internacional do parque produtivo no Estado. (ANFAVEA, 2002).

Três empresas respondem por quase metade da produção nacional de tratores de rodas e esteiras, colheitadeiras e retroescavadeiras. O Rio Grande do Sul concentra um terço da força de trabalho do país neste setor industrial. Presente em (pelo menos) 35 municípios gaúchos, o setor de máquinas e implementos agrícolas concentra 93% dos empregos efetivos e 79% dos estabelecimentos (505) em 10 cidades. (MODELO DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DO RS, 2012).

De acordo com o Programa Setorial de Máquinas e Implementos Agrícolas - 2012-2014, do Modelo de Desenvolvimento Industrial do RS (2012), os arranjos produtivos locais dividem-se em três grupos:

- PRÉ-COLHEITA: localizado nos COREDES Alto Jacuí e Produção (Passo Fundo, Marau, Carazinho, Não-Me-Toque, Ibirubá). Sua especialização é a de produção de máquinas e equipamentos destinados à preparação e plantação de produtos agrícolas.
- COLHEITA: constituído por empresas instaladas no COREDE Fronteira Noroeste (Horizontalina e Santa Rosa) que fabricam colheitadeiras e automotrizes.
- PÓS-COLHEITA: formado por companhias situadas no COREDE Noroeste Colonial (Panambi, Condor e Ijuí) com expertise em estocagem de silos agrícolas.

Cassiolato e Lastres (2003, p. 03) apresentam a definição do Grupo RedeSist sobre Arranjos Produtivos Locais (APLs):

Arranjos produtivos locais são aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais – com foco em um conjunto específico de atividades econômicas que apresentam vínculos mesmo que incipientes. Geralmente envolvem a participação e a interação de empresas – que podem ser desde produtoras de bens e serviços finais até fornecedoras de insumos e equipamentos, prestadoras de consultoria e serviços, comercializadoras, clientes, entre outros – e suas variadas formas de representação e associação. Incluem também diversas outras instituições públicas e privadas voltadas para: formação e capacitação de recursos humanos (como escolas técnicas e universidades); pesquisa, desenvolvimento e engenharia; política, promoção e financiamento.

Os APLs podem assumir diversas caracterizações, as quais dependem de sua história, evolução, organização institucional, contextos sociais e culturais nos quais se inserem,

estrutura produtiva, organização industrial, formas de governança, logística, associativismo, cooperação entre os agentes, formas de aprendizado e grau de difusão do conhecimento local. (KWASNICKA, 2006).

O protagonismo gaúcho é evidenciado em sua participação na produção nacional de plantadeiras motorizadas, tratores de rodas e esteiras, colheitadeiras e retroescavadeiras, sendo que 46,1% foram produzidos por três grandes empresas de capital estrangeiro instaladas no Rio Grande do Sul. Estas empresas operam em Santa Rosa, Canoas, Horizontina, Montenegro e Caxias do Sul. Constitui o setor um segundo grupo formado por empresas de origem local, nas cidades de Passo Fundo e Panambi, produtoras de máquinas agrícolas e nas cidades de Não-Me-Toque e Carazinho, destaque em produtos para agricultura de precisão. O setor de máquinas e implementos agrícolas emprega aproximadamente 25 mil pessoas no Estado – mais de um terço da força de trabalho do país nesta indústria. Nos dez municípios onde estão concentradas 73% das companhias, 50,95% dos postos de trabalho são gerados nas grandes empresas, 25,51% nas médias e 23,54% nas pequenas. (MODELO, 2012).

A agricultura de precisão destaca-se como o futuro do setor agrícola, considerando a busca constante por ganhos de produtividade. Empresas gaúchas lideram ações neste segmento, inclusive com a presença de empresa pioneira neste setor. Segundo o Modelo (2012), o setor de máquinas e implementos agrícolas tem diante de si um cenário com muitas perspectivas. E é com base nelas que o Rio Grande do Sul continuará protagonizando. Estão previstos, a curto e médio prazo, investimentos em torno de R\$ 688 milhões para o setor no Rio Grande do Sul. Serão beneficiadas principalmente as regiões onde estão inseridos os municípios de São Leopoldo, Não-Me-Toque e Horizontina. As projeções de crescimento dos setores metalmeccânico e eletroeletrônico e automação – cadeias da qual fazem parte a indústria de máquinas e implementos agrícolas – também são promissoras. (MODELO, 2012).

Segundo Tatsch (2006), nos municípios próximos a Passo Fundo, sobretudo em Não-Me-Toque e Carazinho, prevalecem empresas que fabricam maquinário e implementos agrícolas. Dentre elas, pode-se citar a SEMEATO de Passo Fundo que possui sete unidades sendo três montadoras de máquinas agrícolas, uma fabricante de discos, duas fundições e uma unidade de pesquisa e desenvolvimento de novos produtos, sendo quatro em Passo Fundo, uma em Carazinho e uma em Butiá (RS) e uma em Vespasiano (MG).

A STARA, que é especializada na fabricação de implementos agrícolas como distribuidores, pulverizadores, plainas, plataformas, niveladores, plantadoras, escarificadores,

carretas, equipamentos para agricultura de precisão e a partir de 2013 também com montagem de tratores agrícolas, possui unidade em Não-Me-Toque e fundição em Carazinho (RS).

A JAN, que se dedica à fabricação de implementos agrícolas que vai da limpeza, distribuição, preparo, transporte, pulverização, plaina e plataforma, além de fabricar peças e acessórios para outras empresas, possui quatro unidades em Não-Me-Toque (RS), a GRAZMEC, que é especializada em tratores de sementes, carretas para transporte, guinchos, com unidade em Não-Me-Toque (RS), a STAHAR, que é especializada em plataformas, plainas e distribuidores de fertilizantes em Não-Me-Toque (RS), a MAX, que atua na produção de adubadores, pulverizadores, plataformas, plantadeiras e distribuidores, com unidade em Carazinho (RS) e a GIHAL, que atua na fabricação de plantadoras, semeadoras, carretas agrícolas, flutuadores e vagões forrageiros, possuindo duas unidades em Carazinho (RS).

A Tabela a seguir apresenta algumas empresas ligadas ao setor metalmeccânico com número de funcionários e principais produtos da região do Alto Jacuí.

Tabela 3 - Informações sobre as empresas nos municípios do APL Pré-Colheita-COREDE Alto Jacuí

Empresa	Empregos	Importador	Exportador	Produtos
Grazmec	64	Sim	Sim	Implementos agrícolas
Jan	1.694	Sim	Sim	Implementos agrícolas
Dobel	8	Não	Não	Implementos agrícolas sob encomenda, serviços de galvanização com zinco
Irani Kunz ME	1	Não	Não	Manutenção de máquinas agrícolas
Jair de Oliveira ME	7	Não	Não	Manutenção de máquinas agrícolas, gabarito, estufa para secagem de papel
Molasul	13	Não	Não	Molas para linha agrícola, artefatos de arame em geral
Roster	18	Não	Sim	Peças para implementos agrícolas, peças para máquinas agrícolas
SLPA Roster	15	Não	Não	Manutenção de máquinas agrícolas
Soder	30	Não	Sim	Implementos agrícolas, equipamentos rodoviários, reservatórios e tanques
Stahar	45	Não	Sim	Plainas agrícolas frontais, plataformas de transporte de plantadeira, carretas hidráulicas
Stara	1.830	Sim	Sim	Carretas agrícolas, plainas de solo, pulverizadores agrícolas
AGCO Ibirubá	300	Sim	Sim	Equipamentos agrícolas
Ibirubá	540	Sim	Sim	Implementos agrícolas
Indutar Ibirubá	200	Sim	Não	Componentes e peças metálicas
Tornitec Ibirubá	25	Não	Não	Peças para máquinas agrícolas

Fonte: FIERGS (2013)

Vale comentar que há todo empenho das organizações de Não-Me-Toque, das próprias empresas, da Cooperativa Tritícola Mista Alto Jacuí (COTRIJAL), da prefeitura e das demais associações, no sentido de o município ser reconhecido pela qualidade em

implementos, o que levou à concentração de esforços para a criação de uma grande feira neste município, a Expodireto⁶.

Também no Estado do Rio Grande do Sul estão previstos, a curto e médio prazo, investimentos em torno de R\$ 688 milhões para o setor. Serão beneficiadas principalmente as regiões onde estão inseridos os municípios de São Leopoldo, Não-Me-Toque e Horizontina. As projeções de crescimento dos setores metalmeccânico e eletroeletrônico e automação – cadeias da qual fazem parte a indústria de máquinas e implementos agrícolas – também são promissoras. (MODELO DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DO RS, 2012).

Os setores cuja origem tem estreito vínculo com a base agrícola da região do Alto Jacuí (RS) passam por uma tendência mundial de significativos avanços tecnológicos com a incorporação de tecnologias combinadas da agricultura (biotecnologia) com as máquinas e equipamentos (informática, de Sistema de Posicionamento Global – GPS – e Sistemas de Informações Georreferenciadas – GIS) que tendem a integrar indústria e setor primário em processos contínuos, impulsionados especialmente pela agricultura de precisão. Como tendência, além da automatização e avanço do porte das máquinas agrícolas, a indústria busca oferecer não somente um produto ao agricultor, mas todo um Sistema Mecanizado, o que reforça o quadro de aquisições das menores empresas pelas maiores, de extinção de outras e de integração das grandes empresas com pequenas muito especializadas. (BRUM e TYBUSCH, 2002).

Com o objetivo de melhorar o desempenho do setor metalmeccânico na região do Alto Jacuí/RS foi criado em 08 de junho de 2006 a Rede Polimetal RS, uma associação de empresas do setor metalmeccânico pertencente ao APL Pré-Colheita do Alto Jacuí e Produção do RS, que trabalham de forma cooperativa com objetivos comuns, mantendo suas identidades próprias. Esta associação busca, através da iniciativa de empresários da região do Alto Jacuí e Produção, pertencentes ao Arranjo Produtivo Local de Implementos Agrícolas Pré-Colheita Alto Jacuí/Produção, um conjunto de ações planejadas regionalmente para capacitação e prospecção de mercados, desenvolvimento de novos produtos e serviços, dentre outros, tendo como parceiros SEBRAE-RS, UPF, UNICRUZ, SEDAI e prefeituras.

Com esse esforço, conseguiu-se agregar vantagens tecnológicas, logísticas e econômicas com as alianças estratégicas feitas, verificando-se um crescimento das empresas, e surgindo, de forma progressiva, a necessidade de qualificação de mão de obra. A Rede

⁶ Feira Internacional do Agronegócio de Não-Me-Toque

Polimetal percebeu isso e buscou a solução, construindo uma parceria de cooperação com uma instituição reconhecida nacionalmente, o Serviço Nacional da Indústria (SENAI).

O município de Não-Me-Toque igualmente procurou a qualificação para o setor investindo em parcerias que pudessem dar este suporte para as indústrias do setor metalomecânico e estas continuarem a crescendo e retribuindo o município com empregos e arrecadação. Algumas destas parcerias são o SENAI, o Instituto Estadual de Educação São Francisco Solano, o Instituto Federal Farroupilha.

4.1 Caracterização do município de Não-Me-Toque/RS

Na década de 1950, várias localidades do Estado começaram uma busca para terem autonomia político-administrativa, culminando com a criação, em 18 de dezembro de 1954, através da lei nº 2555, do município de Não-Me-Toque, desmembrando-se de Carazinho. Em 1971, tem o seu nome mudado para Campo Real, uma homenagem ao cereal rei - o trigo, muito cultivado na região. Reações contrárias ao novo nome surgiram e após muita discussão, em 27 de dezembro de 1976, o município volta a ser chamado de Não-Me-Toque, não sofrendo mais alterações, de acordo o site⁷ oficial do município.

O município sempre teve na agricultura a sua principal vocação e com a necessidade de aumentar a produtividade e também com a mistura de imigrantes que havia no município em meados do século XX, passou a se mecanizar, levando-o a ser chamado de “Capital da lavoura mecanizada”. No ano 2000, um projeto pioneiro no sul do Brasil teve início, em parceria com empresas do município, da região e da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), voltado à agricultura de precisão, resultando ao município em 2009 o título de “Capital Nacional da Agricultura de Precisão”, conferido através da lei nº 12.081, sancionada pelo Presidente da República.

4.2 Contextualização social do município de Não-Me-Toque

O município possui uma estrutura populacional que apresentou grandes mudanças demográficas nas últimas décadas, acarretando mudanças sociais para o município e sua população. Uma das grandes transformações está relacionada ao grau de dependência por faixa etária relacionada ao trabalho, sendo que um dos reflexos disso tem a ver com renda, pois quanto mais pessoas trabalhando maior será o afluxo de renda no município e menor será

⁷ <http://www.naometoquers.com.br>

o peso que representam perante o setor público. Observa-se que o município de Não-Me-Toque tem diminuído a razão de dependência, pois a população com menos de 15 anos diminuiu consideravelmente entre os anos 1991-2010, apesar de um aumento da faixa acima dos 65 anos, que são os que integram a população dependente. Pode-se observar esta dependência de acordo com a tabela a seguir.

Tabela 4 – Razão de dependência no município de Não-Me-Toque entre 1991-2010

Estrutura Etária	População (1991)	% do Total (1991)	População (2000)	% do Total (2000)	População (2010)	% do Total (2010)
Menos de 15 anos	3.844	29,10	3.500	24,28	3.092	19,40
15 a 64 anos	8.509	64,42	9.796	67,97	11.276	70,76
População de 65 anos ou mais	856	6,48	1.117	7,75	1.568	9,84
Razão de dependência	55,24	0,42	47,13	0,33	39,83	0,25
Taxa de envelhecimento	-	6,48	-	7,75	-	9,84

Fonte: PNUD, IPEA e FJP

Outro ponto importante a ser analisado quanto às questões sociais são as variáveis longevidade, mortalidade e fecundidade, pois pode-se através delas entender as mudanças sociais que uma população vem enfrentando.

No caso do município de Não-Me-Toque observa-se mudanças significativas que podem ser causadas pela melhoria da qualidade de vida, como o incremento do emprego e renda para o trabalhador, garantindo a ele e sua família avanços sociais.

Tabela 5 - Município de Não-Me-Toque quanto à longevidade, mortalidade infantil e fecundidade entre 1991-2010.

	1991	2000	2010
Esperança de vida ao nascer (em anos)	68,6	74,0	75,8
Mortalidade até 1 ano de idade (por mil nascidos vivos)	22,3	15,4	12,5
Mortalidade até 5 anos de idade (por mil nascidos vivos)	26,1	17,9	14,6
Taxa de fecundidade total (filhos por mulher)	2,2	2,0	1,9

Fonte: PNUD, IPEA e FJP

A renda, que é outro fator importante quando se analisa questões sociais, obteve significativas mudanças durante o período estudado. Observa-se um aumento de 118,15% da renda per capita nas duas últimas décadas. De outro lado, a extrema pobreza (pessoas com renda inferior a R\$ 70,00 para 2010) passou de 5,23% em 1991 para 1,86% em 2000 e para 0,74% em 2010. Esta mudança também afetou o Índice de Gini, que mede a desigualdade, isto é, mede a distribuição de renda que passou de 0,59 em 1991 para 0,57 em 2000 e para 0,50 em 2010.

Tabela 6 - Renda, pobreza e desigualdade no município de Não-Me-Toque entre 1991-2010.

	1991	2000	2010
Renda per capita	481,81	687,80	1.051,05
% de extremamente pobres	5,23	1,86	0,74
% de pobres	24,07	12,60	2,20
Índice de Gini	0,59	0,57	0,50

Fonte: PNUD, IPEA e FJP

Segundo o Serviço de Assuntos Estratégicos do governo federal (SAE, 2012), a definição de pobres aponta para aqueles que possuem renda per capita menor que R\$ 162,00 e maior que R\$ 81,00, e extremamente pobres aqueles com renda per capita inferior a R\$ 81,00, que representavam para o país uma faixa de 12,3%, muito superior aos índices de Não-Me-Toque. Observa-se, pelos dados apresentados, que no município, entre os anos 1991-2010, a pobreza foi reduzida drasticamente.

O trabalho serve também como análise de ganho de qualidade. Pode-se, através da observação dos índices de ocupação, entender como a população está conseguindo sucesso e obtendo avanços sociais significativos.

Pelo que se pode perceber, houve uma diminuição significativa do índice de pessoas desocupadas com mais de 18 anos. Houve também um aumento significativo nos índices de ensino, o que acabou repercutindo em um ganho salarial para o trabalhador, de acordo com tabela a seguir.

Tabela 7 - Município de Não-Me-Toque sobre trabalho, ocupação e nível educacional entre 2000-2010

	2000	2010
Taxa de desocupação – 18 anos ou mais	8,29%	2,46%
Grau de formalização dos ocupados - 18 anos ou mais	68,97%	72,74%
% dos ocupados com ensino fundamental completo - 18 anos ou mais	46,26%	64,38%
% dos ocupados com ensino médio completo - 18 anos ou mais	30,42%	45,40%
% dos ocupados com rendimento de até 1 s.m. - 18 anos ou mais	41,63%	13,23%
% dos ocupados com rendimento de até 2 s.m. - 18 anos ou mais	74,98%	64,04%

Fonte: PNUD, IPEA e FJP

No caso de Não-Me-Toque, observou-se que houve uma queda significativa na vulnerabilidade social observada especialmente pelo incremento de renda e emprego na população do município, conforme demonstra a tabela a seguir.

Tabela 8 - Vulnerabilidade social do município de Não-Me-Toque entre 1991-2010

Crianças e Jovens	1991	2000	2010
Mortalidade infantil	22,25	15,40	12,50
% de crianças de 4 a 5 anos fora da escola	-	49,24	7,95
% de crianças de 6 a 14 anos fora da escola	7,67	0,74	1,07
% de pessoas de 15 a 24 anos que não estudam nem trabalham e são vulneráveis à pobreza	-	10,15	2,25
% de mulheres de 10 a 14 anos que tiveram filhos	0,00	0,00	0,00
% de mulheres de 15 a 17 anos que tiveram filhos	4,04	11,06	11,33
Taxa de atividade - 10 a 14 anos	-	8,28	6,45

Fonte: PNUD, IPEA e FJP

Em outro quesito referente ao desenvolvimento para o município de Não-Me-Toque observou-se que na estrutura familiar não houve muitas mudanças quanto às famílias chefiadas por mulheres, pois os índices permaneceram estáveis, mas em relação às pessoas

com domicílios vulneráveis à pobreza e dependentes de idosos, e quanto às crianças extremamente pobres houve um decréscimo nos percentuais de maneira considerável, enfatizando o papel importante para um município como a geração de emprego e renda.

Tabela 9 – Estrutura familiar do município de Não-Me-Toque entre 1991-2010

	1991	2000	2010
% de mães chefes de família sem ensino fundamental completo e com filhos menores de 15 anos	10,24	7,15	10,17
% de pessoas em domicílios vulneráveis à pobreza e dependentes de idosos	3,30	1,49	0,57
% de crianças extremamente pobres	7,91	3,19	1,53

Fonte: PNUD, IPEA e FJP

Na relação trabalho, renda e condições de moradia observou-se que houve um ganho significativo nas condições sociais para a população do município, tanto que o índice de pessoas vulneráveis à pobreza foi reduzido drasticamente, comprovando que o acesso a emprego e renda colabora para mudanças sociais na estrutura populacional. Estas alterações também foram pronunciadas no que compete à administração pública, pois os índices de habitações com saneamento básico, que compreende abastecimento de água e acesso ao esgotamento sanitário, praticamente chegava a 100% das residências em 2010, elevando desta forma as condições de qualidade de vida da população, conforme demonstra tabela a seguir.

Tabela 10 – Trabalho, renda e condição de moradia do município de Não-Me-Toque entre 1991-2010

	1991	2000	2010
% de vulneráveis à pobreza	53,55	34,75	8,16
% de pessoas de 18 anos ou mais sem ensino fundamental completo e em ocupação informal	-	40,55	29,41
% de pessoas em domicílios com abastecimento de água e esgotamento sanitário Inadequados	0,22	3,10	0,00

Fonte: PNUD, IPEA e FJP

Pode-se observar, através dos dados das tabelas acima, que no município de Não-Me-Toque, entre os anos 1991 e 2010, conseguiu-se melhorar consideravelmente a condição

social da população, aumentando a expectativa de vida e obtendo uma grande redução na mortalidade infantil. Algo que se pode observar é quanto ao incremento de renda da população, que mais que dobrou, e isto teve um reflexo direto na redução da pobreza para o município. Outro fato bastante interessante tem a ver com o aumento da escolaridade, que vai contribuir diretamente para que haja um aumento no rendimento econômico da população. Um fato bastante importante para o município deve-se ao incremento de emprego e renda, o qual resulta na diminuição da população vulnerável à pobreza, além de trazer melhorias de infraestrutura para a população em geral.

Estes avanços sociais e econômicos coincidem com a ampliação do setor metalmeccânico no município, a partir dos anos 1990, levando à interpretação de que, para este caso específico, a industrialização trouxe desenvolvimento, mas salienta-se que este fato não pode ser usado como regra para o desenvolvimento de um município ou região.

5 CONTRIBUIÇÃO DO SETOR METALMECÂNICO PARA O DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE NÃO-ME-TOQUE: PERSPECTIVA DOS COLABORADORES DAS EMPRESAS ESTUDADAS E DAS INSTITUIÇÕES

Neste capítulo, abordar-se-á a pesquisa com colaboradores para se investigar a relação entre o setor metalmeccânico e o desenvolvimento do município de Não-Me-Toque perante a industrialização. Procura-se fazer uma caracterização dos colaboradores e sua percepção frente ao desenvolvimento, além de buscar a percepção de proprietários/gerentes e agentes do município quanto à importância do setor metalmeccânico para o desenvolvimento do município.

5.1 Caracterização dos colaboradores das indústrias pesquisadas

Para fins da pesquisa foram utilizados os relatos de colaboradores identificando as empresas as quais pertencem como empresa 1 e empresa 2, de acordo com a especificação metodológica deste estudo.

A mão de obra é majoritariamente composta por colaboradores do gênero masculino, representando 73% dos entrevistados, e 27% é mão de obra do gênero feminino, isto reflete a pouca atuação da mulher em ambientes tidos como exclusivamente masculinos, como é o caso da indústria metalmeccânica, enquanto que no Brasil, na indústria geral, esta proporção é de 60,05% para homens e 39,95% para mulheres (SESI, 2005).

No que se refere à idade, a maioria dos entrevistados, 84 %, têm entre 21 e 40 anos, o que configura mão de obra jovem, bem diferente da distribuição brasileira na indústria geral, que concentra 65% na faixa até 40 anos (SESI, 2005), as demais faixas etárias estão descritas no gráfico abaixo.

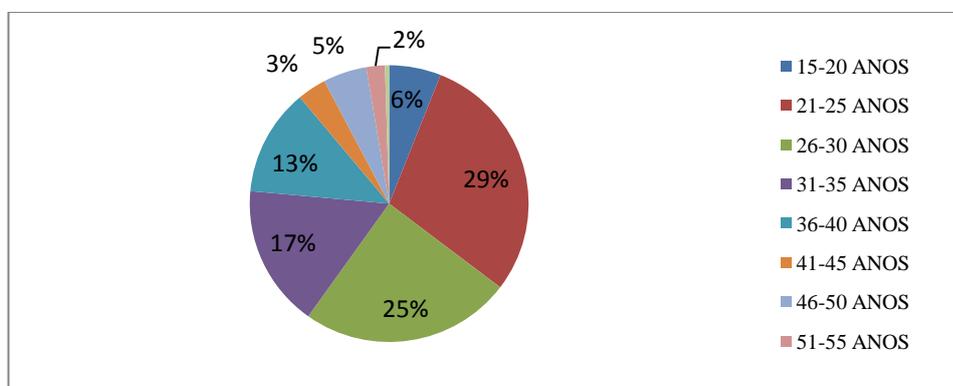


Gráfico 1 – Faixa etária dos colaboradores nas empresas pesquisadas
Fonte: elaborado pelo autor, 2015

Quanto ao estado civil, observou-se que o percentual de casados e solteiros é muito parecido, representando quase a metade para cada um dos lados; a diferença que há é na divisão de uma empresa para outra. Na empresa 1 obteve-se respectivamente, entre casados e solteiros, 37% e 61%; na empresa 2, obteve-se respectivamente, 58% e 35%; praticamente uma inversão entre casados e solteiros da empresa 1 para a empresa 2. Já as categorias divorciados e viúvos apresentaram 5% e 0%, respectivamente, dos entrevistados. Isto demonstra o índice de mão de obra bastante jovem na indústria.

Quanto ao nível de escolaridade, observa-se que mais de 81% dos entrevistados possuem no mínimo o ensino médio completo, demonstrando um nível de escolaridade de médio a alto entre os colaboradores das empresas, conforme demonstra o gráfico.

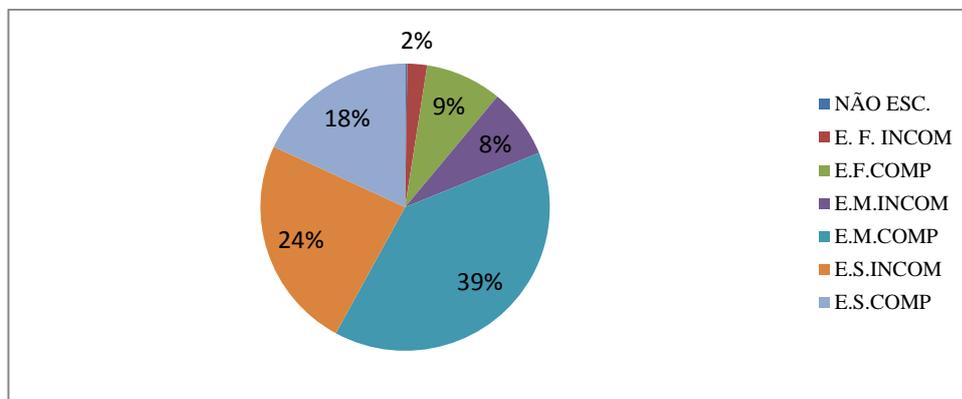


Gráfico 2 – Nível de escolaridade dos colaboradores nas empresas pesquisadas
Fonte: elaborado pelo autor, 2015

Quanto ao tempo de serviço na empresa, 53% dos entrevistados estão entre 01 e 05 anos na empresa e 17% entre 05 e 10 anos, juntos totalizam 70%. As demais faixas representam o restante, conforme gráfico a seguir.

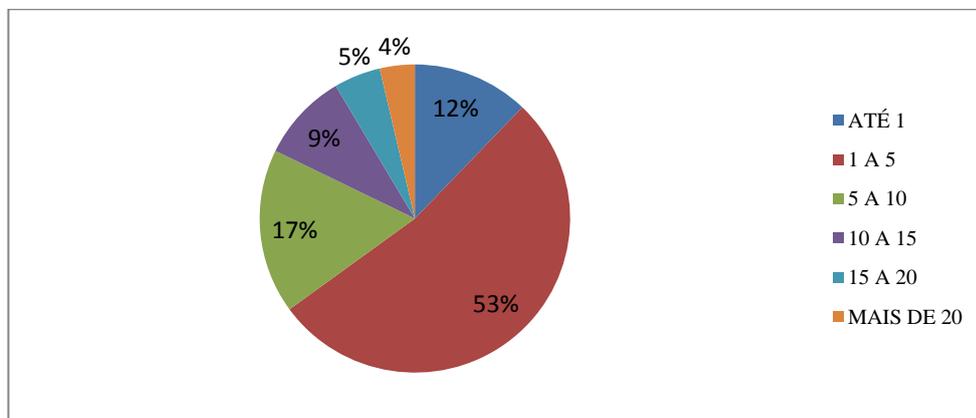


Gráfico 3 – Tempo de serviço dos colaboradores nas empresas pesquisadas
Fonte: elaborado pelo autor, 2015

Quando separados por empresas, obteve-se que para a empresa 1, 60% dos entrevistados estavam na faixa entre 1 e 5 anos e 18% até 1 ano de empresa, totalizando 78 % dos entrevistados com até 5 anos de empresa e o restante distribuído nas demais faixas. Para a empresa 2, observa-se que 45% dos entrevistados situam-se entre 1 e 5 anos de empresa e 24% entre 5 e 10 anos, totalizando 69% entre 1 e 10 anos de empresa, e o restante distribuído nas demais faixas. Partindo-se dessa análise, observa-se que a rotatividade da empresa 2 é inferior a da empresa 1, pois seus colaboradores apresentam maior tempo médio de serviço.

Quanto aos setores em que os colaboradores trabalhavam dentro da empresa observa-se que metade dos entrevistados das duas empresas trabalhava na indústria e o restante estava distribuído de acordo com o gráfico abaixo.

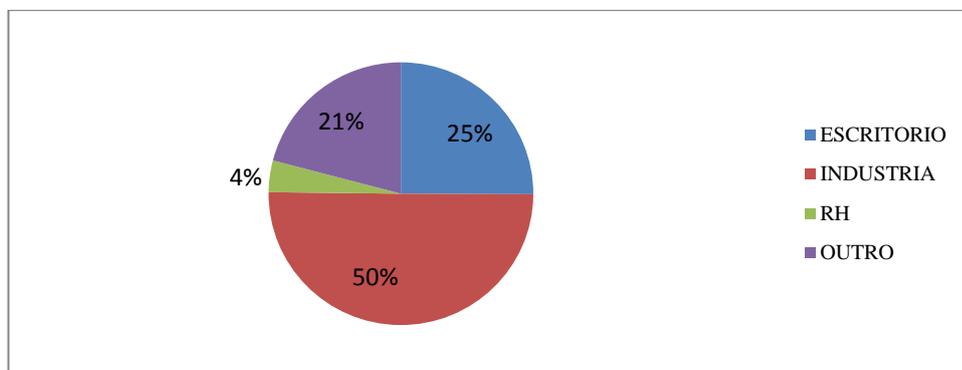


Gráfico 4 – Setor de trabalho dos colaboradores das empresas pesquisadas
Fonte: elaborado pelo autor, 2015

Em relação à função desempenhada dentro da empresa obteve-se como resposta que 34% desempenhavam a sua função na produção, 33% na administração e o restante em outras funções, conforme gráfico abaixo. Este comportamento comprova a concentração no setor da indústria, pois é dentro da fábrica a maior exigência de mão de obra.

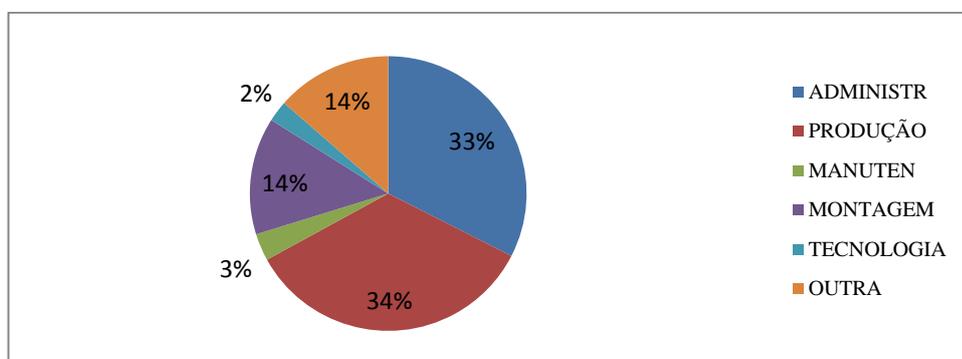


Gráfico 5 – Função na empresa dos colaboradores das empresas pesquisadas
Fonte: elaborado pelo autor, 2015

De acordo com o local de residência dos entrevistados, 63% da mão de obra provém do próprio município de Não-Me-Toque, 21% residem em Carazinho e o restante dos municípios elencados atinge os outros 16% faltantes, conforme gráfico a seguir. A mão de obra oriunda do município de Carazinho justifica-se principalmente pela proximidade da cidade de Não-Me-Toque, com quem faz limite, e o número de habitantes que possui, sendo o mais populoso do entorno, com 59.317 habitantes. (IBGE, 2010)

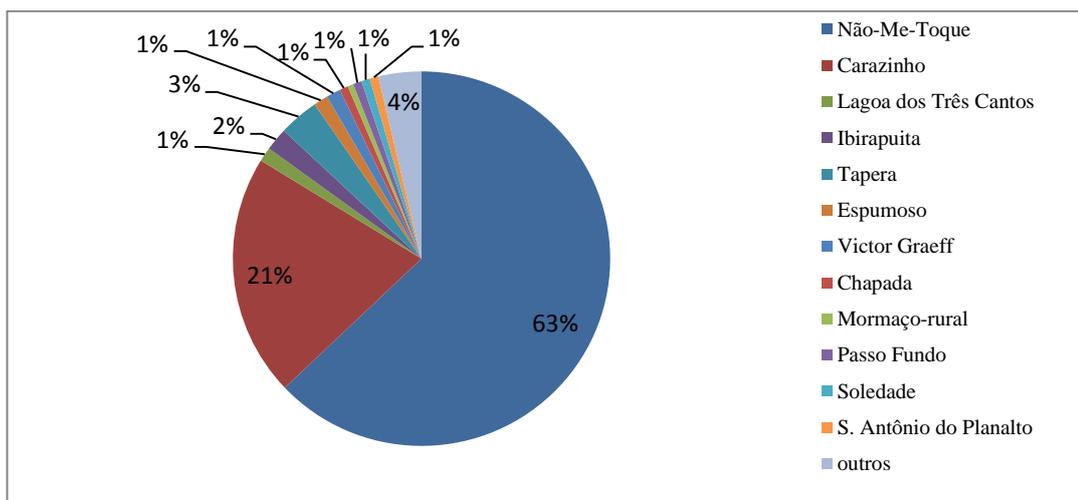


Gráfico 6 – Local de residência do colaborador
Fonte: elaborado pelo autor, 2015

No primeiro bloco de questões, abordando o perfil dos colaboradores, observou-se que a maior parte dos entrevistados são jovens de até 40 anos, divididos de forma semelhante entre casados e solteiros, com nível de escolaridade de médio a alto, com tempo de serviço compreendido principalmente entre 1 e 10 anos de trabalho, sendo a maior parte trabalhador da indústria, tendo como função principal ligada à produção e como principal residência os municípios de Não-Me-toque e Carazinho.

O nível de escolaridade apresentou-se de médio a alto (ensino médio, superior ou cursando), o que nos faz interpretar que mesmo na indústria o maior nível escolar garante ao colaborador um ganho econômico maior e possivelmente melhorias sociais para ele e sua família.

5.2 Mudanças na renda e emprego dos colaboradores a partir do emprego na indústria

Em relação à motivação que levou aos colaboradores a trabalhar na empresa, percebe-se que a possibilidade de crescimento profissional tem sido fundamental para a tomada de

decisão, muito mais que o salário pago, pois 58% dos colaboradores afirmam que escolheram a empresa devido à possibilidade de crescer, 17% consideram que o fato das empresas serem de grande porte é o principal motivo e 11% argumentam ser o salário o motivo que os levou a trabalhar no setor e nas empresas. Os demais motivos estão elencados no gráfico a seguir.

Os motivos de escolherem as empresas para trabalhar ficam evidentes no quesito que aponta a possibilidade de crescer dentro da empresa, o que explica em parte o grande número de colaboradores que estão estudando em áreas ligadas à indústria, pois confiam na possibilidade de ascensão profissional.

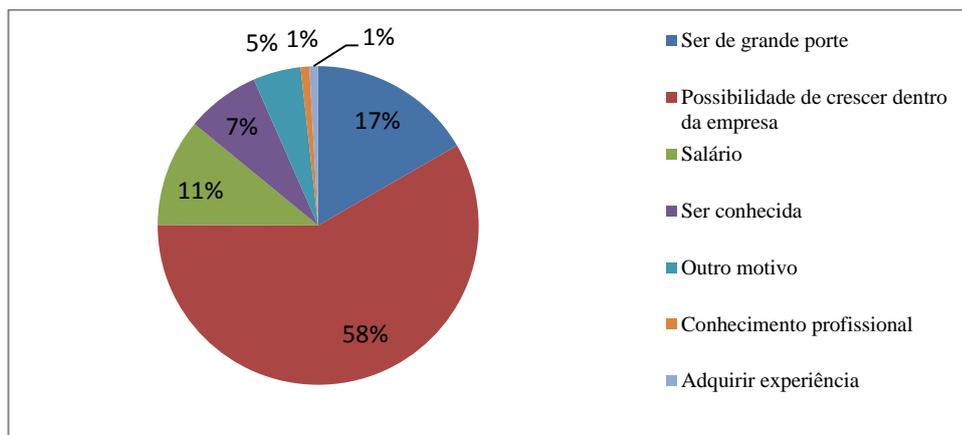


Gráfico 7 – Motivo de escolha da empresa para trabalhar
Fonte: elaborado pelo autor, 2015

Em relação à questão que abordava se o colaborador já havia trabalhado em outra empresa do setor metalmeccânico, os índices obtidos foram mais variados, sendo predominante que 23% haviam trabalhado na STARA, 15% haviam trabalhado na JAN, 40% deles em empresas do setor metalmeccânico classificadas na pesquisa como outras, além de outros 22% dos colaboradores que haviam trabalhado em empresas diversas, ilustradas no gráfico a seguir. Como o questionário aplicado está situado entre colaboradores das duas primeiras empresas elencadas no gráfico, nota-se que tem havido migrações entre ambas.

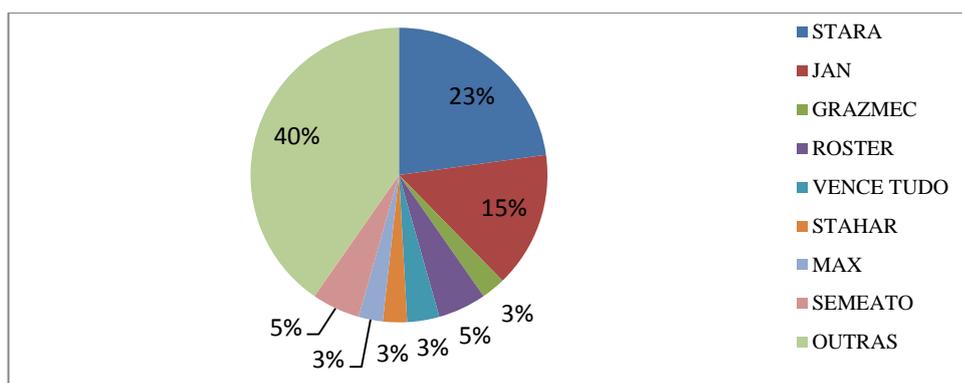


Gráfico 8 – Empresa trabalhada antes da atual que pertença ao setor metalmeccânico
 Fonte: elaborado pelo autor, 2015

A abordagem que questiona se a empresa na qual o colaborador trabalha havia lhe proporcionado uma melhoria econômica e em quais sentidos, obteve-se que para 32% a melhora econômica foi com maior conforto em casa, 30% responderam com maior poder de consumo, os outros itens identificados estão inseridos conforme gráfico a seguir.

Através dos motivos elencados para a melhora econômica supõe-se que, diretamente, o emprego e a renda gerados pelo setor metalmeccânico têm proporcionado ganhos também em outros setores como no comércio, pois maior conforto e maior poder de consumo traduzem-se em mais empregos e, conseqüentemente, em maior retorno de impostos.

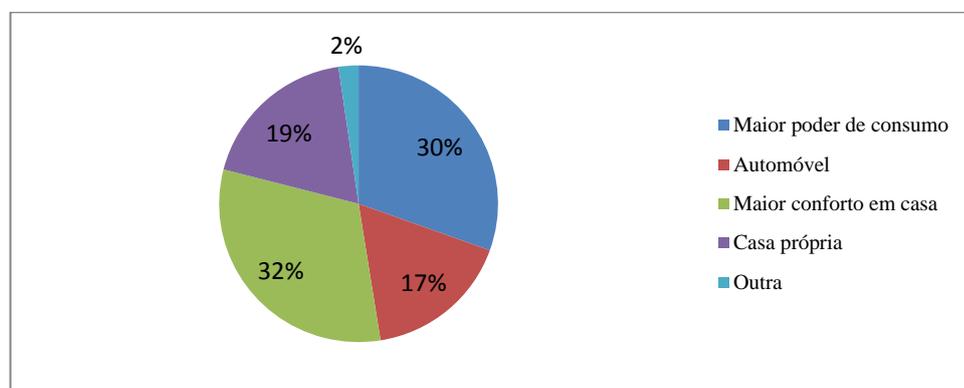


Gráfico 9 – Aspectos sobre em quais itens a melhoria econômica é mais pronunciada
 Fonte: elaborado pelo autor, 2015

Sobre os aspectos que tratam da melhoria social da família, 34% responderam férias com a família, 23% maior segurança, os outros itens estão elencados no gráfico a seguir. Na categoria outra melhoria, as respostas mais indicadas foram Educação, Salário e Qualidade de vida, com mais de 50% das respostas apresentadas para esta categoria. O que podemos identificar é que a geração de emprego e o conseqüente aumento na renda familiar têm muito a ver com estas categorias da melhora social. Observa-se, principalmente, que colaboradores oriundos do meio rural têm elencado o item férias com a família como um dos principais motivos de melhoria social, levando a interpretação de que muitos trabalhadores têm deixado o meio rural, principalmente jovens, pelo diário comprometimento que possuem com a vida do campo, não podendo se ausentar das tarefas das quais retiram o sustento.

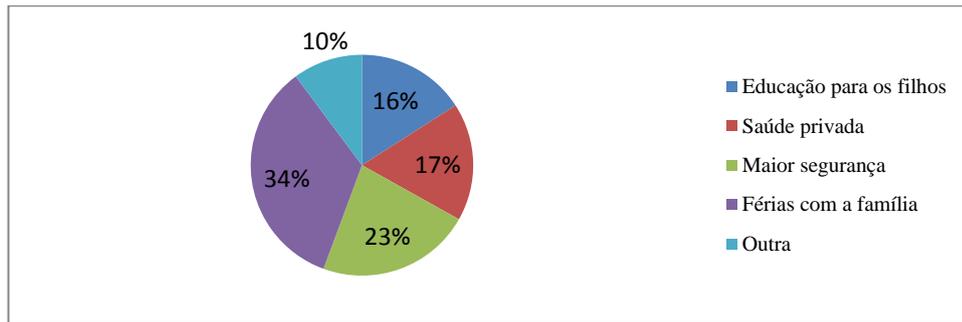


Gráfico 10 – Aspectos sobre melhoria social provocada pela indústria
Fonte: elaborado pelo autor, 2015

Em relação à questão que aborda sobre onde estariam trabalhando caso não estivessem na empresa atual, a grande maioria (68%) respondeu que estaria trabalhando em outra indústria. Os outros itens do local de trabalho estão elencados no gráfico a seguir, a resposta mais comum da categoria outro local foi investimento próprio ou construção civil.

O que se pode interpretar desta categoria é que o setor metalmeccânico é importante na geração de emprego para o município, pois a maioria dos colaboradores afirma que caso não estivesse na empresa atual estaria em outra provavelmente do mesmo setor. Estes dados também nos levam a interpretar que o município está atualmente bastante dependente do setor metalmeccânico e oscilações econômicas no setor poderiam levar a um problema social e estrutural.

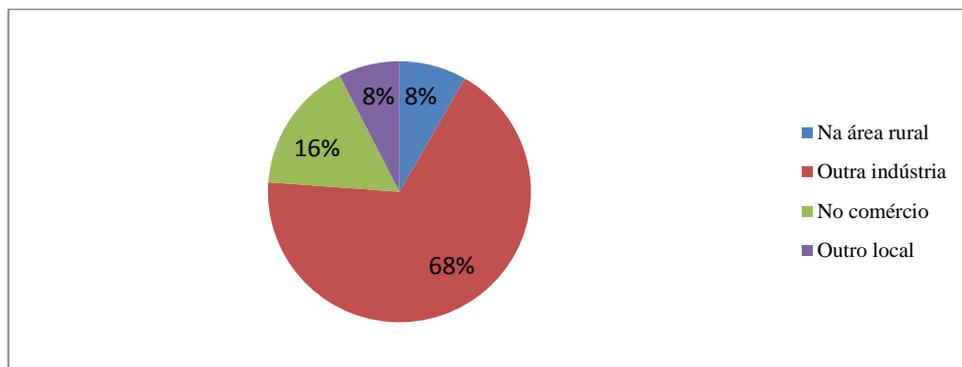


Gráfico 11 – Local de trabalho caso não estivessem na empresa atual
Fonte: elaborado pelo autor, 2015

Perante a visão dos colaboradores sobre a importância da empresa para o desenvolvimento do município, algumas respostas foram elencadas abaixo para explicitar a visão do colaborador.

A empresa proporciona muitos empregos, conseqüentemente o comércio local cresce e também o município, além disso por meio de impostos arrecadados, uma parte retorna ao município.(Entrevistado 202-Empresa 1)

Fundamental pois gera empregos, renda e impostos, além disso eleva o nome da cidade devido as potências industriais que estão implantadas nesta cidade. (Entrevistado 206-Empresa 1)

A importância da empresa é bem presente no desenvolvimento do município pois possibilita a seus colaboradores e dependentes uma renda garantida e maior poder de consumo gerando mais impostos ao município que conseqüentemente ira melhorar a saúde educação esporte lazer gerando muitos empregos indiretos. (Entrevistado 7-Empresa 2)

Agrega grande número de colaboradores sendo eles na maioria o sustento de suas famílias e desenvolve também empresas terceirizadas gerando mais empregos e impostos para o município. (Entrevistado 37-Empresa 2)

Para esta questão, observou-se que 29% dos entrevistados responderam que a principal importância da empresa para o desenvolvimento do município está na geração de empregos, 14% responderam que está na contribuição através de impostos, 11% responderam que a principal contribuição está na geração de renda; nesta questão 15% dos colaboradores não responderam e 24% deram respostas diversas, além de que 5% disseram que a empresa tinha importância, pois movimentava o comércio, e 2% responderam que favorecia o consumo, estas duas últimas categorias citadas estão diretamente ligadas à geração de renda, conforme ilustra o gráfico abaixo.

Pela análise feita das respostas dos colaboradores observa-se que a geração de empregos, impostos e geração de renda estão entre as principais contribuições das empresas para o desenvolvimento do município. Em toda pergunta na qual figura algum aspecto de colaboração para o desenvolvimento do município o item emprego sempre foi o mais lembrado pelos colaboradores, levando à análise de que, para estes, se há emprego haverá desenvolvimento.

Quanto ao item que perguntava se os colaboradores achavam que a empresa na qual trabalhavam havia ajudado a melhorar a estrutura do município e de que maneira obteve-se como resposta 90% de sim e 10% de não. Dos itens pré-definidos de melhoria na infraestrutura, as respostas mais citadas foram: 18% cidade bem cuidada, 17% pavimentação de ruas, 16% saúde de qualidade, os outros itens aparecem no gráfico a seguir.

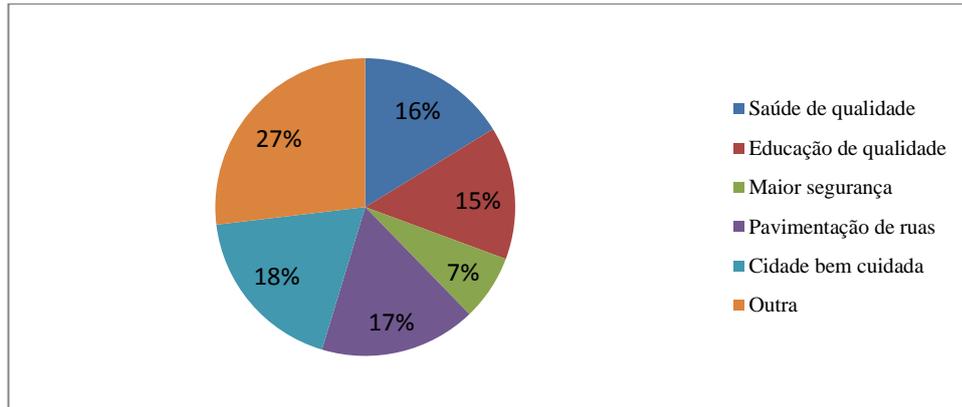


Gráfico 12 – Aspectos do município que apresentaram melhoria com a participação das empresas
Fonte: elaborado pelo autor, 2015

Aspectos negativos também foram apontados, representando 5,7% dos colaboradores, como retrata o entrevistado 44 da Empresa 2: “Devido ao grande porte das empresas que temos em nossa cidade a mesma poderia ter uma estrutura bem melhor”. De acordo com entrevistado 36 - Empresa 2 “O retorno do município para a população é muito baixo , o município não retorna o imposto das indústrias para melhorias”.

Conforme outro entrevistado:

Infelizmente a cidade não acompanha o desenvolvimento das empresas porque há mais pessoas morando na cidade, mas não se investe em saúde, educação, segurança ou seja, estes fatores são desproporcionais à evolução das empresas. (Entrevistado 185-Empresa 1)

Quanto à relação que abordava se o colaborador investia o que ganhava no município obteve-se que 77% disse que investia no município e 23% que não. Esta divisão era esperada, já que 63% dos colaboradores apresentam-se como residentes em Não-Me-Toque, portanto há que se entender os motivos que levam alguns colaboradores a não consumirem no município-sede das empresas empregadoras.

Também foram definidas algumas alternativas para respostas dos colaboradores quanto ao setor em que gastavam no município. O principal setor de gastos concentra-se em supermercados, com 30% dos entrevistados, após o item lojas de roupas e calçados com 21% e o item farmácias com 19%; os gastos em outros setores estão ilustrados no gráfico a seguir.

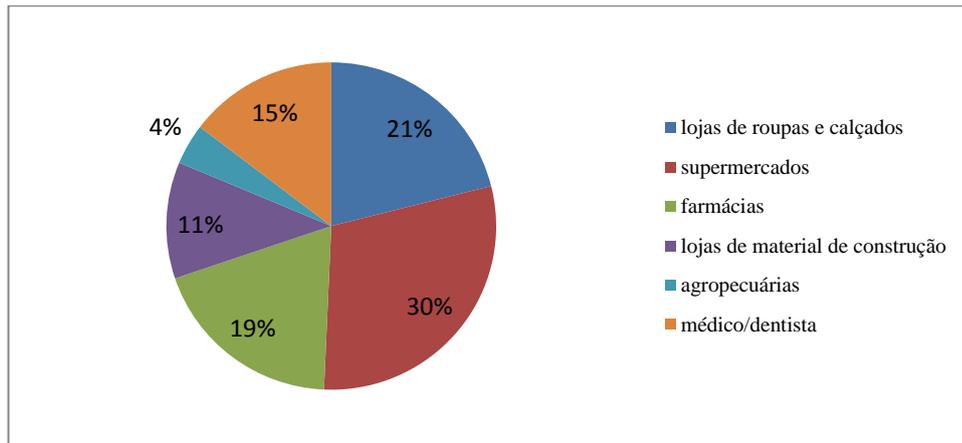


Gráfico 13 – Local onde o colaborador gasta sua renda no município
 Fonte: elaborado pelo autor, 2015

Quanto às alternativas negativas para o consumo no município, alguns apontamentos foram considerados importantes. Obteve-se que colaboradores não gastam no município pois as coisas são muito caras e há uma supervalorização dos produtos ali vendidos.

Conforme relatos de alguns colaboradores sobre o porquê do não consumo no município: “No mercado não, pois a COTRIJAL domina o ramo, aí monopoliza tudo põe os preços que quer por isso vale mais a pena comprar fora”. (Entrevistado 105-Empresa 2); “Pois os preços são muito altos, numa cidade desenvolvida com várias empresas, os preços deveriam ser bem menores”. (Entrevistado 24-Empresa 2); “Não-Me-Toque possui preços muito elevados comparando outras cidades, todos os setores (vestuário, calçados,...)” (Entrevistado 185-Empresa 1); “Preços altos para uma cidade pequena”. (Entrevistado 182-Empresa 1).

Considera-se, pelos relatos, que o comércio é controlado por poucas empresas e estas monopolizam o setor e exploram sem muita concorrência, levando a uma elevação de preços de produtos e serviços.

Quando o tema abordado tinha a relação com lazer, cultura e esporte, dentre os itens elencados o que foi mais citado como frequentado pelos colaboradores foi o jogo de futebol com 60% dos entrevistados, a categoria outro ficou com 16% das opções, e dentre estas a mais citada foi academia de ginástica, representando 50% das citações, os outros itens desta categoria estão ilustrados no gráfico a seguir.

Outro fato explicitado por 4% dos entrevistados é de que há no município poucas opções de cultura e lazer ou falta estrutura, pois cinema e teatro, que aparecem na pesquisa, são acessados pelos colaboradores, mas em municípios vizinhos ou mais distantes.

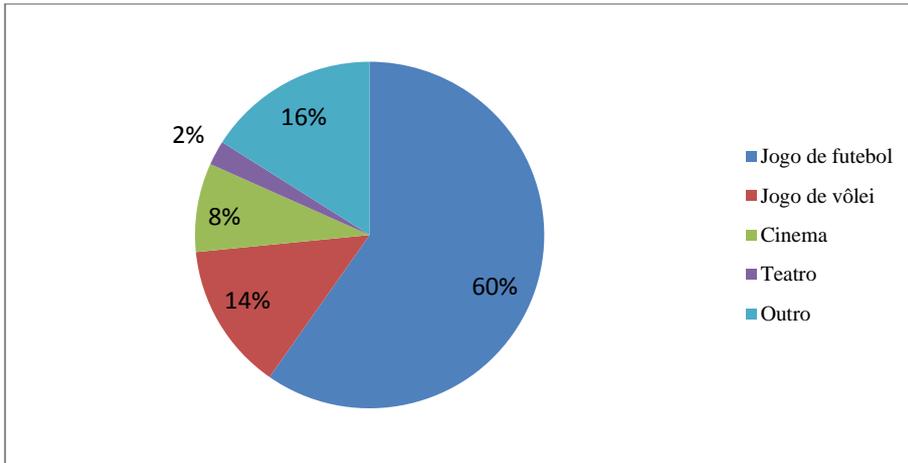


Gráfico 14 – Opções de lazer, cultura e esporte frequentados pelos colaboradores
Fonte: elaborado pelo autor, 2015

Quanto ao item que aborda a valorização do colaborador pela empresa, se este se sentia valorizado ou não e de que forma, o que se observa é que 83% dos colaboradores sentem-se valorizados.

Ao tratar-se sobre os quesitos pré-definidos que levam o colaborador a se sentir valorizado, os itens mais citados foram: 37% o bom relacionamento com colegas, 27% a oportunidade de crescimento profissional, os outros itens encontram-se no gráfico abaixo.

Estes dados mostram que a valorização não passa apenas pela questão financeira, mas também pela questão de ter bom relacionamento no trabalho e oportunidade de crescimento profissional, que levam o colaborador a uma realização pessoal bem maior do que o próprio salário em si.

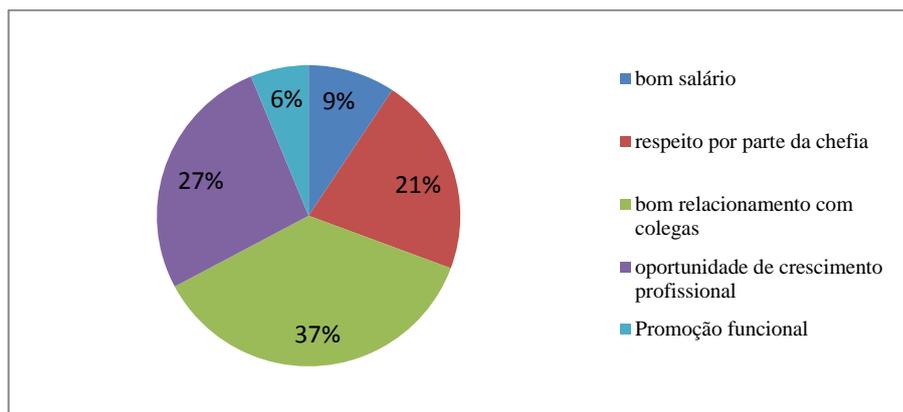


Gráfico 15 – Fatores representam valorização da empresa para o colaborador
Fonte: elaborado pelo autor, 2015

Nesta questão, havia uma parte em que o colaborador poderia citar motivos caso ele não se sentisse valorizado pela empresa, o que aconteceu para 7,4% dos colaboradores. Um tema que alguns colaboradores da empresa 2 citaram como motivo pela falta de valorização foi quanto a empresa não possuir um plano de carreira. Este tema é bem pertinente, pois leva

o colaborador a valorizar mais a sua empresa quando ele sente que à medida que permanecer por mais tempo aumentará o seu rendimento, e conseqüentemente a sua satisfação. O fator mais citado como causa pela não valorização da empresa para com o colaborador foram as poucas oportunidades de crescimento.

Quanto ao tema que abordava sobre a empresa colaborar quanto à qualificação, observou-se que 73% dos entrevistados responderam que a empresa colabora e outros 27% responderam que não. Dos entrevistados que responderam que a empresa colaborava questionou-se a forma como ocorria esta colaboração, obteve-se que para 60% deles era através de cursos internos, 25% era através de ajuda financeira para estudar em áreas ligadas à indústria e outros 15% responderam que era através de cursos externos.

O que se pode interpretar é que se os cursos ou áreas de estudo têm a ver com o que a indústria trabalha e atua, esta procura colaborar financeiramente, pois estará recebendo um colaborador cada vez mais qualificado e que conseqüentemente lhe trará maior produtividade e melhor qualidade a seu serviço desempenhado.

Para aqueles que responderam que a empresa não colaborava com a qualificação, obteve-se que para 10% dos colaboradores faltam incentivos e que também alguns são privilegiados com os cursos que a empresa proporciona.

Sobre a questão emprego e renda para o colaborador, o que se pode observar é que os entrevistados têm alguns motivos para trabalharem em empresas de grande porte como, por exemplo, a possibilidade de crescimento profissional que eles almejam e a empresa incentiva, a busca pela estabilidade econômica, o que lhes possibilita o acesso a um maior consumo e lazer. Outro fator bem importante, também, é da ajuda financeira para qualificação que as empresas proporcionam, principalmente se em áreas relacionadas à indústria, estes fatores são muito importantes, pois acenam com uma possibilidade de melhoria social e conseqüentemente a busca por outros serviços, favorecendo o município no quesito arrecadação e também instalação de novas empresas. Mas o que se observa é que isso não tem acompanhado da mesma forma, que o setor de serviços e comércio não condiz com a grande oferta de emprego que há no município, levando muitos colaboradores a consumirem fora de seus redutos, pois o custo e a variedade não são compatíveis com a demanda.

Pode-se analisar que o pleno emprego e o conseqüente aumento da renda muito têm colaborado para que o município arrecade mais, pois este colaborador passa a consumir mais e a ter acesso a certos serviços que antes não poderia usufruir, abrindo oportunidades para mais empresas da área comercial, mas também provocou alguns gargalos importantes para o município, que não conseguiu suprir a demanda, como o aumento de opções de compra,

levando muitos consumidores a procurarem serviços e comércio em outros municípios devido à precariedade de algum serviço ou a falta de concorrência, traduzindo em preços elevados.

5.3 O desenvolvimento do setor metalmeccânico no município de Não-Me-Toque-RS e a sucessão no meio rural

Dos 416 entrevistados das empresas 1 e 2 obteve-se que 99 responderam que residiam ou ainda residem no meio rural, o que representa 24% dos entrevistados. Destes, 58 eram da empresa 1 e 41 colaboradores da empresa 2, representando respectivamente 26% e 20% dos colaboradores entrevistados que possuem alguma ligação com o meio rural.

Dos colaboradores que deixaram o meio rural para trabalhar nas empresas pesquisadas, 29% responderam que haviam deixado o meio rural há mais de 5 anos, 23% há mais de 10 anos, 13% há mais de 1 ano, 12% há mais de 15 anos, 10% ainda responderam que trabalhavam na área urbana mas continuavam residindo no meio rural, além de 8% que haviam deixado o meio rural há mais de 20 anos e 5% há menos de 1 ano.

Quanto à questão que abordava se parentes haviam continuado residindo no meio rural com sua saída, obteve-se que 77% tinham pais/familiares residindo no meio rural e 23% não possuíam, evidenciando que muitos ainda mantêm vínculo com o meio rural. Isto evidencia que apesar de mudanças para o espaço urbano, o colaborador continua a manter certa relação com o meio rural mesmo que tenha deixado este ambiente.

Em relação aos motivos que levaram o entrevistado a sair do meio rural para o meio urbano, obteve-se como principais causas para 30% dos entrevistados a falta de oportunidades neste meio, 30% melhores salários, com 20% outra alternativa, 9% possuir proposta de emprego na área urbana, 8% por não se identificar com o trabalho na área rural e 3% por ter maior identificação com a área urbana. Dos que optaram pela categoria classificada como outra alternativa, a metade apontou como motivo principal pela saída do meio rural a possibilidade de estudar, já que estando no meio rural não lhes seria possível. Os outros itens estão ilustrados no gráfico a seguir.

O que se pode entender a respeito destes motivos para a saída é que no meio rural ainda as dificuldades enfrentadas são muitas como a falta de melhores oportunidades, opções de lazer, desejo de continuar os estudos e também a falta de estabilidade financeira, levando o colaborador a ficar com incertezas quanto as medidas econômicas do governo e condições meteorológicas.

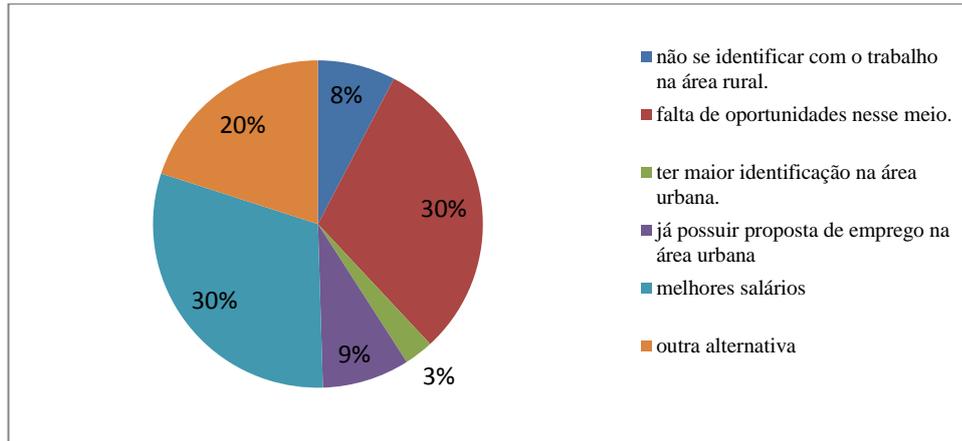


Gráfico 16 – Motivos para a saída do colaborador do meio rural
Fonte: elaborado pelo autor, 2015

Sobre a questão que envolvia sobre qual era/é a atividade principal do entrevistado quando residia ou ainda reside no meio rural, 63% respondeu que era soja, milho e trigo, 26% respondeu que era pecuária leiteira, 9% respondeu que era outra a atividade principal, além de 2% em que era pecuária de corte. Nesta categoria intitulada outra, as atividades que apareceram com mais frequência citadas pelos entrevistados foram piscicultura, avicultura e fumo.

Para a região, fica muito evidente que a produção de grãos tem se destacado no cenário rural, até motivado pelo preço das commodities, além da atividade leiteira como uma segunda alternativa, mostrando que há pouca diversificação no campo.

Quanto ao tamanho de propriedade do entrevistado quando este residia ou reside no meio rural, 56% respondeu ser de até 50 hectares. Por esta classificação, observa-se que a grande maioria é/era de colaboradores com pequenas e médias propriedades. Os outros dados encontram-se no gráfico abaixo.

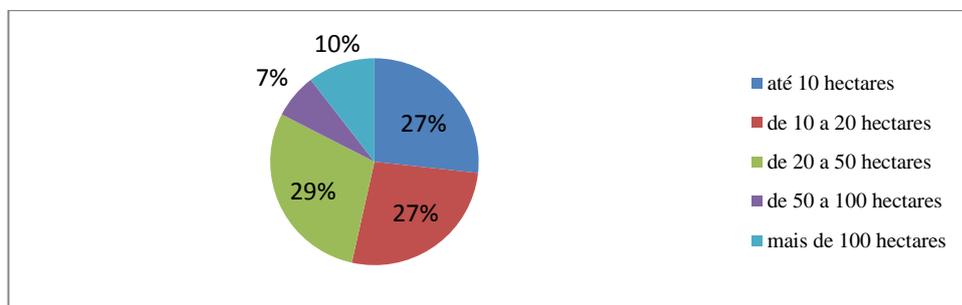


Gráfico 17 – Tamanho da propriedade rural do colaborador
Fonte: elaborado pelo autor, 2015

Quanto ao que aconteceu com a família quando o entrevistado mudou-se do meio rural para o meio urbano obteve-se que para 56% dos entrevistados, parte da família

permaneceu no meio rural. Os outros itens em relação à mudança do colaborador estão ilustrados no gráfico abaixo.

O que se pode presumir é de que a grande maioria desses colaboradores que migraram do meio rural para o espaço urbano são jovens, pois ou a família permaneceu ou não possuem esposa/marido e nem filhos.

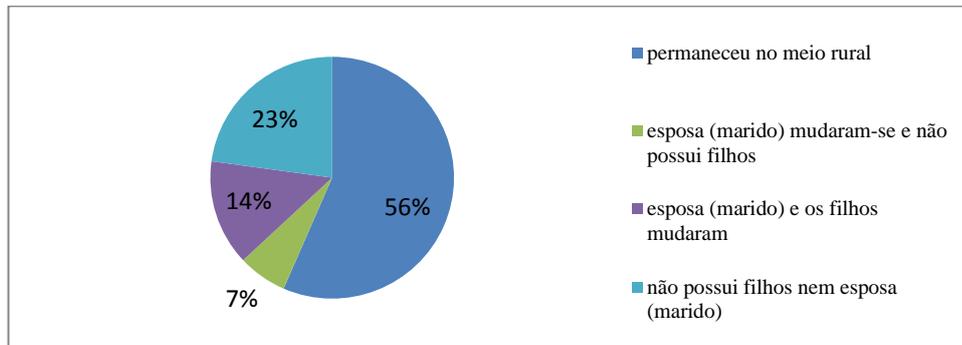


Gráfico 18 – Mudança do colaborador do meio rural para o meio urbano em relação à família
Fonte: elaborado pelo autor, 2015

No que diz respeito ao local de trabalho do cônjuge, obteve-se que 38% não é casado (a), não tem esposa (marido) nem filhos, 17% tem esposa (marido) em outras empresas (lojas, restaurantes, supermercados...) e os filhos estudam, 15% detém outra situação, além de 11% que possui esposa (marido) na mesma empresa (ou no mesmo ramo) e os filhos estudam, 9% que esposa (marido) trabalha na mesma empresa (ou no mesmo ramo) e não tem filhos, 4% que esposa (marido) trabalha em outras empresas (lojas, restaurantes, supermercados...) e não tem filhos, 4% que esposa (marido) não trabalha fora e os filhos estudam e 2% que esposa (marido) não trabalha fora e não tem filhos. No item denominado Outra situação os mais comuns são professora ou aposentado.

Quanto às mudanças observadas pelo entrevistado quando este começou a trabalhar no setor metalmecânico, obteve-se para 30% dos entrevistados maior qualidade no trabalho, 18% indicou como melhor qualidade de vida (habitação, melhor acesso à saúde e educação), os outros itens estão elencados no gráfico a seguir.

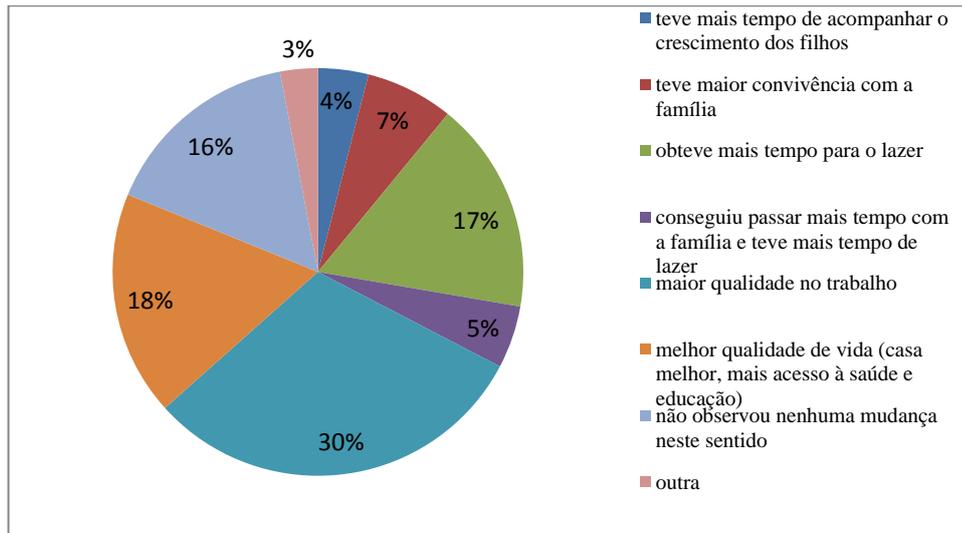


Gráfico 19 – Mudança observada com saída do meio rural
Fonte: elaborado pelo autor, 2015

Quanto ao quesito que analisava o tempo que o entrevistado procurou emprego ao chegar ao meio urbano obteve-se que 63% dos entrevistados levaram menos de 6 meses procurando emprego, 23% dos entrevistados não procuraram emprego, já tinham sido procurados pelo empregador e tinham vaga garantida, além de 6% que levaram mais de 6 meses e menos de 1 ano, 2% que levaram mais de 2 anos, 2% que levaram mais de 5 anos, 1% levou mais de 1 ano e 1% que levou mais de 4 anos procurando emprego na área urbana. O que se pode observar é que a maioria desses trabalhadores que vieram do espaço rural já possuía vaga garantida na indústria ou levou menos de 6 meses procurando emprego, mostrando que essas empresas muitas vezes acabam investindo em mão de obra do meio rural para suprir suas vagas no meio urbano.

Em relação aos problemas na adaptação do meio rural para o meio urbano, 61% respondeu que não encontrou dificuldades, 23% respondeu que a principal dificuldade foi na nova rotina, além de 10% que a dificuldade foi no mercado de trabalho e 6% que respondeu como outros motivos. Para aqueles que responderam que a dificuldade enfrentada foi no mercado de trabalho, os apontamentos mais frequentes foram quanto à falta de experiência e qualificação; para os que responderam que as dificuldades encontradas eram na nova rotina, os apontamentos foram quanto aos horários a serem cumpridos e para aqueles que responderam como outros, a dificuldade estava em pagar aluguel e a distância de pais e familiares.

Quanto às vantagens econômicas que o entrevistado conquistou no meio urbano e não encontrava no meio rural obteve-se que 44% respondeu que a remuneração é mais

vantajosa e fixa no meio urbano do que no meio rural, 39% respondeu que a remuneração é equivalente, porém na indústria é fixa e 17% respondeu que a remuneração é menor, porém fixa. A interpretação que se faz é de que a maioria dos entrevistados respondeu que a remuneração é maior ou equivalente ao meio rural, porém fixa. O fato de a remuneração ser fixa leva muitos destes colaboradores a abandonarem o espaço rural, pois trabalhando na indústria conseguem ter uma fonte de rendimento certa todos os meses, o que nem sempre é possível no meio rural de acordo com a atividade desenvolvida.

Em relação à questão que tratava sobre a relação da carga horária entre o meio urbano e o meio rural obteve-se que 38% respondeu que no meio urbano a jornada de trabalho é menor e menos cansativa do que no meio rural, para 20% as jornadas se equivalem (são iguais), porém no meio urbano é menos cansativa, os outros itens estão ilustrados no gráfico abaixo.

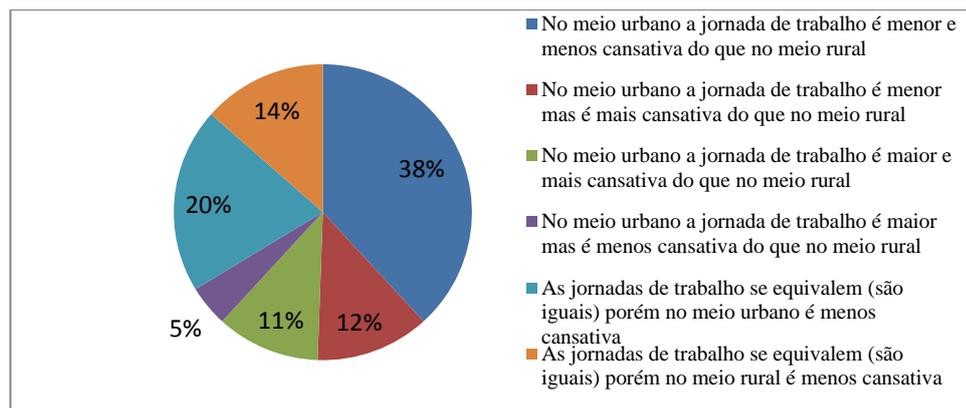


Gráfico 20 – Relação de carga horária entre o meio urbano e meio rural
Fonte: elaborado pelo autor, 2015

Em relação ao quesito que abordava se o entrevistado voltaria a residir no meio rural e em que circunstância, obteve-se que 61% respondeu que retornaria a residir no meio rural, 32% respondeu que não voltaria a residir no meio rural e 7% respondeu que talvez retornasse a residir no meio rural. Quanto às circunstâncias apontadas para o retorno para o meio rural, obtivemos respostas variadas, mas as principais foram: valorização do agricultor, melhor estrutura do meio rural e após aposentadoria.

Quanto ao tema abordado sobre o que o colaborador conseguia fazer no meio urbano após trabalhar na indústria e que não conseguia fazer antes no meio rural obteve-se como principais respostas os itens lazer, estudo e descanso que melhoraram no meio urbano para o entrevistado, porém, obteve-se também que para 2,5% dos colaboradores que responderam ao questionário, de que nada mudou com a mudança para o meio urbano, levando a interpretar

que no meio urbano questões como as mais citadas que são lazer, estudo e descanso são mais facilitadas pois há mais acesso, mas não necessariamente implicam em mudanças profundas.

Em relação ao último bloco de entrevistas que abordava sobre sucessão no meio rural observou-se que a maior parte dos entrevistados que possuem/possuíam relação com o meio rural mudou-se há mais de 5 anos do campo e esta mudança foi influenciada principalmente pela busca de melhores salários e melhores condições de vida, observou-se também que são na maioria jovens, solteiros e sem filhos estes migrantes. Outro fator importante que se pode observar é de que para a maioria a mudança possibilitou mais acesso a lazer e tempo com a família, filhos e melhor qualidade de vida. Destes que migraram do campo para a cidade, a maioria deles não teve dificuldades para conseguir emprego ou já estavam empregados ao chegarem. Quanto ao retorno para o meio rural, também ficou evidente que grande parcela dos colaboradores voltaria, mas desde que melhorasse a situação do agricultor e a estrutura do meio rural.

Através desses relatos, pode-se interpretar que a saída do meio rural está bastante relacionada à falta de estrutura do campo e condições enfrentadas pelo agricultor e não simplesmente pelo forte apelo do setor metalmeccânico na região em busca de mão de obra.

5.4 Análise do setor metalmeccânico para o desenvolvimento do município de Não-Me-Toque-RS: percepção das instituições

Neste subitem serão abordadas as percepções obtidas com proprietários/gerentes e agentes no que condiz com a criação e a evolução do setor metalmeccânico no município de Não-Me-Toque. Será analisado de que forma surgiram as empresas do setor metal e como elas evoluíram no sentido de geração de emprego e renda e a criação de novas empresas do setor.

5.4.1 Percepção de desenvolvimento do setor metalmeccânico a partir de proprietários/gerentes

Num primeiro momento buscou-se perante gerentes/proprietários que fizessem um breve histórico das transformações que o município passou nos últimos anos. Grande maioria das respostas foram no sentido de que as transformações mais profundas ocorreram a partir dos anos 1990, período em que a agricultura passa a se fortalecer, impulsionando indústrias locais existentes e a criação de outras novas indústrias.

Historicamente o município se desenvolveu em cima das indústrias criadas pelos imigrantes holandeses, JAN e STARA, mas o grande diferencial é a EXPODIRETO, que foi o divisor de águas para o setor metalmeccânico, pois trouxe para esta feira as empresas de ponta do país e fez com que STARA e JAN tivessem que correr

atrás. Marcou a evolução das grandes empresas e propiciou a abertura de outras centradas nas maiores (EMPRESA 11).

A explosão de crescimento das grandes empresas se dá a partir dos anos 1990/2000. Empresas de pequeno porte que servem de apoio, não existia nada, foram surgir basicamente a partir dos anos 1990 com o crescimento das grandes. Até os anos 1990 todo e qualquer treinamento era executado fora das empresas e a partir daí passa a ser trazido para dentro delas com o objetivo de qualificar o funcionário (EMPRESA 7).

O município sofreu grandes transformações nos últimos anos mais ou menos a partir da década de 1990 com a agricultura favorável o setor metal passou a evoluir consideravelmente e se tornar dinâmico. Até então basicamente existiam as empresas STARA e JAN e não eram tão grandes como são hoje (EMPRESA 5).

Com relação à diminuição da população rural no município de Não-Me-Toque a maioria respondeu que a principal causa dessa migração não é as indústrias do setor metalmeccânico e sim a falta de incentivos e oportunidades para que esses trabalhadores, principalmente jovens, permaneçam no meio rural. Outro fator bastante citado é o de que pequenos proprietários rurais tendem a ir para a cidade trabalhar na indústria, dando espaço para os grandes proprietários.

Acredita que a falta de alternativas no campo levam principalmente o jovem para a cidade pois ele gosta de ter seu próprio dinheiro, de ter seu carro, sua independência (EMPRESA 2).

Acredita que para o agricultor que possui pouca terra e produz grãos se torna inviável economicamente permanecer no campo (EMPRESA 3).

[...] a tecnologia começou a chegar na cidade não chegou no campo, e a tecnologia hoje é usada para tudo, o jovem que nasce no interior quer ter internet, quer ter celular, ele quer se ligar no mundo, quer saber tudo, e esse acesso, apesar de que isso agora existe, mas alguns anos atrás isso não tinha no interior, e isso é uma questão social também [...] querem participar mais do mundo moderno, e nessa parte ele não fica no interior (EMPRESA 8).

Quanto aos motivos que levaram a instalação das empresas do setor metalmeccânico no município e posteriormente sua evolução, foram elencados dois motivos principais: para as duas grandes empresas foi através da dissolução de uma sociedade entre elas que nasceram as duas e para as outras menores foi através dos planos de expansão das duas pioneiras que levaram a um aumento de demanda de terceirizações e, conseqüentemente, oportunidade de abertura de novas indústrias. A maioria das indústrias que nasceram posteriormente às duas primeiras são formadas por ex-funcionários destas que viram uma oportunidade de ter o próprio negócio. Surgem primeiramente para suprir as empresas maiores, STARA e JAN.

Conforme corrobora um dos entrevistados

A empresa surgiu por uma necessidade, no ano de 1996. Surge no município de Não-Me-toque pela demanda, por uma questão de oportunidade, a empresa essa na realidade estava sediada em Carazinho, e eles iam e levavam todos os dias peças, e a maior parte do serviço não estava em Carazinho. A empresa foi comprada lá e

trazida para o município de Não-Me-Toque. Ela surge sim para suprir as empresas maiores, inicialmente suprimos a empresa Stara e Jan desde sempre (EMPRESA 8).

Em relação à área de atuação das empresas e agentes tem-se como uma totalidade a atuação voltada ao setor rural, seja fabricando implementos, terceirizando peças para estes fabricantes, dando assistência e manutenção, portanto todos possuem de uma forma ou outra a totalidade ou parte de sua atuação direcionada ao setor rural.

Surgiu em 1986 prestando serviços para a agricultura e a partir de 1992 passa a também fabricar produtos próprios para a agricultura. A partir dos anos 2010 acabou com a prestação de serviços para os agricultores e passou a dedicar-se exclusivamente a produção de equipamentos para a agricultura (EMPRESA 5).

Em relação aos principais clientes das empresas do setor metalmeccânico tem-se que as 4 maiores empresas do setor produzem para o produtor e as outras empresas, em sua quase totalidade, produzem peças e equipamentos para estas 4 empresas ou prestam serviços de manutenção, além de eventualmente produzirem algum equipamento próprio. Conforme relatos “Os principais clientes são STARA, JAN, GRAZMEC” (EMPRESA 7); “Os principais clientes são os agricultores” (EMPRESA 5); “Antes os clientes eram os agricultores e hoje além dos agricultores tem na AGCO, JOHN DEERE, CASE NEW HOLLAND e RANDON os principais clientes” (EMPRESA 2).

Os clientes [...] são pequenos, médios e grandes produtores. Os maiores mercados são o brasileiro, principalmente região Sul, e no exterior Paraguai e leste europeu. Conseguimos atender as demandas dos mais variados produtores por oferecer tecnologias em máquinas e equipamentos em diversos portes (EMPRESA 1).

Quanto à importância das empresas do setor metalmeccânico na geração de emprego e renda para o município todos os envolvidos na pesquisa têm a convicção de que atualmente é o principal setor para o município nesse quesito, e que servem de suporte para a economia. Conforme relatos, “É o principal fator de renda para o município além de gerar riqueza para a região, pois muitos funcionários vêm de outros municípios” (EMPRESA 4).

Tudo, Não-Me-Toque é uma cidade agrícola porque está no meio agrícola, se nós retirássemos todas essas lavouras que tem aqui dos donos das terras e da sociedade como um todo, que é agrícola o que prevalece é o metal mecânico, o percentual está maior do metal mecânico do que a agricultura. O metal mecânico é voltado para a agricultura aqui no município de Não-Me-Toque (EMPRESA 8).

A indústria metalmeccânica além de gerar empregos nela mesma, gera empregos indiretos (comércio e serviços por exemplo). Esse ciclo faz com que Não-Me-Toque tenha um índice quase zerado de desemprego (EMPRESA 1).

Em relação à questão que se referia sobre se a empresa contribuía para o desenvolvimento econômico do município e em quais aspectos esta contribuição era mais perceptível, observa-se uma totalidade relatando que as principais contribuições para o município acontecem na geração de emprego e renda e no retorno através de impostos. Alguns relatos para comprovar: “Geração de impostos e funcionários e suas famílias que passam a consumir no município” (EMPRESA 7); “Geração de emprego, geração de imposto através da prestação de serviços” (EMPRESA 4); “A empresa gera emprego e renda que vai fomentar o consumo no comércio do município” (EMPRESA 3); “[...]emprego e renda que são depois usados no consumo no comércio do município” (EMPRESA 2); “Emprego e retorno de ICMS” (EMPRESA 5).

A respeito das instalações das empresas STARA e JAN, se houve a partir delas a instalação de outras empresas do setor, obteve-se uma totalidade de respostas positivas indicando que as duas grandes são diretamente fundamentais na instalação de outras empresas do ramo e sem contar também que mostra que setores que não estão ligados ao metalmeccânico também sofreram influências das duas grandes empresas, como é o caso da construção civil.

Não-Me-Toque abriga muitas empresas que surgiram para atender a demanda das empresas maiores, exemplo a GRAZMEC que produz alguns tipos de peças para atender a STARA (EMPRESA 1).

Ampliou além das empresas do setor metalmeccânico a instalação e criação de empresas da construção civil pois o município começa a crescer muito a sua área urbana (EMPRESA 4).

Acredita que todas as outras empresas que surgiram após 1960 devem tudo as estas duas primeiras pois através delas é que possibilita o surgimento das outras (EMPRESA 5).

Sim pois a Grazmec fabricava as ferramentas, onde ele atendeu a demanda da Stara o dono era funcionário da Stara, Roster ele também era funcionário da Jan ele saiu para prestar serviços para a Jan, tendo também seus produtos próprios, a Petrimak faz ferramentas para Stara ele era matrizeiro muitos anos também prestando serviços na ferramentaria terceirizados para a Stara, se você analisa todos os fundadores de proprietários da pequenas empresas hoje tem produtos próprios todas passaram em algum momento de funcionário pela Jan ou Stara. As maiores influenciaram no surgimento das menores (EMPRESA 6).

Quanto à relação das empresas com outras instituições do município observa-se que todas elas têm uma aproximação com alguma instituição como ACINT, SEBRAE, SENAI, Programa Jovem aprendiz, procurando sempre apoio para qualificar seus colaboradores e também dando oportunidades aos jovens que estão ingressando no mercado de trabalho, como podemos conferir: “Sim participam do menor aprendiz. Também auxiliam funcionários que

desejam fazer algum curso superior ou profissionalizante” (EMPRESA 5); “A Stara tem parceria com o SENAI, com o projeto Jovem Aprendiz” (EMPRESA 1).

SEBRAE participamos inclusive do desenvolvimento de índices tivemos capacitação feita pelo Sebrae, o Senai trabalhamos muito para a qualificação, fui presidente da ACINT, continuamos a ter esse envolvimento mas como pessoa física. Buscamos muito a escola SENAI para o município de Não-Me-Toque (EMPRESA 8).

Sobre as questões ambientais e as relações com o meio ambiente observa-se que todas as empresas do setor metalmeccânico seguem o que está previsto pela legislação, sem grandes inserções além disso, como comprovam as falas: “Tem assessoria, não tiveram problemas, seguem normas de licenciamento, existe empresa especializada que faz a retirada dos resíduos” (EMPRESA 7); “Seguem normas de licenciamento ambiental estipuladas em lei e fiscalizados pela FEPAM” (EMPRESA 5).

Seguem os padrões da legislação dentro das normas, seguindo normas de descartes e sendo fiscalizados pela Secretaria do Meio Ambiente. Possuem licença ambiental (EMPRESA 3).

Temos sim, temos a licença da Fepam, e na verdade problemas nós não temos, estamos cumprindo as regras as exigências, por exemplo na ultima vistoria que nos deram licença para mais três anos, tivemos que fazer algumas trocas, o ramos metalúrgico ele pode ser controlado tudo e pode ser um grande poluidor do meio (EMPRESA 6).

Estamos sempre nos adequando as novas necessidades, as exigências das normas ambientais. Então é um dos cuidados que temos de respeitar o meio ambiente. Mas não temos todas as técnicas para isso, dependemos dos órgãos ambientais como a Fepam, ele dão as exigências e as assistências, nós procuramos também outros processos menos agressivos como o cianeto de sódio é o produto que mais se adapta a nossa atividade, usamos uma política para cuidar o meio ambiente. Fizemos o tratamento desses produtos agressivos, fizemos o tratamento de efluentes, é retirado e mandado para um lixo especializado (EMPRESA 8).

Quando a pesquisa voltou-se às questões sociais e se as empresas tiveram algum problema do gênero obteve-se como resposta que todas eventualmente possuem questões sociais relacionadas à questão trabalhista, vide a seguir: “Eventualmente ocorrem algum acionamento judicial” (EMPRESA 5); “A STARA procura atender a todas as legislações trabalhistas” (EMPRESA 1).

Quanto aos entraves existentes para o desenvolvimento das empresas no município os itens apontados foram infraestrutura, mão de obra e área do município para expansão industrial. De acordo com os relatos a seguir: “Acredita que o maior problema é a falta de apoio municipal para questões relacionadas a obras de infraestrutura” (EMPRESA 5).

Áreas disponíveis para expansão, foi criada uma área industrial mas não é suficiente para a expansão das empresas, a área onde está a empresa é alugada e caso fossem comprar a prefeitura não autorizaria o funcionamento da empresa neste local. A burocracia é muito grande para se adaptar em nova área, muito gasto. Na área industrial falta infraestrutura mínima para as empresas (telefone). Sentem falta de mão de obra especializada, o município tem muito soldador mas só sabe isso e para a pequena empresa ele tem que atuar em várias frentes pois não possui linha de produção. Dificuldade de conseguir alguém que queira trabalhar nesta área principalmente os mais jovens (EMPRESA 4).

Dificuldade de mão de obra pois as grandes tem diferenciais a oferecer que as pequenas não possuem; não possuem muita barganha com fornecedores; as grandes absorvem a mão de obra mais qualificada sobrando a menos qualificada ou aquele que não quer mais trabalhar em empresas grandes pelo grande nível de cobrança (EMPRESA 7).

No último bloco referente a gerentes/proprietários discorreu-se sobre os funcionários. Na primeira abordagem buscou-se saber um pouco da quantidade de funcionários no início e atualmente para conhecer a evolução do setor dentre as empresas. Tem-se na totalidade das empresas como resposta o início das atividades com poucos ou apenas o proprietário, e apresentam um número bem superior ao começo. Mas encontram-se oscilações provocadas pelas empresas mais antigas que iniciaram com alguns e hoje são classificadas como grandes empresas, como outras que possuem uma trajetória mais curta e começaram com um ou dois e possuem um avanço no número de colaboradores considerável, como comprovam os relatos: “Possuía 5 funcionários e hoje possui 44 funcionários” (EMPRESA 11); “Eram 5 funcionários na fundação e hoje estão em 16 funcionários” (EMPRESA 4); “Poucos e hoje possui em torno de 1450 colaboradores” (EMPRESA 2); “Só o proprietário e hoje possui em torno de 90 funcionários” (EMPRESA 5).

Quando o assunto abordado referia-se à taxa de rotatividade de funcionários nas empresas as respostas foram bem diversas, dependendo do tamanho da empresa. As empresas que possuíam mais de 40 funcionários relataram que a taxa de rotatividade era baixa, ao passo que empresas de menor porte e número de funcionários relataram que a rotatividade era alta ou elevada. Segundo os relatos: “A rotatividade é baixa em torno de 5 a 10% ano” (EMPRESA 5).

Baixa rotatividade preferindo funcionários inexperientes (para formar a própria filosofia da empresa) à funcionários que vivem mudando de uma empresa para outra (EMPRESA 11).

Em torno de 30%, e um dos grandes motivos é a diferença salarial que por uma pequena margem acabam mudando. Outro ponto é a pressão das grandes pois quando estas abrem vagas os funcionários acabam mudando objetivando uma progressão de carreira coisa que as pequenas não possuem. Apesar de a faixa salarial na empresa ser superior as duas grandes acabam perdendo funcionários pois estas possibilitam uma ascensão na carreira (EMPRESA 4).

Elevada pois possuem no geral baixa qualificação e nível de instrução e quando já possuem tempo de serviço que lhes proporcione a retirada do benefício do seguro desemprego acabam pedindo ou forçando a saída. Mais de 50% ao ano (EMPRESA 3).

Em respeito à qualificação da mão de obra foi abordado se ela é qualificada na contratação ou as empresas exigem qualificação. Neste quesito observou-se que a totalidade procura o futuro funcionário com a qualificação mínima exigida, mas relatam que está muito difícil e, portanto, acabam contratando sem qualificação e providenciando, após, treinamento interno e externo para o funcionário. Outro quesito bastante abordado foi a parceria do SENAI para essa qualificação. Alguns relatos: “Qualificam os funcionários dentro da empresa e também em colaboração com o SENAI” (EMPRESA 2); “Para algumas funções conseguimos mão de obra qualificada, para outros é necessário qualificar interna e externamente o colaborador” (EMPRESA 1).

A empresa tem que qualificar pois não acha funcionário já com perfil da empresa, apenas na área de solda que já tem pronto a qualificação mas em outras áreas não (EMPRESA 4).

A gente procura contratar funcionários qualificados, mas é muito difícil. Se fores exigir muito estudo, muita qualificação, praticamente não se acha ninguém, então contratamos os mais qualificados, e encaminhamos para cursos de qualificações ao decorrer do tempo (EMPRESA 9).

Em relação a de qual setor da economia eram oriundos os funcionários das empresas, observou-se que todos afirmaram que a maioria vinha de outras indústrias, mas também possuíam funcionários do meio rural e do comércio. Conforme relatos, “Geralmente de outras indústrias da Região, como Stara, Jan e alguns de Carazinho e Ibirapuitã que provavelmente venham da Agricultura” (EMPRESA 9); “Outras empresas do setor metal” (EMPRESA 11); “Principalmente de outras indústrias” (EMPRESA 7); “De outras indústrias, comércio mas maioria é da cidade” (EMPRESA 2).

Quando o assunto tinha a ver com o local de procedência deste funcionário para as indústrias observou-se que as empresas menores possuem quase totalidade de funcionários com a procedência de Não-Me-Toque, já as maiores, acima de 40 funcionários, possuíam acima de 10% de seus quadros funcionais com pessoas de outros municípios, sendo o de maior importância de colaboração o município de Carazinho. Conforme os relatos a seguir: “[...] alguns vem de fora, mas a partir da instalação acabam vindo morar em NMT. Em torno de 30% vieram de fora mas hoje residem no município” (EMPRESA 11); “[...] em torno de 350 são de fora. Uns 220 de Carazinho, 50 de Soledade, 30 de Mormaço e Victor Graeff, 50 de Espumoso, Tapera e Lagoa dos Três Cantos” (EMPRESA 2).

Muitos colaboradores são oriundos de outras cidades da região, cerca de 50 % deles, principalmente dos municípios da região (Carazinho, Tapera, Victor Graeff, Lagoa dos Três cantos, Passo Fundo, Ibirapuitã, Soledade) (EMPRESA 1).

Na última questão do terceiro bloco aborda-se a relação de funcionários das empresas do setor metalmeccânico com o meio rural. Observou-se que cinco empresas do setor possuíam funcionários que tinham uma relação com o campo, moravam, plantavam ou criavam. De acordo com relatos, “Até temos, um casal que possui uma pequena chácara para fora, mas somente eles” (EMPRESA 9); “Sim, possui” (EMPRESA 10); “Alguns colaboradores são do meio rural” (EMPRESA 1); “Sim, tem 1 funcionário que vive na área rural, trabalha” (EMPRESA 4).

5.4.2 Percepção dos agentes públicos do desenvolvimento do município de Não-Me-Toque e a contribuição do setor metalmeccânico

Quanto à questão que abordava os agentes para que fizessem um breve histórico das transformações que o município de Não-Me-toque passou nos últimos anos pode-se observar que eles têm um consenso quando falam que o município passou a se transformar rapidamente a partir do final do século XX e início do século XXI. Pode-se observar que o município já possuía empresas do setor metalmeccânico, mas elas não representavam toda essa importância, e que ainda era o setor agropecuário o responsável pela maior parte da arrecadação do município.

[] as commodities passaram a valer mais e incentivaram o setor metal a investir mais e a ampliar a produção. A ideia de diversificação passou-se a abandonar. Com o crescimento industrial as famílias passaram a migrar para o meio urbano e as que permaneceram passaram a se profissionalizar e basicamente investir em grãos ou leite num sistema de especialização da produção (AGENTE 4).

[] em dois mil e seis, a matriz tributária do município era embasada essencialmente na agricultura, na agro pecuária a fonte de produção da renda do município era mais de 45%, 50 % baseado na agro pecuária. Não quer dizer que a agropecuária tenha perdido qualidade de produção. [] em números ela até cresceu, em valores nominais, mas em percentagem ela perdeu muito tanto é que hoje, a matriz tributária da agropecuária representa 15.16% na nossa matriz tributária. E a indústria passou a ser 71.48% o comércio hoje representa 9.2% e os outros serviços 3.79%, então quer dizer que houve uma reviravolta muito grande, nesse aspecto isso denota toda a transformação do município (AGENTE 1).

A respeito da abordagem sobre a diminuição da população rural no município de Não-Me-Toque e se as empresas contribuem para este contexto observou-se que para os entrevistados os principais motivos são as crises e os avanços tecnológicos que provocam as

migrações e também a falta de acesso a eles provoca mudanças, especialmente entre os mais jovens.

Toda vez que ocorre uma crise na agricultura ocorre migração e toda vez que o preço das commodities se torna elevado ocorre especialização no meio rural. Outra questão é a forma como as propriedades são organizadas pois se o filho fica com o pai, mesmo já em idade adulta ele não possui autonomia, necessita pedir para o pai dinheiro, fazer um negócio. Esta falta de autonomia leva este jovem para a cidade pois mesmo, muitas vezes ganhando menos, mas mesmo assim ele é dono do seu rendimento. Se ele não consegue mudar na propriedade ele parte para outro caminho, onde ele possa poder tomar as suas próprias decisões (AGENTE 4).

[] hoje com a evolução tecnológica e o acesso a informação um dos entraves para a permanência dos jovens no campo é a comunicação via internet, que eu acredito que é um dos fatores que se fosse, se essa tecnologia fosse mais abrangente atendendo todo o perímetro do município, acredito que seria um dos fatores mais para a permanência, logicamente também tem a questão da infraestrutura (AGENTE 1).

No quesito que aborda o surgimento e a evolução do setor metalmeccânico e a sua importância para a geração de emprego e renda observa-se que o setor tem a máxima importância nestes dois fatores, mas isso não garante que trouxe um desenvolvimento como um todo para o município, pois alguns setores acabaram não acompanhando este crescimento e, portanto, não trouxeram grandes avanços para a população que a geração de emprego e o aumento da renda podem trazer.

O setor metalmeccânico trouxe importância para o desenvolvimento na evolução de emprego e renda mas não conseguiu trazer um desenvolvimento como um todo pois o comércio está aquém do desenvolvimento industrial e portanto acaba não atingindo plenamente a dinâmica necessária (AGENTE 4).

[...] a COTRIJAL através da Expodireto [...] conseguiu fazer um link entre a linha produtivas das indústrias, o desenvolvimento do campo e a indústria [...] então houve um comprometimento de todos esses setores [...] porque havendo esse aumento dessa nova tecnologia houve um crescente, houve demanda, houve produção industrial, hoje demanda de mão de obra, e houve o incremento da renda, então a renda se denota geralmente se traduz em impostos, onde você consegue perceber a evolução por exemplo, do crescimento do município (AGENTE 1).

Em relação ao assunto desenvolvimento do município através do setor metalmeccânico e os principais fatores que contribuem para isso, observou-se que sem dúvida o principal fator de desenvolvimento citado foi o pleno emprego, que o município tem emprego de sobra e tem necessidade de buscar mão de obra em municípios vizinhos para suprir esta carência. Com o aumento da arrecadação de impostos, aumenta-se também a oferta e os investimentos nas áreas da saúde e educação. Em contrapartida, este rápido crescimento do setor não foi acompanhado por áreas como comércio e habitação.

O principal aspecto é o pleno emprego [...] outro aspecto é de que o crescimento econômico é extremamente visível e forte mas isto não tem um reflexo num desenvolvimento sustentável de fato pois áreas como comércio e habitação não acompanharam este avanço (AGENTE 4).

Primeiro sem relação de dúvidas é no emprego e renda, isso fez com que Não-Me-Toque expandisse [...] o ICMS gerado por essas empresas vai para um bolo [...] a contribuição deles sem dúvida é muito grande, até porque sem eles não haveria esse crescimento (AGENTE 2).

A respeito do assunto que buscava saber se após a instalação das duas empresas maiores, STARA e JAN, houve instalação de outras empresas do setor metalmeccânico observou-se que para a totalidade dos agentes isso é decisivo, pois as duas pioneiras foram as incentivadoras das menores. Com a crescente demanda de produtos, elas passaram a demandar serviços e aí aparece a oportunidade para as empresas menores surgirem e também passarem a ter participação na geração de emprego e renda para o município.

Com certeza pois a partir de determinado período de crescimento das empresas elas passam a demandar muitos serviços e isto leva ao surgimento de outras empresas que irão suprir esta demanda (AGENTE 4).

Quanto aos quesitos de cunho social e ambiental observou-se que indiretamente as empresas participam, mas não como algo institucionalizado e sim que cada empresa participa como e quando quiser, levando a um comprometimento individual e sazonal e não continuado e coletivo. Nas questões ambientais as empresas se empenham devido a uma legislação existente e não por iniciativa própria, a não ser em casos isolados. Nas questões sociais há um envolvimento pontual em determinado período do ano. Por fim, as empresas participam de atividades e possuem atitudes de cunho ambiental e social, mas de forma desordenada e descontínua, não estabelecida em um planejamento contínuo.

Algumas empresas de grande porte do município participam de campanhas em parceria com a prefeitura na área ambiental, como campanhas de coleta de resíduos eletroeletrônicos e de lâmpadas fluorescentes, também participam das atividades da Semana do Meio Ambiente (AGENTE 3).

A Empresa nº 1 por exemplo repassa recursos no Natal para a Apae, Lar do Idoso, Asbam, todas as entidades culturais, mas não para o poder público. Isso é bom isso supre uma demanda que o poder público de repente teria que assumir, não posso dizer que socialmente não mas é repassado diretamente (AGENTE 1).

A respeito dos entraves que há no município para o desenvolvimento do setor metalmeccânico observa-se que o maior problema está no sentido de áreas para a ampliação, o município não possui muitas áreas para as empresas poderem ampliar seus parques, o parque industrial já está totalmente ocupado e as áreas que ainda servem para possíveis ampliações são muito caras. Segundo os agentes, este deve ser o principal entrave para o desenvolvimento do setor, além da dificuldade de mão de obra qualificada e habitação.

Quando o assunto é rotatividade nas empresas observa-se que os agentes não souberam responder com certeza, acreditam que está dentro do padrão brasileiro da indústria.

A respeito da qualificação da mão de obra e sua contratação por parte das empresas observou-se que os agentes se posicionaram respondendo que buscam através de instituições de ensino ou profissionais, programas que possam garantir uma qualificação da mão de obra necessária para o setor metalomecânico, sendo elas o SENAI, Instituto Estadual de Educação São Francisco Solano, Instituto Federal Farroupilha, buscando cursos necessários à melhoria técnica do funcionário.

Temos o SENAI, com uma estrutura nova oferecida em comodato pelo município para realizar cursos de qualificação. Também oferecemos através do Instituto Federal Farroupilha, cursos técnicos gratuitos (meio ambiente, informática, vendas, secretariado, agricultura de precisão, entre outros) (AGENTE 3).

São muitos parceiros, no SENAI nós investimos uma parte do valor, para manter o SENAI temos a nossa cota, o município entra com uma parte, tem cursos que as empresas contratam mas tem cursos que tem subsídios públicos. O município investe nessas qualificações, o Instituto Farroupilha nós que bancamos os professores. Isso dá em torno de 200 mil por ano. O curso é bancado pelo município, nós temos a estrutura pedagógica e instituição de ensino através do Instituto Farroupilha, agora o curso ele é bancado pelo município. Só em profissionais 200 mil por ano (AGENTE 1).

Quanto à procedência dos funcionários do setor metalmeccânico, de que setor são oriundos, observa-se que para os agentes, no passado, o campo foi o principal fornecedor de mão de obra para a indústria, mas hoje apesar de o campo continuar fornecendo mão de obra, ele vem de empregos do comércio, setor informal, pois com o pleno emprego, categorias que antes trabalhavam como horista ou faziam “bico”, estão dentro da indústria. Segundo relatos dos agentes, este fator mexe com a estrutura da sociedade do município, pois prestadores de serviços informais tornaram-se raros.

Em relação a funcionários da indústria terem relação com o meio rural, o que observou-se foi de que uma parcela considerável possui uma relação próxima com o campo, que muitos apenas têm no meio urbano a renda fixa para complementar a renda no meio rural, que muitas famílias que vivem no meio rural possuem algum integrante que trabalha no setor metalmeccânico e ajuda no campo nos momentos livres. Com isso, pode-se interpretar que a saída do meio rural tem sido uma maneira de complementar renda e não por não gostarem ou ser inviável economicamente.

Há funcionários que possuem relação com o campo, muitas vezes não são ativos na produção, pois arrendam as terras e trabalham nas indústrias. Outra situação que se percebe é que muitos filhos de agricultores buscam trabalho na cidade (indústria) para agregar a renda familiar, ou seja, residem no campo, auxiliam nas atividades rurais nas horas vagas, porém tem como renda principal o emprego fixo, ficando o campo como uma ocupação secundária (AGENTE 3).

No quesito que abordava sobre a participação dos órgãos públicos perante o setor metalmeccânico observou-se que eles buscam através de ajuda em qualificação, incentivos fiscais e cursos um equilíbrio entre o meio rural e o setor metalmeccânico, que são os dois mais importantes setores econômicos do município, pois os dois estão extremamente relacionados já que em sua grande maioria o setor metalmeccânico produz para o meio rural, portanto são interdependentes.

O município participa perante das empresas com o serviço de máquinas, terraplanagem, incentivos fiscais, a Stara acho que teve 20 anos de isenção de IPTU, a Cotrijal teve isenção, a Jan não teve isenção mas teve serviço de máquinas, a Jan e Stara tiveram o serviço de máquinas, a Cotrijal teve serviço de máquinas, o município está fazendo a sua parte (AGENTE 1).

Em relação ao questionamento de se o município era dependente do setor metalmeccânico constatou-se que para os agentes hoje o município depende muito do setor, pois é o que mais gera emprego, renda e arrecadação para o município e, portanto uma queda de rendimento no setor reflete nos demais setores da economia do município, apesar de as empresas maiores possuírem uma abrangência geográfica muito grande no país e fora dele também. O problema é que falta uma diversificação maior do setor, pois hoje ele se concentra quase que exclusivamente produzindo para a agricultura.

Muito dependente economicamente do setor mas este não é o problema; o caso é que o setor é quase que única e exclusivamente voltada para a área agrícola e não há uma diversificação na fabricação do metalmeccânico para outras áreas e isto é suscetível a crises cíclicas (AGENTE 4).

É uma engrenagem, a indústria hoje de Não-Me-Toque ela é para o ramo agrícola mas ela não depende só do Rio Grande do Sul, então isto tem sido também uma grande diferença [...]. Mas uma certa forma acho que está relativamente bem estruturado pelo porte das indústrias pois se fosse uma produção de equipamentos e implementos que fossem só de comercialização, regional, estadual, aí sim como era a anos atrás, aí tivemos anos que a empresas não comercializaram aí o município quase quebrou junto (AGENTE 1).

Hoje o metalmeccânico nosso está focado no país e no mundo, ele não é centrado apenas na região estadual, então sempre em alguma parte do mundo alguém está precisando de máquinas novas para produzir, porque a renovação é precisa, e a gente acha que o baque tem que ser muito grande para ter reflexos no município (AGENTE 2).

No quesito que abordava a opinião dos agentes de como seria o meio rural no futuro, como eles o projetavam para o município de Não-Me-Toque, observou-se que para os agentes o meio rural para sobreviver terá de se profissionalizar, mas o grande problema será a mão de obra que estará envelhecida e caso não se arranje alternativas para manter o jovem no meio rural isso se tornará problemático. Outro desafio será encontrar alternativas que sejam

atrativas e mantenham o jovem no meio rural e este possa continuar a produzir alimentos alicerçados na tecnologia.

[...] havendo uma política nacional nesse sentido e precisa se incrementado para que o produtor tenha mais tecnologia e possa tornar o meio rural mais atrativo para a permanência destes que tem interesses com a agricultura (AGENTE 1).

O principal problema será a mão de obra, a falta dela pois hoje principalmente os casais mais velhos estão trabalhando sozinhos na área rural, este ponto será o gargalo. A tendência é a especialização e sendo esta talvez uma das únicas saídas para o meio rural. Para o município deveria se buscar a diversificação mas para o produtor a especialização para poder permanecer no campo e novamente a mão de obra é um dos estimuladores para este processo (AGENTE 4).

Perante os resultados obtidos nos relatos dos proprietários/gerentes e agentes do município temos que Não-Me-Toque passou por um processo de evolução muito grande a partir dos anos 1990, quando mudanças econômicas do país devido à abertura da economia, a estabilização da moeda e o fim da inflação elevada trouxeram novas formas de financiamento para o setor agrícola e também uma oportunidade de negócios para as empresas produtoras de implementos agrícolas do município, além de colaborar para a abertura de outras empresas que passam a fornecer materiais e peças para aquelas indústrias já existentes.

Neste cenário, observa-se que o município possuía em sua matriz tributária quase metade da arrecadação procedente do setor agropecuário nos anos 1990, e atualmente representa menos de 20% da arrecadação do município. Esta mudança tributária não está centrada em uma diminuição da produção, que aumentou, e sim em um grande crescimento do setor metalmeccânico, o qual passou a representar cada vez mais participação. Todo este processo esteve baseado na valorização das commodities, que impulsionaram o setor agropecuário a aumentar sua produtividade e para isso teve que melhorar a tecnologia de produção, seja na genética ou no uso de equipamentos agrícolas mais modernos, estes últimos beneficiando as indústrias do município que aproveitaram esta onda de crescimento agrícola.

6 DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE NÃO-ME-TOQUE A PARTIR DA INDUSTRIALIZAÇÃO

O município de Não-Me-Toque enfrentou um processo de industrialização semelhante ao ocorrido no Estado do Rio Grande do Sul e no Brasil. Com esse processo, ocorreu a urbanização e conseqüentemente a redução da população rural. Mas esta redução no meio rural foi acompanhada inversamente, no município, por um aumento de produtividade e de produção, graças às tecnologias que a Revolução Verde proporcionou, e uma delas foi a mecanização. O município aproveitou este crescimento industrial e com um parque fabril voltado ao campo, baseado em implementos agrícolas, obteve um crescimento, através da geração de emprego e renda para a população que migrava para o meio urbano, evoluindo para um cenário de desenvolvimento quando este crescimento passou a ser sentido pela população através de melhorias nas questões de educação, saúde e infraestrutura.

6.1 As principais empresas empregadoras de mão de obra no município de Não-Me-Toque

No município de Não-Me-toque, segundo dados do site da prefeitura, existem um total de 843 empresas atuantes, as quais empregam 7.016 colaboradores assalariados⁸. Destas empresas que possuem sede no município temos a COTRIJAL, com aproximadamente 1.500 colaboradores; a E. Orlando Ross, com aproximadamente 400 colaboradores; a STARA, com aproximadamente 2.300 colaboradores; a JAN, com aproximadamente 1.500 colaboradores, sendo estas as que mais empregam no município e, conseqüentemente, aquelas que mais arrecadam impostos e proporcionam retorno para Não-Me-Toque.

Todas essas empresas possuem forte ligação com o meio rural, pois suas atividades têm como atividade fim a agricultura de grãos, portanto esta é a fonte de sua instalação e ampliação dentro do município. Com o crescente processo de industrialização do município, que no passado tinha no meio rural a principal contribuição para sua matriz tributária, passou com a criação e evolução das duas primeiras empresas do setor e, mais recentemente, com a criação de outras empresas formadas para prestar serviços às duas maiores, a ter na indústria a principal contribuição, perfazendo 69,93% do PIB, a níveis de 2013.

Apesar dessa mudança, o setor agrícola continua a ter um papel extremamente importante para o município, pois possui uma agricultura extremamente mecanizada e

⁸ www.naometoquers.com.br

tecnificada em que o uso das tecnologias desenvolvidas pelas empresas do setor metalmeccânico estão inseridas refletindo em ganho de produtividade no campo.

A área rural do município, desde que mantém as dimensões atuais, vem sofrendo fortes mudanças ocasionadas pela perda de população e também de número de propriedades. De 1970 a 2010, segundo levantamento feito por Mera (2011), a população rural teve um decréscimo de 71,53%, e o número de estabelecimentos rurais apresentou um decréscimo de 56,58%, o que nos mostra o forte processo de urbanização que o município enfrentou aliado ao processo de industrialização o que, além de perda significativa da população rural, teve também uma acumulação de propriedades, levando a interpretar que aumentou a concentração de terras no meio rural do município de Não-Me-Toque.

No campo, observou-se mudanças entre os anos 1970-2006 quanto aos principais itens produzidos, como um aumento de 134,69% na produção de soja; 405,07% na produção de milho, mas um decréscimo de 75,40% de trigo e um decréscimo de 92,48% de mandioca, além de um aumento de 188,56% na produção leiteira⁹.

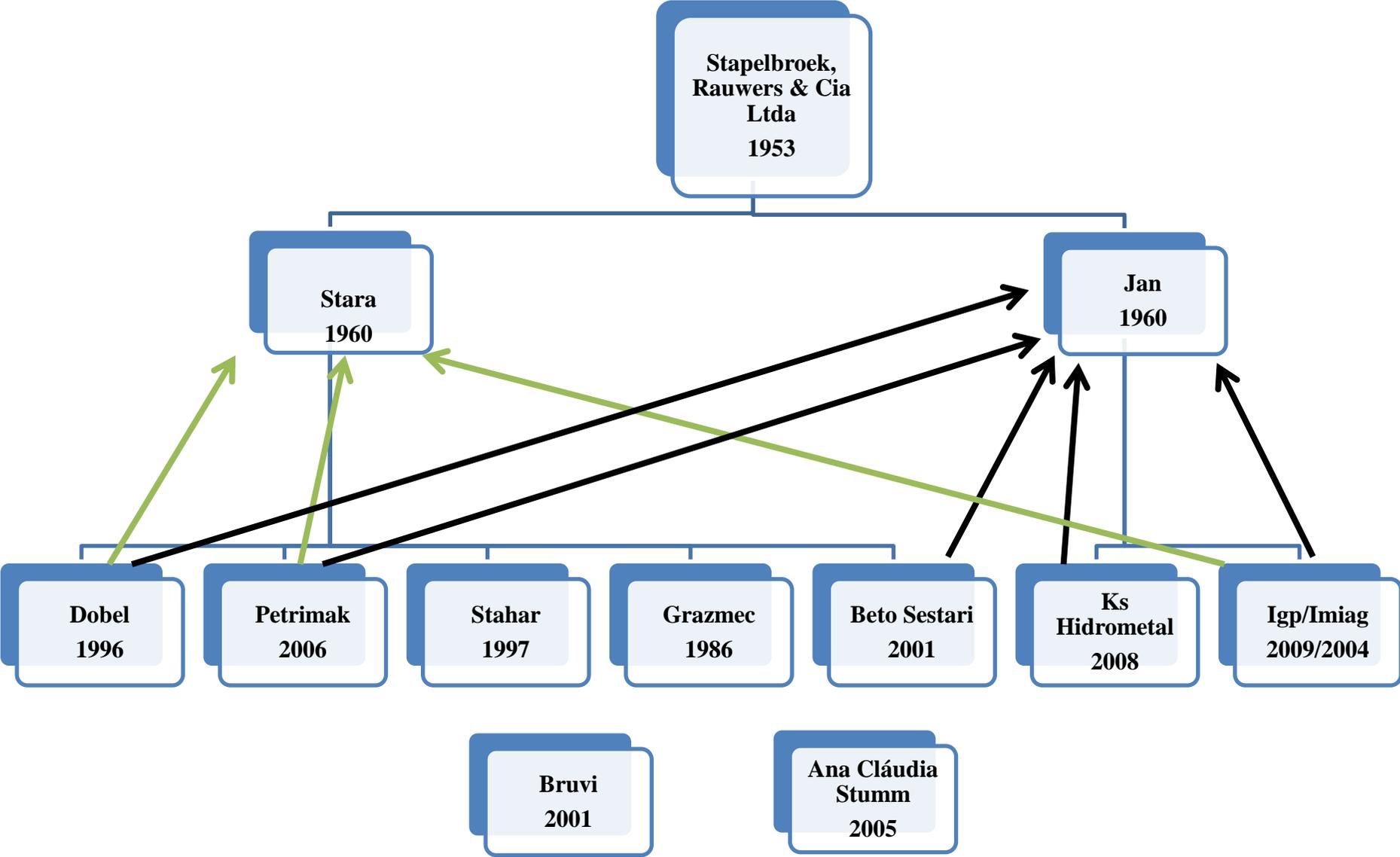
Com estes dados, pode-se interpretar que o cenário de urbanização e industrialização do município de Não-Me-Toque levou ao encolhimento da população rural, ao aumento da concentração de terras e à especialização através da produção leiteira e de grãos. Observa-se que as faixas de estabelecimentos até 10 ha e entre 10 e 100 ha apresentaram uma diminuição no número de propriedades, enquanto que as faixas entre 100 e 200 ha, entre 200 e 500 ha e acima de 500 ha apresentaram um aumento no número de propriedades, demonstrando um aumento na concentração de terras.

O fluxograma a seguir retrata as empresas pesquisadas, tentando trazer uma interação entre elas e a forma como se relacionam e são interdependentes. Nele estão inseridas as empresas e a sua ordem de criação, e as setas representam com quem cada empresa mantém rede de serviços.

Para o município de Não-Me-Toque, o setor tem o seu início em 1953, com uma empresa composta por duas famílias de imigrantes holandeses que no município recém haviam chegado e detinham habilidades ferramenteiras e conhecimento agrícola. A partir disso, passaram a adaptar ferramentas e a consertar implementos que aqui existiam e também começaram a fabricar ferramentas para nossa região. Esta sociedade durou até 1960, quando as duas famílias separam as empresas e criam as duas grandes empresas hoje, do setor, a STARA e a JAN.

⁹ Dados.fee.tche.br

FLUXOGRAMA METALMECÂNICO



Pode-se observar que estas duas empresas vão evoluir, mas muito lentamente até o final dos anos 1980 e início dos anos 1990, quando passam a aumentar e diversificar a sua produção. O grande avanço dessas duas empresas se dá a partir do ano 2000, quando se inicia no município a EXPODIRETO, através da COTRIJAL, cooperativa do município. Estes acontecimentos e a valorização das commodities revolucionam essas empresas e também dão o suporte para que outras empresas surjam para suprir a demanda das duas maiores, dando início a um Arranjo Produtivo Local, no município e região.

As empresas STARA e JAN possuem hoje em sua plataforma de produção produtos voltados ao setor agrícola com ampla gama de atuação e constituindo as mesmas linhas de produtos, tendo como principais clientes os produtores do Brasil, países da América do Sul, Leste Europeu, Ásia e África, tornando-as conceituadas pela qualidade e pela variedade de produtos que produzem e também pela grande tecnologia própria desenvolvida. Além de produtos de marca própria, a JAN possui uma unidade no município que produz apenas peças para terceirizadas como JOHN DEERE, AGCO, RANDON.

Após essas pioneiras, temos outras duas que irão surgir no final dos anos 1980 e 1990, a GRAZMEC e a STAHAR, que igualmente produzem seus próprios produtos e possuem no mercado interno do Estado e país os agricultores como principais clientes. A GRAZMEC surge de ex-funcionário da STARA e hoje possui em seu quadro funcional mais de 90 funcionários e a STAHAR surge da saída de um dos sócios da época da STARA, para criar sua própria fábrica e gama de produtos.

As empresas DOBEL, PETRIMAK, BETO SESTARI, KS HIDROMETAL, IGP/IMIAG, participantes da pesquisa, são oriundas de ex-funcionários da JAN ou da STARA e seguem produzindo peças e prestando serviços principalmente para essas duas primeiras empresas criadas.

As empresas BRUVI e ANA CLÁUDIA STUMM são as únicas empresas pesquisadas em que os fundadores não eram ex-funcionários da STARA ou JAN, e hoje sua atuação também está voltada ao setor metalmeccânico, seja ele na manutenção mecânica ou na construção de produtos agroindustriais, tendo como principais clientes as grandes empresas do município, tanto as do setor metalmeccânico como na área de grãos, COTRIJAL e E. ORLANDO ROSS.

Nessa evolução do setor metalmeccânico pode-se identificar alguns fatos importantes a partir da década de 1990, que tem sua evolução mais acentuada e leva à criação de novas empresas do setor devido ao fim da inflação elevada, a valorização das commodities agrícolas e a estabilidade econômica. Outro fato de relevância tem a ver, segundo depoimentos de

proprietários e agentes, com a criação da Feira Internacional, EXPODIRETO, através da COTRIJAL, a partir de 2000, a qual passa a dar maior visibilidade à região e às indústrias do município, fortalecendo os processos de inovação e diversificação fabril.

Na pesquisa buscou-se identificar o papel do setor perante a diminuição da população do meio rural e, conseqüentemente, a sua diminuição de importância. Constatou-se que o principal fator para esta diminuição não está na indústria e sim na falta de incentivos e oportunidades no meio rural, além da falta de infraestrutura para manter o trabalhador no campo, principalmente os jovens. Na contramão da diminuição da população rural no município está o aumento de produtividade e produção, muito influenciado pelas novas tecnologias, sendo algumas delas geradas pelas indústrias do município, mantendo-se como um setor de destaque, pois as indústrias do setor metalmeccânico estão centradas no meio rural e na produção agrícola.

Quando investigado sobre empecilhos e gargalos para o desenvolvimento do setor metalmeccânico observou-se que a falta de mão de obra qualificada, a falta de espaços para ampliação da planta fabril das empresas, principalmente as menores, além da falta de um setor de serviços melhor estruturado e que possa dar suporte às empresas do município e da região, estão entre os principais entraves para a evolução do setor. O que se observou é que apesar do forte avanço do setor metalmeccânico, após os anos 1990, o setor de serviços não seguiu no mesmo ritmo, dificultando a sua expansão.

Perante o ritmo em que se desenvolveu o setor metalmeccânico, observou-se grandes mudanças sociais, principalmente após anos 1990 quando se obteve quedas consideráveis nos índices de pobreza, de mortalidade infantil, além de um aumento na renda e nos anos de educação, no acesso ao saneamento básico, levando a entender que a industrialização no município tem contribuído para o seu desenvolvimento, mas ainda requer avanços consideráveis em alguns setores como no comércio, que possui pouca diversificação e concorrência, levando à prática de preços elevados. O município acaba perdendo renda, pois segundo muitos entrevistados devido ao alto custo do comércio e a pouca variedade decidem fazer compras em outros municípios.

Segundo agentes e proprietários, a dependência elevada do município perante o setor metalmeccânico não causa preocupação, pois o destino dos produtos das empresas ultrapassou a barreira regional e nacional e uma crise pontual no setor não afetaria muito o município. Quanto ao futuro rural do município, o visualizam atrelado à evolução tecnológica do setor metal e acreditam que para o produtor o caminho será a especialização e para o município e

região a diversificação, até porque com a baixa mão de obra do campo este estará altamente tecnificado.

Quanto às empresas, se estão relacionadas a atividades de envolvimento social e ambiental, observa-se que muitas possuem atividades pontuais de ajuda social e seguem apenas o que manda a legislação ambiental, não promovendo nada além, por iniciativa da empresa e que tenha resultados concretos.

Todas estas mudanças em relação aos avanços tecnológicos, na agricultura do município, e também a evolução do setor metalmeccânico, voltado às atividades agrícolas, levam a uma mudança estrutural do município entre sua população, pois, esta acompanha uma mudança na geração de emprego e renda no meio urbano, o qual altera padrões de consumo da sociedade e conseqüentemente levam a mudanças de hábitos. Este aporte maior na renda faz com que também, elevem-se os níveis de escolaridade através da busca de uma maior qualificação para o trabalhador.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade mundial os movimentos da população se tornaram mais intensos a partir da Revolução Industrial, a qual atraiu uma considerável parcela do contingente rural para o espaço urbano. Observou-se estes movimentos mais acentuados, na Europa, entre os séculos XVIII e XIX. No caso específico do Brasil, que apresenta sua industrialização mais efetiva após os anos 1930, este movimento de mudança tem importância após este período do século XX e torna-se mais intenso com a modernização agrícola, em meados do século XX, intensificando-se nos anos 1960. Este processo extremamente rápido de urbanização em nosso país apresenta-se até o final do milênio. No século XXI, esse processo de uma migração rural-urbana já não está mais tão presente, pois talvez o contingente já tenha atingido uma estabilidade além das quedas na fecundidade.

No caso do Rio Grande do Sul, o processo de urbanização foi semelhante ao do país, tendo principalmente nas décadas de 1970 e 1980 a modernização do meio rural como principal contribuição para este processo. Atualmente, têm-se taxas de urbanização elevadas constatando-se uma taxa de 84,36% para nosso país, 85,10% no Rio Grande do Sul, 83,80% no COREDE alto Jacuí e 87,60% para o município de Não-Me-Toque (IBGE, 2010).

Estas taxas de urbanização, bem mais elevadas que as de outras unidades geográficas de análise, nos dão a noção da estrutura produtiva formada no município de estudo. O município de Não-Me-Toque tem a sua origem baseada na vinda de imigrantes italianos, alemães e holandeses que trouxeram consigo habilidades técnicas com maquinário para o meio rural com um reflexo direto no processo de urbanização do município, pois a criação de empresas do setor metalmeccânico na década de 1960, no município, levou a um processo de modernização do campo, gerando uma urbanização acima da média das outras unidades, o setor foi se ampliando e crescendo, transformando o meio rural e recrutando o trabalhador para a indústria no espaço urbano.

O objetivo deste estudo teve a finalidade de analisar o desenvolvimento para o município de Não-Me-Toque a partir da instalação de um setor metalmeccânico.

Este capítulo tenta estabelecer uma linha de ligação entre a criação e expansão do setor metalmeccânico e sua relação com o desenvolvimento do município. Para isto buscou-se através de literatura e pesquisa de campo tentar chegar ao objetivo proposto inicialmente.

Primeiramente, estabeleceu-se uma pesquisa bibliográfica tentando conectar a modernização agrícola do meio rural brasileiro no espaço de estudo que margeia o município de Não-Me-Toque. Nesta bibliografia buscou-se identificar na história bases para corroborar

este estudo. Buscou-se identificar os motivos que levaram o município de estudo a se modernizar no meio rural e a desenvolver uma indústria voltada ao setor metalmeccânico.

Verificou-se que o setor metalmeccânico tem um importante papel no município de Não-Me-Toque, pois ele representa e é fruto da vocação trazida pelos imigrantes europeus que chegaram ao município em meados do século XX e já traziam consigo habilidades necessárias para serem transferidas para o meio rural; outro fator da instalação deste setor no município é que culmina com a necessidade de ampliar produtividade, e a mecanização ou adaptação eram necessárias para esta finalidade, e foram aliadas ao nascimento de empresas do setor e conseqüentemente, o desenvolvimento mais efetivo posteriormente, com a criação de novas indústrias. Este setor representa, hoje, o maior aporte de recursos para o município e também é o que mais gera empregos, transformando-se num propulsor para a economia local.

Identificou-se que a partir da criação das duas maiores empresas hoje, nos anos 1960, tem-se o estabelecimento de outras tantas relacionadas ao setor. O que ficou evidente é que a grande maioria das novas empresas do setor metalmeccânico criadas, depois das duas primeiras, surgem após anos 1990 e geralmente através de ex-funcionários das duas primeiras. Outro fator relevante que ficou constatado na pesquisa é que o surgimento da EXPODIRETO (feira agropecuária) serviu como um divisor de águas para o setor, pois a partir da exposição maior através da feira, as duas primeiras veem-se obrigadas a inovar para competir, tudo isso aliado ao bom preço das commodities no mercado internacional que levam a ampliação fabril das duas maiores, ao crescimento das empresas recém criadas e à abertura de novas empresas para o setor, tornando o município um Arranjo Produtivo Local (APL), pela forma de cooperação que há entre elas. A grande maioria das empresas do setor metalmeccânico que surgiram após as duas primeiras eram inicialmente voltadas a suprir, através de serviços ou terceirizações, as duas grandes, e eventualmente produziam algo próprio. Atualmente, algumas evoluíram e passaram a produzir mais produtos próprios, mas para a grande maioria continuam a servir como um sistema às duas maiores empresas do município.

Constatou-se que esta criação e desenvolvimento do setor metalmeccânico levou a uma ampliação na oferta de geração de emprego e, conseqüentemente, a um maior aporte de renda. Com esta lógica o município ganhou arrecadação através de impostos, a população passou a adquirir mais renda e conseqüentemente aumentou o consumo, o que teve um reflexo direto na qualidade de vida da população. Ao cruzar estes dados do município com dados oficiais do governo federal pode-se constatar que o setor tem contribuído bastante para a melhoria social da população do município, pois ele, após os anos 1990, reduziu drasticamente o índice de pobres, aumentou o nível de escolaridade da população, diminuiu a

mortalidade infantil e melhorou o acesso a saneamento básico. Em contrapartida, o setor de comércio e prestação de serviços não conseguiu acompanhar ou evoluir, deixando os habitantes cerceados de um pequeno grupo de comerciantes e prestadores de serviços que já não suprem a necessidade da população.

Quanto aos fatores que levam a uma diminuição da população rural e saber se a indústria tem colaborado para este evento, pode-se constatar que acontecimentos interferem nesta mudança como: Procura por melhores condições de vida na cidade como melhores oportunidades para estudar, salário fixo, mais tempo para lazer; Falta de uma melhor valorização para o meio rural. Segundo o estudo, outro fator que tem levado a esta migração é a falta de profissionalização no meio rural, onde principalmente o jovem está muito ligado a figura paterna e não tendo autonomia de decisões opta por sair, levando à atividade no campo ser inviável, principalmente se for pequeno produtor. Mas nota-se também que estes trabalhadores da indústria, que saíram do campo, grande parte voltaria a residir, muitos desses na aposentadoria e caso melhorassem as condições no meio rural.

A partir deste estudo sugere-se que outros possam vir e tentar melhor definir o que realmente representa desenvolvimento para as pessoas, o que se sabe é que veem o desenvolvimento como sinônimo de crescimento econômico, apesar de ser difícil separá-los. Para os entrevistados, o que ficou evidente é que o aporte econômico é o que gera desenvolvimento e, portanto, apenas havendo emprego já significa isto.

Muito se discutiu sobre o tema e debateu-se qual é a melhor forma para se atingir o desenvolvimento, mas nem sempre deixamos simplesmente o próprio saber empírico do entrevistado expor o que realmente para ele significa e faz diferença. Estamos cheios de pré-conceitos que nos guiam e nos cegam também, portanto uma pesquisa mais profunda sobre o desenvolvimento, sem levar em conta apenas o saber científico e teórico, nos daria uma dimensão maior do que é ser desenvolvido; o que de fato faz diferença para aquela cultura, aquele povo, aquela sociedade e com certeza, é diferenciada a forma de ver e interpretar este tema tão amplo e complexo.

Para se atingir os objetivos traçados, o que mais gerou dificuldade foram as entrevistas com indústrias do setor metalmeccânico. Primeiro porque se teve que mapear estas indústrias e depois se passou a manter contato, almejando entrevista futura. Algumas ficaram desconfiadas quanto à pesquisa e negaram ou tentaram dificultar, levando o pesquisador a sua desistência. Outro fator bem complexo foi quando da aplicação de questionários nas duas maiores empresas, pois a pesquisa já havia começado há certo tempo, desde referencial

teórico e entrevista de empresas mas não se tinha certeza se elas iriam autorizar a sua aplicação a seus colaboradores, o que inviabilizaria a pesquisa.

8 REFERÊNCIAS

ANFAVEA. Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores. Publicações: Estatísticas. 2002. Disponível em: <<http://www.anfavea.com.br>>. Acesso em: 09 de outubro de 2013.

BALSAN, Rosane. **Impactos decorrentes da modernização da agricultura brasileira**. Campo-Território: revista de geografia agrária, v. 1, n. 2, p. 123-151, ago. 2006.

BERNARDES, Andrea Elisa Silva. **Valoração econômica Ambiental: um estudo aplicado ao programa APP 100% legal do município de Luís Eduardo Magalhães – BA**. Dissertação de Mestrado em Ciências Ambientais. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Ciências Ambientais de Desenvolvimento Sustentável. Barreiras: Bahia, 2013

BRUM, A.L.; TYBUSCH, T.M. **O sistema local de produção de máquinas e implementos agrícolas: uma visão global**. In: CASTILHOS, C. C. (Coord.) Programa de Apoio aos Sistemas Locais de Produção: a construção de uma política pública no RS. Porto Alegre: Secretaria do Desenvolvimento e dos Assuntos Internacionais – SEDAI/RS, Fundação de Economia e Estatística, 2002.

CASTILHOS, Clarisse C. Políticas públicas e desenvolvimento de arranjos produtivos locais: reflexões sobre o programa gaúcho. In: FAURÉ, Yves-A. e HASENCLEVER, Lia (Org.) **Caleidoscópio do desenvolvimento local no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, IRD, 2007. p. 241-267.

CASTILHOS, Clarisse Chiappini; CALANDRO, Maria Lucrecia; CAMPOS, Silvia Horst. Reestruturação da indústria gaúcha sob a ótica da reordenação da economia mundial. In: CONCEIÇÃO, Octávio A. C. et al. (Org.). **O movimento da produção**. Porto Alegre: FEE, 2010. (Três décadas de economia gaúcha, 2).

DINIZ, Clélio Cammpolina. **O papel das inovações e das instituições no desenvolvimento local**. <http://www.anpec.org.br/encontro2001/artigos/200105383> acesso em 17 de agosto de 2014.

ESPÍRITO SANTO, P.S. M. F. ; OLIVEIRA, P. T.; RIBEIRO, D. F. **O conceito de desenvolvimento social sob a ótica do pensamento complexo**. Franca – São Paulo, 2008. <http://legacy.unifacef.com.br/quartocbs/artigos/D/D_160.pdf> acesso em 04 dez. 2013.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Cadastro das Indústrias, Fornecedores e Serviços**. FIERGS, 2013.

FILHO, Jair do Amaral. **A Endogeneização no desenvolvimento econômico regional e local**. Planejamento e políticas públicas ppp | n. 23 | jun 2001. <<http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/viewFile/78/89>> acesso em 04 dez. 2013.

FURTADO, Celso. **Teoria e política do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GONÇALVES NETO, W. **Estado e agricultura no Brasil: política agrícola e modernização econômica brasileira 1960-1980**. São Paulo: HUCITEC, 1997. 245 p.

GRAZIANO DA SILVA, J. **O novo mundo rural brasileiro**. Campinas: Unicamp, 2000. 151 p. Série Pesquisas.

_____. **O que é questão agrária**. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. São Paulo, 1980.

GRAZIANO NETO, Francisco. **A questão agrária e ecologia: crítica da moderna agricultura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GRAZIANO NETO, Francisco. **Questão Agrária e Ecologia: Crítica da Agricultura Moderna**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUEDES, Amilton de Carvalho. **Economia brasileira : livro didático** / Amilton de Carvalho Guedes, Kátia Macedo ; design instrucional Carolina Hoeller da Silva Boeing. – 3. ed. rev. e atual. – Palhoça : Unisul Virtual, 2007. Disponível em <http://busca.unisul.br/pdf/88284_Amilton.pdf> acesso em 13 de abril de 2015.

IANNI, O. A era do globalismo. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

KWASNICKA, E. L. **Em direção a uma teoria sobre redes de negócios**. In: BOAVENTURA, J. M. G. (org). *Redes de negócios: tópicos em estratégia*. São Paulo: Saint Paul Editora, 2006.

LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E. **Glossário de arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais**. Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais – RedeSist, nov. 2003. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl_1289323549.pdf> acesso em: 02 out. 2014.

LIMA, Ana Carolina da Cruz. **Teorias do desenvolvimento regional e suas implicações de política econômica no pós-guerra: o caso do Brasil** / Ana Carolina da Cruz Lima; Rodrigo Ferreira Simões. - Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2009. Disponível em <<http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20358.pdf>> acesso em 28 de abril de 2015.

MARANGONI, J. C.; PLÁ, J. **Comportamento tecnológico das empresas da indústria de máquinas agrícolas**. São Paulo: Relatório do Diretório da Pesquisa Privada – FINEP, 2002. 62 p.

MARSHALL, Alfred. **Princípio de Economia**. Tratado Introdutório. *Introdução de Ottolmy Strauch. Tradução revista de Rômulo Almeida e Ottolmy Strauch*. São Paulo. Editora Nova Cultural LTDA, 1996.

MÜLLER, Geraldo. **Complexo Agroindustrial e Modernização Agrária**. São Paulo: Hucitec, 1989.

MORAES, Adriano Knippelberg. **Colonização: uma estratégia utilizada pelo governo militar brasileiro para re-ocupar o território (1964-1985)**. Revista Outras Fronteiras,

Cuiabá, vol. 1, n. 1, jun., 2014. Disponível em <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/83-159-1-SM.pdf> acesso em 25 de setembro de 2014.

NAVARRO, Zander. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. **Revisa Estudos Avançados**. São Paulo, USP, v. 16, n. 43, 2001.

PEREIRA, José Maria Dias. **CADERNOS do DESENVOLVIMENTO**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 9, jul.-dez. 2011. Todos os direitos desta edição reservados ao Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento Av. República do Chile, 100 – subsolo 1, salas 15-17. CEP:20031-917. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Em: www.centrocelsofurtado.org.br acesso em 22 de janeiro de 2015.

RICARDO, David. **Princípios de economia política e tributação**/ David Ricardo; com a introdução de Piero Sraffa; apresentação de Paul Singer; tradução de Paulo Henrique Ribeiro Sandroni. 2ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

RIO GRANDE DO SUL. **Modelo de desenvolvimento industrial do estado do RS**. AGDI – Agência gaúcha de Desenvolvimento e Promoção do Investimento. Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2012.

SANTOS, M. Da política dos estados à política das empresas. Cadernos da escola do legislativo. Belo Horizonte, 3(6): 3-191, p 9-23, jul/dez. 1997. Disponível em <http://mediaserver.almg.gov.br/acervo/812/688812.pdf> acesso em 25 de janeiro de 2015.

SCHNEIDER, Sergio. **Situando o desenvolvimento rural no Brasil: o contexto e as questões em debate**. Revista de Economia Política, vol. 30, no 3 (119), pp. 511-531, julho-setembro/2010.

SCHUMPETER, Joseph Alois, 1883-1950. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**/Joseph A. Schumpeter; introdução de Rubens Vaz da Costa; tradução de Maria Sílvia Possas. São Paulo: Abril Cultural, 1982. Os economistas.

Serviço de Assuntos Estratégicos. SAE, 2012. Disponível em <<http://www.sae.gov.br/site/wp-content/uploads/faixasCM2012.jpg>> acesso em 21 de março de 2015.

SILVA, Edson Pereira da; OLIVEIRA, Edson Aparecida de Araújo Querido; ARAÚJO, Elvira Aparecida de Simões. **O conceito de desenvolvimento econômico regional: uma revisão teórica**. Taubaté - São Paulo, 2012.

SORJ, Bernardo. **Estado e classes sociais na agricultura brasileira**. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Copyright © 2008 desta edição on-line: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Ano da última edição: 1998. Rio de Janeiro. Disponível em file:///C:/Users/Usuario/Downloads/SORJ_Estado_Classes_Sociais_na_Agricultura_Brasileira.pdf 10_04_2008_20_33_43%20(1).pdf> acesso em 25 de setembro de 2014.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento Econômico**. 5. Ed. Ver. São Paulo: Editora Atlas, 2005

SPAT, Marilise Dorneles; MASSUQUETTI, Angélica. **A indústria de máquinas e implementos agrícolas no Rio Grande do Sul e em São Paulo: uma análise de seus indicadores técnicos e econômicos entre 1996 e 2003.** *Porto Alegre, 26 a 30 de julho de 2009 Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural.* <<http://online.unisc.br/seer/index.php/cepe/article/view/909/770>> acesso em 04 dez. 2013.

SPAT, Marilise Dorneles. **A indústria de máquinas e implementos agrícolas no rio grande do sul: um estudo sobre a trajetória recente do setor.** Dissertação de mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Economia. São Leopoldo, 2013.

STEDILE, João Pedro (org.) **A Questão Agrária no Brasil;** o debate tradicional 1500-1960. São Paulo: Expressão popular, 2005. pp. 15-31

STEDILE, João Pedro. **A questão agrária no Brasil: O debate na esquerda – 1960-1980/** João Pedro Stedile (org) ; Douglas Estevam (assistente de pesquisa)--2. ed.—São Paulo : Expressão Popular, 2012. 320 p.

TATSCH, A. L. **O processo de aprendizagem em arranjos produtivos locais:** o caso do arranjo de máquinas e implementos agrícolas no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Economia). Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

TEIXEIRA ,Jodenir Calixto. **Modernização da agricultura no brasil: impactos econômicos, sociais e ambientais.** Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas Três Lagoas-MS, V 2 – n.º 2 – ano 2, Setembro de 2005. <<http://www.ceul.ufms.br/revista-geo/jodenir.pdf>> acesso 13 nov. 2013.

VERSIANI, Flávio R. e SUZIGAN, Wilson . **O PROCESSO BRASILEIRO DE INDUSTRIALIZAÇÃO: UMA VISÃO GERAL.** Texto preparado para a seção relativa à industrialização da América Latina no X Congresso Internacional de História Econômica, Louvain, agosto de 1990. Disponível em <<http://cac.php.unioeste.br/cursos/toledo/historiaeconomica/eeb1-4.pdf>> acesso em 15 de abril de 2015.

VIEIRA, Edson Trajano; SANTOS, Moacir José dos. **Desenvolvimento Econômico Regional – Uma revisão histórica e teórica.** In: Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. v. 8, n. 2, 2012. Disponível em <<http://rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/viewFile/679/296>> acesso em 22 de janeiro de 2015.

WELCH, Clifford Andrew. Movimentos sociais no campo até o golpe militar de 1964: a literatura sobre as lutas e resistências dos trabalhadores rurais do século XX. **Lutas & Resistências, Londrina,** v.1, p. 60-75, set. 2006 disponível em <<http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/revista1aedicao/lr60-75.pdf>> acesso em 28 de outubro de 2014.

APÊNDICE A – Roteiro semiestruturado de entrevistas para gerentes/proprietários das indústrias do setor metalmeccânico de Não-Me-Toque

Data da entrevista: ____/____/____

Instituição: _____

Identificação do entrevistado _____

Bloco 1: Histórico

1. O senhor (a) poderia fazer um breve histórico das transformações porque passou o município de Não-Me-toque nos últimos anos (pode ser desde que ele chegou no município)
2. A população rural do município tem diminuído nos últimos anos, segundo o IBGE. O que o senhor acredita ser responsável por esta realidade? (indagar se a empresa contribui para este contexto)
3. Como surgiu a empresa no município (motivos de escolher Não-Me-Toque, contexto da época, incentivos, a empresa surge inicialmente para suprir as empresas maiores, os(s) proprietário(s) são ex-funcionários de outra empresa do município de mesmo setor).
4. Qual é atualmente a área de atuação da empresa? (ocorreram mudanças ao longo dos anos, quando, quais (processos e produtos), motivos das mudanças)
5. Quais os principais clientes hoje? (ocorreram mudanças ao longo dos anos, quando, quais, motivos das mudanças)
6. Além da sua empresa, qual a importância das empresas do setor metalmeccânico para geração de emprego e renda no município?

Bloco 2- Desenvolvimento do município

7. O senhor acredita que a empresa contribui para o desenvolvimento econômico do município? Em quais aspectos esta contribuição é mais perceptível?
8. O senhor percebe se a partir da instalação da Stara e JAN no município, ocorre a instalação de outras empresas, além da sua? (Se sim, quais são, que atividades elas desenvolvem, onde estão localizadas)
9. A empresa tem algum envolvimento com outras instituições do município (quais, como).
10. Sobre questões ambientais, a empresa teve algum tipo de problema a este respeito, contribui para o meio ambiente, tem projetos...

11. Existe algum entrave para o desenvolvimento da empresa no município?
12. Você acredita que o setor metalmeccânico poderá acabar com a mão de obra da área rural?

Bloco 3- Sobre os funcionários da empresa

13. Quantos funcionários a empresa possuía na fundação? Quantos possui hoje?
14. Qual a taxa de rotatividade na sua empresa?
15. Com relação a mão de obra existente, é qualificada no momento da contratação ou exige qualificação por parte da empresa?
16. Os funcionários da empresa são oriundos de qual setor da economia principalmente (agropecuária, outras indústrias, comércio)?
17. Os funcionários da empresa são todos do município? Se não, quantos são de fora do município, e quais os municípios?
18. Existem funcionários que possuem alguma relação com o campo (vivem na área rural, possuem propriedades na área rural, plantam, criam)?

APÊNDICE B - Roteiro semiestruturado de entrevistas para agentes do município de Não-Me-Toque

Data da entrevista: ____/____/____

Instituição: _____

Identificação do entrevistado _____

1. O senhor (a) poderia fazer um breve histórico das transformações porque passou o município de Não-Me-toque nos últimos anos (pode ser desde que ele chegou no município)
2. A população rural do município tem diminuído nos últimos anos, segundo o IBGE. O que o senhor acredita ser responsável por esta realidade? (indagar se a empresa contribui para este contexto)
3. Fale sobre o surgimento e evolução do setor metalmeccânico no município, a sua importância na geração de emprego e renda.
4. O senhor acredita que as empresas do setor metalmeccânico contribuem para o desenvolvimento econômico do município? Em quais aspectos esta contribuição é mais perceptível?
5. O senhor percebe se a partir da instalação da Stara e JAN no município, ocorre a instalação de outras empresas, do setor metalmeccânico? Se sim quais?
6. As empresas do setor tem algum envolvimento com questões ambientais e sociais do município, tem projetos (quais, como).
7. Existem alguns entraves para o desenvolvimento do setor no município? (Explorar a resposta)
8. Qual a taxa de rotatividade das empresas do setor?
9. Como relação a mão de obra existente, é qualificada no momento da contratação ou exige qualificação por parte das empresas? (que tipo de qualificação?)
10. Os funcionários das empresas do setor são oriundos de qual setor da economia principalmente (agropecuária, outras indústrias, comércio)?
11. Os funcionários das empresas são todos do município? Se não, quantos são de fora do município, e quais os municípios?
12. Existem funcionários que possuem alguma relação com o campo (vivem na área rural, possuem propriedades na área rural, plantam, criam)?

13. Qual a participação de órgãos públicos no meio do setor (qualificação, incentivos fiscais, transporte,...)
14. Você acha que o município é muito dependente economicamente do setor metalmeccânico? Necessita de alternativas, diversificação produtiva?
15. Como você vê o meio rural perante este cenário do município? Como você projeta o futuro no meio rural? (diversificação, especialização, profissionalismo)

APÊNDICE C - ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE ENTREVISTAS PARA FUNCIONÁRIOS DAS INDÚSTRIAS

Objetivo do estudo: **Analisar a contribuição do setor metalmeccânico para o desenvolvimento do município de Não-Me-Toque/RS**

Data da entrevista: ____/____/____

Indústria: _____

Bloco 1- Caracterização do entrevistado

1) Gênero:

Masculino Feminino

2) Idade:

entre 15 e 20 anos entre 21 e 25 anos
 entre 26 e 30 anos entre 31 e 35 anos
 entre 36 e 40 anos entre 41 e 45 anos
 entre 46 e 50 anos entre 51 e 55 anos
 entre 56 e 60 anos mais de 61 anos.

3) Estado Civil:

Solteiro(a) Casado(a) Divorciado (a) Viúvo (a)

4) Escolaridade:

Não escolarizado Ensino fundamental incompleto
 Ensino fundamental completo Ensino médio incompleto
 Ensino médio completo Ensino superior incompleto
 Ensino superior completo.

Qual curso? _____.

5) Tempo de serviço na empresa:

até 1 ano de 1 a 5 anos de 5 a 10 anos de 10 a 15 anos
 de 15 a 20 anos mais de 20 anos

6) Setor de trabalho

escritório
 indústria
 recursos humanos
 outro setor, qual? _____

7) Função na empresa

Administrativa Produção Manutenção Tecnologia
 Montagem Outra. Qual? _____

8) Residência

Cidade de Não-Me-Toque
 Meio rural de Não-Me-Toque. Qual localidade? _____
 Cidade Lagoa dos Três Cantos
 Meio rural de Lagoa dos Três Cantos. Qual localidade? _____
 Cidade de Tapera
 Meio rural de Tapera Qual localidade? _____

- Cidade de Victor Graeff
 Meio rural de Victor Graeff. Qual localidade? _____
 Cidade de Carazinho
 Meio rural de Carazinho. Qual localidade? _____
 Outra Cidade Qual? _____
 Meio rural de outra cidade Qual cidade e localidade? _____

Bloco 2- Mudanças na renda e emprego

- 2.1 Qual o motivo de escolher esta empresa para trabalhar?
- Ser de grande porte Possibilidade de crescer dentro da empresa
 Salário Ser conhecida
 Outro motivo, qual? _____
- 2.2 O (a) senhor (a) já havia trabalhado antes em outra empresa do mesmo setor? Se sim, qual?
- Stara Grazmec Stahar Roster Dobel
 Metaura IGP Roberto Sestari Petrymaq
 Outra, qual? _____
- 2.3 A empresa te possibilitou uma melhora econômica de sua família? Se sim de que forma esta melhora é mais visível?
- Maior poder de consumo Maior conforto em casa Casa própria
 Automóvel Outra, qual? _____
- 2.4 A empresa te possibilitou uma melhora social de sua família? Se sim de que forma esta melhora é mais visível?
- Educação para os filhos Saúde privada Maior segurança
 Férias com a família Outra. Qual? _____
- 2.5 Se não estivesse trabalhando nesta empresa onde talvez estaria trabalhando?
- Na área rural Outra indústria No comércio
 Outro local. Qual? _____
- 2.6 Como você vê a importância da empresa para o desenvolvimento do município?
- _____
- _____
- _____
- _____
- 2.7 Você acha que a empresa na qual trabalha ajudou a melhorar a estrutura do município?
- Sim Não
 Se sim, como:
 Saúde de qualidade Educação de qualidade Maior segurança
 Pavimentação de ruas Cidade bem cuidada
 Outra contribuição? _____
 Se não por quê? _____
- 2.8 Você costuma investir o que ganha no município? Sim Não
- Se sim onde lojas de roupas e calçados supermercados farmácias
 lojas de material de construção agropecuárias médico/dentista

Se não, por quê? _____

- 2.9 Você tem acesso a lazer, cultura e esporte? Se sim, onde
 Jogo de futebol Jogo de vôlei Cinema Teatro
 Outro. Qual? _____
 Se não por quê? _____

- 2.10 Você se sente valorizado na empresa que trabalha? Sim Não
 Se sim, como bom salário respeito por parte da chefia
 bom relacionamento com colegas oportunidade de crescimento profissional)
 Promoção funcional Outro _____
 Se não por quê? _____

- 2.11 A empresa colabora na sua qualificação? Sim Não
 Se sim de que forma pagamento de cursos externos cursos internos
 Ajuda financeira para estudar em áreas que tem a ver com a indústria
 Outra forma? _____
 Se não, por quê? _____.

Bloco 3 – Sucessão do meio rural

- 3.1 Você residia no meio rural antes de trabalhar no setor metalmecânico?
 Sim Não
 Se sim, qual município? _____
 Não, residia na cidade de: _____

SE A RESPOSTA FOR SIM, CONTINUE RESPONDENDO:

- 3.2 Há quanto tempo você deixou o meio rural:
 menos de 1 ano mais de 1 ano
 mais de 5 anos mais de 10 anos
 mais de 15 anos mais de 20 anos
 Não deixei o meio rural, trabalho na área urbana e resido no meio rural

- 3.3 Seus pais / parentes/ familiares ainda moram no meio rural?
 Sim Não

- 3.4 Você parou de trabalhar no meio rural em função de:
 não se identificar com o trabalho na área rural.
 falta de oportunidades nesse meio.
 ter maior identificação na área urbana.
 já possuir proposta de emprego na área urbana
 melhores salários
 outra alternativa. Qual? _____

- 3.5 O senhor(a) quando residia, ou se ainda reside no meio rural qual era ou é a atividade principal?
 soja, trigo e milho, eram as principais
 pecuária de leite era a atividade principal

- () no mercado de trabalho. Quais? _____.
- () na nova rotina. Quais? _____.
- () não encontrou dificuldades
- () Outros. Quais? _____.

3.13 Quais as vantagens econômicas de se trabalhar no meio urbano que não são encontradas no meio rural:

- () remuneração mais vantajosa e fixa
- () remuneração menor porém fixa
- () remuneração equivalente, porém na indústria é fixa

3.14 Quanto à carga horária de trabalho:

- () No meio urbano a jornada de trabalho é menor e menos cansativa do que no meio rural
- () No meio urbano a jornada de trabalho é menor mas é mais cansativa do que no meio rural
- () No meio urbano a jornada de trabalho é maior e mais cansativa do que no meio rural
- () No meio urbano a jornada de trabalho é maior mas é menos cansativa do que no meio rural
- () As jornadas de trabalho se equivalem (são iguais) porém no meio urbano é menos cansativa
- () As jornadas de trabalho se equivalem (são iguais) porém no meio rural é menos cansativa

3.15 O senhor(a) voltaria a residir no meio rural? Se sim, em que circunstâncias?

_____.

3.16 O que o senhor consegue fazer depois que trabalha na indústria que não fazia antes quando residia no meio rural?

_____.

_____.